



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE/MS



LUCIANO ARAUJO MARTINS

GUERRA FRIA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO FILME “007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS (1981)”: ESPIONAGEM, ESTEREÓTIPOS E O ENSINO DE HISTÓRIA.

CAMPO GRANDE/MS
2024

LUCIANO ARAUJO MARTINS

GUERRA FRIA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO FILME “007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS (1981)”: ESPIONAGEM, ESTEREÓTIPOS E O ENSINO DE HISTÓRIA.

Dissertação apresentada à Banca de Defesa, do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Vanessa Locastre

Coorientador: Prof. Dr. Leandro Hecko

CAMPO GRANDE/MS

2024

M344g Martins, Luciano Araujo

Guerra Fria e as relações internacionais no filme "007 somente para seus olhos" (1981): espionagem, estereótipos e o ensino de história / Luciano Araujo Martins. – Campo Grande, MS: UEMS, 2024.

101 p.

Dissertação (Mestrado Profissional) - História (ProfHistória) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), 2024.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Vanessa Locastre

Coorientador: Prof^o. Dr^o. Leandro Hecko

1. Metodologia do ensino de história. 2. Guerra Fria no cinema. 3. Cinema e história. 4. Filmes do James Bond. 5. Espionagem. I. Locastre, Aline Vanessa. II. Hecko, Leandro. III. Título.

CDD 23 ed. 909.82

GUERRA FRIA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO FILME “007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS (1981): ESPIONAGEM, ESTEREÓTIPOS E O ENSINO DE HISTÓRIA. Luciano Araujo Martins. 2024. 101 p. Dissertação apresentada à Banca de Defesa, do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino de História. Área de concentração: Ensino de História. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Vanessa Locastre. Coorientador: Prof. Dr. Leandro Hecko

Defendido em: 26/08/2024

BANCA DE DEFESA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Vanessa Locastre
(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Prof. Dr. Andrey Minin Martin
(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Prof. Dr. Santiago Silva de Andrade
(Universidade Federal de Rondônia - UNIR)

Dedico esta pesquisa a minha pequena Sofia que sempre demonstrou carinho e paciência com o papai e a minha amada companheira de todos os momentos Karina, que não mediu esforços para me apoiar na realização do sonho de cursar o Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me guiar durante todo esse percurso e permitir a vivência dessa incrível experiência.

À professora Dra. Marinete Aparecida Zacharias Rodrigues, por todo o acolhimento e direcionamento em todas as etapas da minha trajetória no programa.

À professora Dra. Aline Vanessa Locastre por suas valiosas orientações, empatia e amizade que foram essenciais na construção do projeto de pesquisa e desta dissertação.

Ao professor Dr. Leandro Hecko, pelas excelentes aulas ofertadas na disciplina História e Cinema que foram fundamentais para escolha do tema desta pesquisa e por todo direcionamento e coorientação na elaboração deste trabalho.

Aos professores Dr. Andrey Minin Martin e Dr. Santiago Silva de Andrade por terem aceitado o convite de participar de minha banca de defesa, bem como, suas contribuições na pesquisa.

A toda a equipe de professores do ProfHistória UEMS, pelas maravilhosas aulas, profissionalismo e dedicação.

Aos prezados colegas mestrando pelas trocas durante os momentos de estudos, bem como, pelas parcerias e amizades que foram construídas ao longo do mestrado.

A UEMS pela estrutura física, equipe de profissionais e pela Bolsa PIBAP que se consolidou como um importante recurso financeiro durante o curso.

Aos gestores, coordenadores e a todos os professores das instituições de ensino que leciono e que já atuei por sempre me incentivarem a continuar nessa árdua, porém, recompensadora trajetória de estudos no mestrado.

O contato com o mundo do cinema é uma experiência única e marcante. [...]. Educar pelo cinema é ensinar a ver diferente. [...]. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético (VIGLUS, 2008, p. 5).

RESUMO

Visando uma proposta metodológica audiovisual diferenciada nas aulas de História, bem como, produção de material didático, esta pesquisa objetiva apresentar uma análise do filme: 007 Somente Para Seus Olhos (1981) e como o mesmo apresenta visões estrategicamente construídas da visão ocidental sobre as demais nações através de estereótipos no contexto da Guerra Fria (1947-1991). Para este fim, o respectivo estudo ampara-se nos conceitos de História Social do Cinema, por meio de revisão bibliográfica e análise fílmica contemplados no Programa de Mestrado PROFHISTÓRIA, tais análises visam o questionamento sobre a espionagem inserida em uma perspectiva das relações internacionais. Investigaremos como a relação entre espionagem, geopolítica e o universo de James Bond no contexto da Guerra fria, possibilitaram a produção e disseminação do filme “007 Somente Para Seus Olhos” (1981) e como a respectiva película possui grande potencial no ensino de História no respectivo contexto histórico anteriormente citado. Apresentaremos a relevância do ensino e história e cinema. Abordaremos o processo de elaboração e o guia didático propriamente dito do filme “007 Somente Para Seus Olhos” (1981) como recurso pedagógico nas aulas de História. Este guia conterá sugestões metodológicas para professores utilizarem o filme em sala de aula, a fim de enriquecer seus recursos metodológicos e ampliar as possibilidades de aprendizagem dos estudantes no ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História; Guerra Fria; Cinema; James Bond; Espionagem; Representações: Guia didático.

ABSTRACT

Aiming at a differentiated audiovisual methodological proposal in History classes, as well as the production of didactic material, this research aims to present an analysis of the film: For Your Eyes Only (1981) and how it strategically constructs the Western vision of other nations through stereotypes in the context of the Cold War (1947-1991). To this end, the respective study is based on the concepts of Social History of Cinema, through a literature review and film analysis contemplated in the PROFHISTÓRIA Master's Program. These analyses aim to question espionage within the perspective of international relations. We will investigate how the relationship between espionage, geopolitics, and the universe of James Bond in the context of the Cold War enabled the production and dissemination of the film For Your Eyes Only (1981) and how the respective film has great potential in teaching History in the previously mentioned historical context. We will present the relevance of teaching history and cinema. We will address the process of elaboration and the didactic guide itself of the film For Your Eyes Only (1981) as a pedagogical resource in History classes. This guide will contain methodological suggestions for teachers to use the film in the classroom to enrich their methodological resources and expand students' learning possibilities in History teaching.

Keywords: History Teaching; Cold War; Cinema; James Bond; Espionage; Representations: Didactic Guide.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -O papel central dos EUA e da URSS na geopolítica internacional durante a Guerra Fria.....	25
Tabela 2 - Posição do Reino Unido.....	29
Tabela 3 - Outros olhares sobre a espionagem no cinema.....	50
Tabela 4 - Cinema e possibilidades no ensino de História.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Competências Específicas de Aprendizagem BNCC e Currículo de Referência de MS.....	73
Quadro 2 - Objetivos de Aprendizagem BNCC e Currículo de Referência de MS.....	73
Quadro 3 -Possibilidades do filme "007 Somente Para Seus Olhos" no ensino de história e cinema.....	74
Quadro 4- Ficha Técnica e Contextualização do Filme "007 - Somente Para Seus Olhos"	77
Quadro 5- Elementos para realizar uma análise fílmica.....	78

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Divulgação do filme: 007 –Somente para seus olhos.....	72
Imagem 2 – 007 refém de um “lunático” que controla um helicópeto por controle remoto....	80
Imagem 3 – dispositivo de comunicação militar britânico chamado ATAC.....	81
Imagem 4 – Divulgação do automóvel Lotus Esprit Turbo.....	82
Imagem 5 – Bond girl Melina Havelock.....	83
Imagem 6 – O MI6, a agência de inteligência britânica.....	84
Imagem 7 – Perseguição em Cortina d'Ampezzo.....	85
Imagem 8 – Cenas na Grécia.....	86
Imagem 9 – A busca pelo A.T.A.C (dispositivo de controle de mísseis).....	87
Imagem 10– Confronto Final no Mosteiro de Meteora.....	88
Imagem 11– Interação entre Bond e General Gogol (KGB).....	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. GUERRA FRIA, ESPIONAGEM E CINEMA	22
1.1. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A GUERRA FRIA	22
1.1.1. A hegemonia dos Estados Unidos	23
1.1.2. O papel central dos EUA e da URSS na geopolítica internacional	25
1.1.3. A posição secundária do Reino Unido	28
1.2. ESPIONAGEM: INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS E CULTURAIS	31
1.2.1. Algumas obras literárias que abordam a espionagem no período pós-guerra	33
1.3. CINEMA E ESPIONAGEM	35
1.3.1. Cinema, espionagem e narrativa de confronto ideológico entre EUA e URSS	39
2. GEOPOLÍTICA, ESPIONAGEM E O UNIVERSO DE JAMES BOND	41
2.1 ESPIONAGEM NO CINEMA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS	43
2.1.1. Representações de vigilância, criptografia e outras tecnologias de espionagem em produtos culturais	45
2.2 REFLEXOS DAS REPRESENTAÇÕES DE ESPIONAGEM NA POLÍTICA EXTERNA	47
2.2.1. Outros olhares sobre a espionagem no cinema	49
2.2.2. Inovações Tecnológicas na Espionagem durante a Guerra Fria	52
2.3. GUERRA FRIA E A FRANQUIA JAMES BOND 007	55
2.3.1. Produção e disseminação do filme “007 Somente Para Seus Olhos” (1981)	57
3. GUIA DIDÁTICO DO FILME 007 – SOMENTE PARA SEUS OLHOS (1981)	62
3.1 ENSINO DE HISTÓRIA E CINEMA	62
3.2 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E ELABORAÇÃO DO GUIA DIDÁTICO	69
3.3 PRODUTO: GUIA DIDÁTICO DO FILME 007 – SOMENTE PARA SEUS OLHOS	

(1981)	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	98

INTRODUÇÃO

Como educador e pesquisador, a busca por metodologias e materiais didáticos que oportunizem novos olhares sobre a Guerra Fria e a hegemonia ocidental em relação às demais nações se consolidou como força motriz para esta pesquisa. Além disso, o objetivo deste trabalho é envolver e incentivar os estudantes a conhecer e refletir sobre os processos de dominação e a reconstrução desses saberes.

Durante a Guerra Fria (1947-1991) os acordos de paz entre os Estados Unidos e a União Soviética estavam amparados pela mútua ameaça do armamento nuclear, o que ampliou a crescente militarização das duas potências mundiais. Nessa corrida, ampliou-se a busca por informações privilegiadas sobre as estratégias ideológicas e militares das respectivas nações que representavam os blocos capitalista e socialista no mundo. Nesse sentido, a espionagem ganha destaque, pois como pontua o historiador e professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Giuliano Fregapani, o autor do livro "Segredos da Espionagem: A Influência dos Serviços Secretos nas Decisões Estratégicas" (2017, p. 18), enquanto os soviéticos roubavam segredos nucleares americanos, estes incrementavam a espionagem aérea e eletrônica.

No fim da década de 1940, movimentos favoráveis à mudança política e econômica surgiram na América Latina, porém, foram silenciados e na maioria das vezes extintos pelo empoderamento das elites locais apoiadas pelos Estados Unidos que segundo o professor titular no Departamento de História da USP, Leandro Karnal (2007, p. 215), conseguiram manter os países latino-americanos sob a influência ocidental por meio de invasão, orquestração de golpes, obstáculos à reforma social e apoio técnico e político a regimes militares repressivos.

A imagem construída pelos Estados Unidos, Inglaterra e demais países associados ao bloco capitalista na memória coletiva, centra-se na prosperidade econômica e nos preceitos morais que situam tais nações como detentores de valores culturais economia e concepções políticas superiores. Nessa visão ocidental, todos os que aderissem à respectiva ótica teriam emprego estável e ampla oportunidade de mobilidade social, como a perspectiva do *American Way Of Life* (Estilo De Vida Americano) que foi um modelo de comportamento surgido nos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial que passava pelo consumismo e a padronização social assim como o *Self Made Man*, expressão americana criada no século XIX que seria aquele que “se fez”, que conseguiu sucesso por si mesmo, por seus próprios esforços e sua própria dedicação, tais ideais estavam ancorados em crenças liberais.

A literatura, o rádio, a televisão e o cinema foram grandes aliados nesse imaginário, que estruturou a identidade estadunidense em suas definições de si e dos outros. Tais produtos culturais, mesmo indiretamente, sempre estarão permeados por características e contextos ideológicos, de acordo com o renomado historiador francês, conhecido por suas contribuições significativas para o estudo das relações entre história e memória, Jacques Le Goff (2003, p. 538-539), as produções cinematográficas, como os demais produtos culturais, são montagens de uma sociedade e de uma época.

Se tratando de cinema, observa-se a referida ideologia¹ nas películas quando se analisa o processo de produção das mesmas. Na maioria das vezes, este conteúdo ideológico é transmitido intencionalmente pelas nações dominantes que apresentam modos de vida e valores de grupos sociais selecionados que o grande público tende a considerar como o padrão ideal de comportamento. Roman Jakobson (1896-1982), que foi um linguista e teórico literário russo, amplamente reconhecido por suas contribuições à linguística estrutural e à teoria da comunicação, sendo uma figura central no desenvolvimento da linguística moderna e da análise literária, definiu bem essa relação ideológica, quando menciona que o cinema, desde seu surgimento, serviu como instrumento de propaganda e educação informal (1970, p.153).

Segundo o cientista social Miguel Chaia, autor de diversos trabalhos sobre cinema e sua relação com a política e a cultura e professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a história do cinema comercial transparece a existência de uma relação íntima entre cinema e política. O pesquisador problematiza que a própria linguagem do cinema se desenvolve no centro da modernidade, em uma sociedade caracterizada por um processo cada vez maior da produção em grande escala (2009, p.7).

Como o pesquisador, especialista em cinema e cultura e professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, onde leciona e orienta no Curso de Graduação de Cinema, no Curso de Graduação de História e no Programa de Pós-Graduação de História, Alexandre Busko Valim (2006) enfatiza:

[...]O filme é um mediador entre a sociedade que o produz (expressando as características e os valores presentes), e a que o recebe (que apreende também de acordo com suas características e seus valores). [...] No cinema, um protocolo de leitura pode estar em um anúncio, em um cartaz, em uma

¹ No Dicionário de Política de Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, a definição de ideologia é discutida em um contexto amplo e complexo, refletindo sobre as várias interpretações que o termo assumiu ao longo do tempo, especialmente em ciências sociais e filosofia política. No geral, o termo ideologia refere-se a um sistema de crenças, valores e ideias que orientam o comportamento político de grupos ou sociedades. A ideologia pode servir como uma ferramenta para a manutenção do poder, justificando a ordem existente, ou como um meio de transformação, propondo mudanças sociais e políticas.. Fonte bibliográfica: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. Dicionário de Política. 12ª ed. Trad. Carmen C. Varriale. Brasília: Editora UnB, 2000.

propaganda, em um trabalho anterior feito pelo diretor ou pelos atores principais, no gênero utilizado, na crítica especializada e, obviamente, no próprio filme. Além disso, **o que se fala a respeito de um tema, como o comunismo, religião ou democracia, também influencia na interiorização de uma mensagem.** (p.37, grifo nosso).

O amplamente respeitado, historiador britânico, Eric Hobsbawm, conhecido por suas análises profundas e abrangentes sobre a história do século XX, pontua que artistas de vanguarda² também apresentaram um papel importante na arte cinematográfica. Os mesmos tiveram suas influências nos movimentos artísticos como o surrealismo e o expressionismo e apresentavam questionamentos aos padrões de convívio social da época (1995, p.146-147). Entretanto, em linhas gerais, as nações ou grupos sociais que não atendessem às características ideológicas dos produtores das películas foram invisibilizadas ou marginalizadas nas obras cinematográficas. Seguindo essa linha, o pesquisador espanhol, Jurjo Torres Santomé, que é professor titular na Faculdade de Ciências da Educação na Universidade da Coruña, na Galícia, Espanha, onde pesquisa temas relacionados ao campo do currículo e da educação multicultural, pontua que tal invisibilidade:

[...] é uma das maneiras de construir e reforçar estereótipos e preconceito sobre grupos e povos marginalizados e sem poder e, por conseguinte, de lhes atribuir responsabilidades exclusivas pelas situações que lhe são impostas. Com uma história narrada com tal quantidade de deformações, seus leitores e leitoras podem atribuir facilmente a esses povos qualificativos tais como: primitivos, cruéis, assassinos, ladrões, estúpidos, pobres, exóticos (SANTOMÉ, 2012, p.165, grifo nosso).

Com base nas observações anteriores, podemos elencar que os filmes representam as ideologias de seus roteiristas e diretores, podendo dialogar ou não com as diretrizes políticas oficiais de seus países. Cabe ressaltar que para além de Hollywood, que goza de reconhecimento global como o epicentro da indústria cinematográfica, diversas outras regiões e nações desempenham papéis de destaque na produção de filmes. Países como Índia, Nigéria, França, Irã, Espanha, China, entre outros, têm contribuído de forma significativa para o cenário cinematográfico global. Cada uma dessas indústrias cinematográficas apresentam características distintas e oferece contribuições únicas para o panorama do entretenimento mundial e principalmente nas diversas possibilidades de análises contidas nas construções

² Embora Eric Hobsbawm, em seu livro "Era dos Extremos" (1995, não mencione nomes específicos, podemos identificar vários artistas e movimentos vanguardistas que tiveram uma influência significativa no cinema. No surrealismo, temos, por exemplo, Luis Buñuel que dirigiu filmes icônicos como "Un Chien Andalou" (1929) e "L'Âge d'Or" (1930). Podemos elencar a participação de Salvador Dalí que além de colaborar com Buñuel, Dalí contribuiu com ideias e conceitos visuais que influenciaram o cinema surrealista. Já no expressionismo, Robert Wiene: Diretor de "O Gabinete do Dr. Caligari" (1920), foi um marco do expressionismo alemão no cinema. Fritz Lang: Conhecido por filmes como "Metrópolis" (1927) e "M" (1931), combinou elementos expressionistas com narrativas complexas em suas produções. Fontes bibliográficas: GUBERN, R, HAMMOND, P. *Luis Buñuel: Os Anos Vermelhos, 1929-1939*. University of Wisconsin Press, 2012 e MCGILLIGAN, P. *Fritz Lang: A Natureza da Besta*. University of Minnesota Press, 2013.

históricas, sociais e políticas existentes nessa diversidade de produções cinematográficas.

Nessa perspectiva do cinema enquanto instrumento ideológico, os pesquisadores na relação entre estudos culturais, comunicação e mídia, Claudio Luís de Camargo Penteadó, e Bruno Novaes Araujo (2018, p.272) destacaram que o período da Guerra Fria foi produtivo tanto para os roteiristas de cinema estadunidense, como para os soviéticos porque esses autores tiveram a oportunidade de construir diversas películas que transmitiram os ideais e interesses de cada bloco econômico e quem eram seus inimigos, em outras palavras, o mal em potencial que deveria ser eliminado para o bem da nação.

Com o grande crescimento da indústria cinematográfica de Hollywood, o cinema americano e respectivamente, a visão ocidental obtiveram amplo destaque no cenário internacional. Diversos filmes apresentaram gêneros e temáticas que propagavam durante o período da Guerra Fria ideologias favoráveis aos interesses capitalistas. Entre tais filmes, podemos citar a franquia dos filmes 007 que possui atualmente 25 filmes produzidos e seis atores que deram vida a James Bond, um dos espiões mais famosos do cinema. A criação do personagem é de autoria do escritor Ian Flemming, em resumo, Bond é um agente secreto que atua no serviço de inteligência e espionagem britânico, o famoso MI 6, o espião representa os ideais britânicos sempre enviado para missões com total licença para eliminar aqueles que oferecem riscos a paz mundial. Como os cientistas sociais Cláudio Penteadó e Bruno Araújo (2018, p. 277) assinalam, podemos listar as primeiras dezesseis películas, lançadas, entre 1962 e 1989, como produções influenciadas pelos conflitos entre os dois blocos econômicos na Guerra Fria.

Nesse contexto, o foco de nossa pesquisa se concentrará no décimo segundo filme da Franquia 007, sendo ele: 007 Somente Para Seus Olhos (1981).³ O respectivo estudo pretende demonstrar que a película mencionada acima, apresenta visões estrategicamente construídas pelos Estados Unidos e países associados da visão ocidental sobre as demais nações através de estereótipos no contexto da Guerra Fria (1947-1991). Para este fim, utiliza a espionagem dentro de uma perspectiva das relações internacionais como estratégia para justificar e consolidar a necessidade de tal intervenção em nome da paz mundial. Nossa hipótese é de que as representações dessa prática em produtos culturais, de certo modo, minimiza as implicações da espionagem de Estado que fere a soberania nacional e os tratados internacionais.

Dessa forma, a observação e reflexão, mediante a metodologia específica para análise

³Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

de tal filme é extremamente relevante para nossa prática docente e o ensino de História em sala de aula. Alice Casimiro Lopes, que possui trabalhos reconhecidos por suas contribuições significativas ao estudo do currículo, políticas educacionais e teoria curricular e atua como professora titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Programa de Pós-Graduação em Educação, reforça que:

[...]educação é muito mais do que ensinar conhecimentos, transmitir conteúdos e produzir resultados em exames. Tampouco vincula-se a projetos identitários fixos para os alunos e alunas ou à formação de um pressuposto sujeito educado universal. **Educação se remete à cultura, aos processos de identificação imprevisíveis e incontroláveis, à constante dinâmica incomensurável entre permanência e mudança** (só se produz algo novo, com base em uma tradição; só se constrói uma tradição, pela mudança de seus sentidos) (2018, p.25-26, grifo nosso).

Roque de Barros Laraia, antropólogo, conhecido por explorar a definição e os diferentes aspectos da cultura, destacando sua importância na compreensão das sociedades humanas, pontua que a cultura de determinado grupo ou povo está envolta pelas diversas manifestações de “comportamentos sociais e até mesmo posturas corporais” embasadas por considerações de ordem moral e valorativa, enfim, cada grupo tem o seu modo de ver o mundo (2007, p.36). Nessa perspectiva, analisar as relações internacionais de supremacia da visão ocidental no contexto da Guerra Fria construída no filme 007 Somente Para Seus Olhos (1981) apresenta significativa relevância para compreensão de vários aspectos da construção social histórica no passado e na atualidade.

Eduardo Victorio Morettin,⁴ historiador e pesquisador brasileiro, especializado em história do cinema e audiovisual, professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão e do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais (PPGMPA) da Universidade de São Paulo (USP), problematiza, que as películas de reconstituição histórica são importantes também pelo que dizem a respeito do seu presente, do momento em que foram feitas e não propriamente pela representação do passado (2007, p.31).

Conforme elencado pela professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rosália Duarte (2002, p.82-83), o cinema, além de outras diversas possibilidades, possui um papel pedagógico e cabe a escola, bem como a seus respectivos docentes oferecerem recursos e metodologias adequadas para que os alunos tenham a

⁴ Eduardo Victorio Morettin se destaca por suas análises sobre a utilização do cinema na historiografia e como o audiovisual pode ser uma ferramenta para entender e reinterpretar eventos históricos e contextos culturais. Seu trabalho contribui significativamente para o campo da História e do Cinema, fornecendo uma perspectiva crítica sobre como o cinema pode ser usado como fonte e interpretação histórica. Pesquisa realizada no site: Universidade de São Paulo (USP). Perfil do docente Eduardo Victorio Morettin. Disponível em: < <https://www.eca.usp.br/ctr/corpo-docente-prof-dr-eduardo-victorio-morettin>.>. Acesso em 12 mar. 2024.

oportunidade de construir um domínio da linguagem cinematográfica a fim de compreender a gama de técnicas e ideologias expressas nos filmes. Tal construção é caracterizada por Marc Ferro⁵ que foi um historiador e cineasta francês, reconhecido por seu trabalho pioneiro na utilização do cinema como fonte histórica, por “diegese”, ou seja, a descoberta pelo espectador (em nosso caso, o discente) da realidade interna da obra que foi elaborada por uma equipe e com um objetivo específico (1976, p.5-6).

Seguindo essa linha de raciocínio, Kátia Maria Abud, historiadora e professora e pesquisadora na Universidade de São Paulo (USP), explora como o cinema pode ser utilizado para enriquecer o ensino de História, proporcionando uma compreensão mais profunda e engajada dos eventos históricos. A pesquisadora é conhecida por suas contribuições para o desenvolvimento da didática da História, especialmente no que diz respeito à integração de recursos audiovisuais no ensino, por isso, discute a importância e os benefícios de usar o cinema como uma ferramenta didática no ensino de História. Argumenta que filmes históricos podem ajudar a contextualizar eventos e períodos históricos, tornando-os mais acessíveis e interessantes para os estudantes. Seus estudos nos oferecerão uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e sugestões estratégias para a integração eficaz do cinema no currículo de História, visando promover um aprendizado mais dinâmico e envolvente.

Nesse aspecto, Abud (2003) nos lembra que:

As imagens merecem estar em sala de aula porque sua leitura nunca é passiva. Elas provocam uma atividade psíquica intensa feita de seleções, de relações entre elementos da mesma obra, mas também com outras imagens e com representações criadas e expressas por outras formas de linguagem. (p.188, grifo nosso).

Assim, é fundamental ressaltar a relevância das estratégias metodológicas na análise do filme, bem como o papel essencial desempenhado pelo professor na orientação dessas análises mais profundas, que vão além do óbvio. Pois como reforça, o historiador e professor Marcos Napolitano⁶:

⁵ Marc Ferro (1924-2021) foi diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) em Paris, onde se destacou como um dos principais estudiosos da história contemporânea. Ferro também foi co-diretor da prestigiada revista *Annales*, uma das principais publicações acadêmicas de história. Além de sua carreira acadêmica, Marc Ferro trabalhou como cineasta e documentarista, criando filmes que abordavam temas históricos e sociais. É conhecido por suas abordagens inovadoras na historiografia, particularmente no uso de fontes não tradicionais, como filmes, para a compreensão histórica. Ele foi um dos primeiros a defender que o cinema não apenas reflete a sociedade, mas também atua como um documento histórico que pode ser analisado para entender melhor os contextos históricos e culturais.). Informações disponíveis em: École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Perfil de Marc Ferro. Disponível em: <<http://www.ehess.fr>>. Acesso em 12 fev. 2024.

⁶ Marcos Napolitano é professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Napolitano tem uma carreira acadêmica com ênfase na História Contemporânea, História do Brasil e na relação entre História e Mídia. É amplamente conhecido por suas pesquisas sobre a utilização de recursos audiovisuais no ensino de História, bem como por seus estudos sobre a

[...] aquele que comete o grave equívoco de assumir aqueles 90min. de exibição como a pura realidade, como se a lente da câmera que capta essa realidade fosse imparcial e neutra; e como “texto-gerador”, aquele que, num primeiro momento, possui utilidade para a sequência planejada de atividades, mas que nega o estatuto do cinema (2003, p. 34).

A respectiva pesquisa ampara-se nos conceitos de História Social do Cinema, que oferecerá uma perspectiva enriquecedora para o trabalho em questão, pois, além dos aspectos técnicos ou estilísticos das fontes de análise, esse campo de conhecimento nos auxiliará no aprofundamento da intencionalidade nas produções por identificar o contexto social, político, econômico e cultural em que as fontes de análise foram produzidas e recebidas pelo público. Dessa forma, a estrutura analítica deste campo contribui para a investigação não apenas do filme em si, mas também do mundo que o cercava quando foi produzido e como ele continua a impactar nossa cultura e sociedade.

Com tais aspectos em mente, nossos estudos serão conduzidos por meio de revisão bibliográfica onde será explanado no primeiro momento uma análise sobre a espionagem no contexto da Guerra Fria, por meio dos produtos culturais e de alguns apontamentos sobre o tema e como tal prática se consolidou como ferramenta política. Na sequência, por meio de bibliografia específica, pretendemos identificar como o processo de supremacia da visão ocidental foi construído no cenário internacional e no terceiro momento, será apresentada uma análise do filme *007 Somente Para Seus Olhos* (1981), como guia didático visando demonstrar seu potencial como relevante recurso pedagógico no ensino de História.

As fontes selecionadas apresentam análises relevantes sobre a espionagem e hegemonia da visão ocidental no contexto da Guerra Fria e sua relação com as imagens e o cinema como contempladas nas pesquisas de Alexandre Busko Valim (2006) e Leandro Karnal (2007). Entre os teóricos do Cinema, destacamos Marc Ferro (1976) e Eduardo Morettin (2007). Na fundamental relação entre Cinema e educação elencamos, Katia Maria Abud (2003), Marcos Napolitano (2003), Miguel Chaia (2009), entre outros.

Os objetivos de nossa pesquisa, será buscar na análise fílmica as respostas as seguintes indagações: De que forma a construção da hegemonia ocidental no contexto da Guerra Fria (1947-1991) é estabelecida e justificada por meio da prática da espionagem na película? De que forma a visão ocidental é construída e retratada no filme? Quais elementos transmitem a ideia

música popular brasileira e a história do cinema. Ele explora como o cinema pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz para ensinar História, permitindo aos alunos uma compreensão mais rica e contextualizada dos eventos históricos. Pesquisa realizada no site: Universidade de São Paulo (USP). Perfil do docente Marcos Napolitano. Disponível em: <<http://historia.fflch.usp.br>>. Acesso em 15 mar. 2024.

de supremacia ocidental nessa produção cinematográfica? Quais os riscos a soberania nacional e aos tratados internacionais com a prática da espionagem? Como as vulnerabilidades geradas por tais ações são minimizadas nesse longa-metragem? Qual é a relação entre o contexto de espionagem retratado na película e na atualidade? A análise do filme citado pode, de fato, ser uma ferramenta pedagógica no ensino de História em sala de aula?

No desenvolvimento da dissertação, bem como do produto final, pretende-se explicitar por meio de referencial teórico e análise fílmica da produção audiovisual anteriormente citada, que a espionagem se estabeleceu como ferramenta política nas relações internacionais. Nossa proposta é demonstrar que a representação dessa prática em produtos culturais, como é o caso do filme a ser examinado, muitas vezes suaviza as implicações sérias da espionagem as quais podem incluir a violação da soberania nacional e acordos internacionais. Nesse contexto, a pesquisa será estruturada da seguinte maneira:

Capítulo 1: Apontaremos alguns estudos que abordam que aborda a Guerra Fria, a hegemonia da visão ocidental, o papel central dos EUA e da URSS na geopolítica internacional, a posição secundária do Reino Unido e como esses fatores influenciaram o cinema. Exploraremos o tema da espionagem no cinema, fazendo um levantamento sobre como a espionagem foi retratada no período imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, com foco nos filmes e nos estudos relacionada ao tema.

Capítulo 2: Investigaremos como a relação entre espionagem, geopolítica e o universo de James Bond no contexto da Guerra fria, possibilitaram a produção e disseminação do filme “007 Somente Para Seus Olhos” (1981) e como a película possui grande potencial no ensino de História no respectivo contexto histórico anteriormente citado.

Capítulo 3: Apresentaremos a relevância do ensino de história e cinema. Abordaremos o processo de elaboração e o guia didático propriamente dito do filme “007 Somente Para Seus Olhos” (1981) como recurso pedagógico nas aulas de História. Este guia conterà sugestões metodológicas para professores utilizarem o filme em sala de aula, a fim de enriquecer seus recursos metodológicos e ampliar as possibilidades de aprendizagem dos estudantes no ensino de História.

1. GUERRA FRIA, ESPIONAGEM E CINEMA

Neste capítulo, buscamos analisar alguns apontamentos sobre a Guerra Fria, a hegemonia da visão ocidental, o papel central dos EUA e da URSS na geopolítica internacional, a posição secundária do Reino Unido e como esses fatores influenciaram o cinema. Exploraremos o tema da espionagem no cinema, fazendo um levantamento sobre como a espionagem foi retratada no período imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, com foco nos filmes e em alguns estudos relacionados ao tema.

1.1 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A GUERRA FRIA

A Guerra Fria, período de intensa rivalidade geopolítica entre os Estados Unidos e a União Soviética após a Segunda Guerra Mundial, marcou profundamente o século XX. Este conflito, caracterizado por uma competição ideológica, militar e econômica, também se desdobrou em uma complexa teia de espionagem que envolveu ambos os blocos. Nesse contexto, diversos estudiosos contribuíram para a compreensão desse fenômeno, cada um oferecendo uma perspectiva única sobre as dinâmicas políticas, sociais e culturais da época.

Para investigar tal período histórico, é fundamental explorar as perspectivas iniciais que moldaram a interpretação desse conflito. O historiador, brasileiro, Francisco Carlos Teixeira Da Silva, professor titular de História Moderna e Contemporânea na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que apresenta análises detalhadas e críticas sobre a relação entre cinema e história, contribui significativamente para o campo dos estudos culturais e análise dessas produções cinematográficas, destacando que a polarização ideológica foi um dos principais impulsionadores do confronto. O pesquisador salienta as diferentes abordagens políticas adotadas pelos Estados Unidos e pela União Soviética e enfatiza que essa divergência ideológica foi acentuada por interesses geopolíticos e econômicos, resultando em um período tenso marcado pela ameaça constante de conflito armado (2004, pp. 95-99)

O historiador britânico e professor de Estudos Cinematográficos na Universidade de Leicester, Reino Unido, James Chapman⁷, amplia a análise da Guerra Fria ao examinar suas

⁷ O historiador e professor James Chapman é amplamente reconhecido por seu trabalho acadêmico no campo dos estudos cinematográficos e culturais, especialmente em relação à série de filmes de James Bond. Chapman tem um vasto interesse de pesquisa na história do cinema britânico e da cultura popular, e suas principais publicações incluem: e “Os Britânicos em Guerra: Cinema, Estado e Propaganda, 1939-1945”(1997) e "Licença para se Deslumbrar: Uma História Cultural dos Filmes de James Bond"(2009). Informações disponíveis em: <<http://www2.le.ac.uk/departments/media/people/james-chapman>>. Acesso em 25 fev. 2024.

dimensões cultural e social. O autor argumenta que o conflito não se limitou às arenas políticas e militares, mas permeou todas as esferas da vida cotidiana. A Guerra Fria, segundo Chapman, também foi travada nas telas de cinema, nas páginas de romances e nas representações artísticas (2007, p. 12). Essa abordagem enriquece a compreensão do período, destacando como as narrativas culturais foram utilizadas como ferramentas de propaganda e construção de identidade nacional.

Robert Collins, historiador estadunidense e professor no Departamento de História da Universidade do Missouri, Estados Unidos, onde realiza pesquisas sobre história política e cultural dos Estados Unidos, aponta que a espionagem foi um elemento central na Guerra Fria, cujas nuances são cruciais para entender o período. O pesquisador enfatiza como as agências de inteligência desempenharam papéis estratégicos na coleta de informações e na manipulação de eventos globais. Ao explorar as táticas de espionagem utilizadas pelos Estados Unidos e pela União Soviética, Collins oferece uma análise profunda das dinâmicas secretas que moldaram a geopolítica da época (2007, p. 211).

Chapman, ainda argumenta que o cinema desempenhou um papel crucial na construção de narrativas sobre a espionagem, influenciando a percepção pública e moldando as imagens dos agentes secretos. Segundo o autor, as produções cinematográficas, não apenas refletiram as realidades da Guerra Fria, mas também contribuíram para a construção de mitos e estereótipos que persistem até os dias atuais (2007, p.98).

Nesse sentido, tais apontamentos sobre a Guerra Fria oferecem uma variedade de perspectivas que enriquecem nossa compreensão desse período histórico complexo. Desde as análises iniciais de Silva (2004) sobre a polarização ideológica até as abordagens de Collins (2007) e Chapman (2007) sobre as representações cinematográficas da espionagem, observamos que os pesquisadores contribuíram significativamente para análise da estrutura e complexidade desse período marcante da história mundial.

1.1.1A hegemonia dos Estados Unidos

A Guerra Fria, como destacado anteriormente, foi um período tenso e complexo que envolveu uma rivalidade ideológica e geopolítica entre os blocos capitalista e socialista liderados pelos Estados Unidos e a União Soviética. Os Estados Unidos desempenhou um papel hegemônico nesse cenário, influenciando não apenas as relações políticas e econômicas, mas também moldando as representações cinematográficas da espionagem durante esse período

histórico.

Hobsbawm (1995, p. 48) pontua que a supremacia dos Estados Unidos se manifestou em diferentes esferas, incluindo a cultural. O cinema, como uma forma poderosa de expressão cultural, tornou-se uma ferramenta importante na disseminação das narrativas e valores associados à espionagem durante a Guerra Fria. Filmes produzidos nesse contexto muitas vezes refletiam as perspectivas e interesses dos Estados Unidos, contribuindo para a construção de uma imagem específica do inimigo e do papel do serviço de inteligência.

Susan Jeffords, pesquisadora estadunidense nos estudos de gênero, cinema e cultura popular, com um foco particular nas representações de masculinidade e identidade nos filmes, argumenta que a hegemonia cultural dos Estados Unidos na Guerra Fria teve um impacto profundo nas representações de gênero nos filmes de espionagem. A construção da figura do espião muitas vezes refletia as noções dominantes de masculinidade, reforçando estereótipos e expectativas sociais. Essas representações, por sua vez, contribuíram para a consolidação de uma narrativa patriarcal que ecoava as estruturas de poder predominantes na sociedade da época (1993, p. 59).

Collins (2007, p. 79) aprofunda a discussão ao explorar como a soberania cultural dos Estados Unidos influenciou a abordagem cinematográfica em relação aos serviços de inteligência. A construção de heróis e vilões, muitas vezes simplificada, refletia a polarização ideológica da Guerra Fria. Os filmes frequentemente retratavam os agentes de inteligência americanos como heróis corajosos, enquanto os antagonistas eram caricaturas dos inimigos ideológicos da época.

Chapman (2007), examina a interseção entre a hegemonia dos Estados Unidos e a globalização na produção cinematográfica durante a Guerra Fria. A disseminação dessas representações culturais influenciou não apenas o público interno, mas também teve um impacto significativo em outras nações. A exportação da cultura cinematográfica americana contribuiu para a consolidação da influência cultural dos Estados Unidos em escala global. Os filmes de espionagem serviam como instrumentos de propaganda, moldando a percepção do público sobre questões políticas e estimulando o senso de identidade nacional (pp. 19-21)

Em resumo, a hegemonia dos Estados Unidos na Guerra Fria, permeou diversas esferas da sociedade, incluindo a produção cinematográfica. Tal influência, moldou as representações da espionagem no cinema, contribuindo para a construção de narrativas que refletiam não apenas os eventos geopolíticos da época, mas também os valores e perspectivas dos Estados Unidos na busca pela dominação ideológica.

1.1.2 O papel central dos EUA e da URSS na geopolítica internacional

A Guerra Fria, que se desenrolou entre as décadas de 1940 e 1990, foi marcada por uma intensa rivalidade geopolítica entre os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética (URSS), culminando em um período de tensões globais. Essas superpotências desempenharam papéis fundamentais na configuração do cenário internacional, influenciando não apenas eventos políticos, econômicos e militares, mas também deixando um impacto profundo na cultura popular, como evidenciado pelo tema da espionagem e suas representações no cinema. Neste contexto, é fundamental compreender o papel central desempenhado pelos EUA e pela URSS na geopolítica internacional durante a Guerra Fria.

A tabela abaixo apresenta uma visão geral dos papéis desempenhados pelos Estados Unidos (EUA) e pela União Soviética (URSS) na geopolítica internacional durante o período tenso da Guerra Fria. Este conflito ideológico e político entre as duas superpotências moldou o curso da história do século XX, influenciando não apenas os eventos diretos entre essas nações, mas também afetando inúmeras regiões do mundo por meio de suas políticas e alianças.

Tabela 1 -O papel central dos EUA e da URSS na geopolítica internacional durante a Guerra Fria.

Aspectos	Estados Unidos	União Soviética
Ideologia Política	Capitalismo democrático, defensor da democracia liberal.	Socialismo, comunismo, governo de partido único.
Estratégia Militar	Estratégia de contenção (<i>containment</i>), doutrina Truman.	Estratégia defensiva, Pacto de Varsóvia, Telão de Ferro.
Corrida Armamentista	Liderou a corrida armamentista, Arsenal nuclear significativo.	Respondeu à corrida armamentista, manteve um poder militar robusto.
Espionagem	Agência Central de Inteligência (CIA), Operações clandestinas.	KGB (Comitê de Segurança do Estado), Espionagem extensiva.
Conflitos Diretos	Guerra da Coreia, Guerra do Vietnã, Crise dos Mísseis Cubanos.	Intervenções na Europa Oriental, Guerra do Afeganistão.

Aspectos	Estados Unidos	União Soviética
Alianças Políticas	OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).	Pacto de Varsóvia, relações com países socialistas.
Influência Global	Papel de líder na ordem capitalista mundial.	Busca pela expansão do socialismo em nível global.
Espaço	Corrida Espacial, pouso na lua (1969).	Primeiro satélite artificial (Sputnik, 1957), pioneirismo espacial.
Guerras por Procuração	Financiamento de aliados em conflitos regionais.	Apoio a movimentos comunistas em diversas regiões.
Consequências	Queda do Muro de Berlim (1989), Dissolução da URSS (1991).	Desmantelamento da União Soviética, independência de repúblicas.

Fonte: Traduzido e adaptado pelo autor da obra de Chapman (2007).

Os EUA, representantes do capitalismo democrático, defendiam a democracia liberal e implementaram a estratégia de contenção, destacada pela doutrina Truman. Enquanto isso, a URSS, uma nação socialista e comunista, adotou uma estratégia defensiva, formando o Pacto de Varsóvia. Essas ideologias opostas e estratégias militares delinearão as linhas de confronto ideológico e geopolítico, resultando em conflitos diretos e indiretos.

Nesse sentido, a tabela demonstra a intensa corrida armamentista entre as duas superpotências, onde os EUA lideraram com um arsenal nuclear significativo. Ambos os lados empregaram extensivamente a espionagem, com a CIA nos EUA e o KGB na URSS, conduzindo operações clandestinas para obter informações e vantagens estratégicas.

Os EUA participaram de conflitos diretos notáveis, como a Guerra da Coreia e a Guerra do Vietnã, enquanto a URSS interveio na Europa Oriental e no Afeganistão. As alianças políticas refletiam essas rivalidades, com os EUA liderando a OTAN e a URSS estabelecendo o Pacto de Varsóvia. Estas alianças desempenharam papéis cruciais na manutenção do equilíbrio de poder.

Ambas as superpotências buscaram exercer influência global. Os EUA lideraram a ordem capitalista mundial, enquanto a URSS promovia o socialismo internacional. O colapso da União Soviética em 1991 marcou o fim da Guerra Fria, com a queda do Muro de Berlim (1989) sendo um símbolo emblemático. Este período deixou um legado significativo, redefinindo alianças globais e estabelecendo novas dinâmicas geopolíticas.

Ao emergirem vitoriosos da Segunda Guerra Mundial, os EUA e a URSS se estabeleceram como as principais potências mundiais, inaugurando uma era de bipolarização global. Esse fenômeno geopolítico foi marcado pela divisão do mundo em esferas de influência, onde cada superpotência buscava expandir seu alcance ideológico e político. Como destacado por Silva, a bipolaridade foi um elemento fundamental na dinâmica da Guerra Fria, influenciando diretamente a corrida armamentista e os conflitos regionais (2004, p.102).

A Guerra Fria não foi apenas uma disputa militar, mas também uma batalha ideológica entre o capitalismo, representado pelos EUA, e o comunismo, personificado pela URSS. Essa competição ideológica se desdobrou em uma intensa corrida para obter informações estratégicas, levando à proliferação de atividades de espionagem. Chapman (2007, p. 58) ressalta que os serviços de inteligência tornaram-se peças-chave no tabuleiro geopolítico, influenciando diretamente as estratégias e decisões dos líderes das superpotências.

A representação da espionagem no cinema desempenhou um papel significativo na construção da narrativa cultural da Guerra Fria. Collins (2007, p. 75) enfatiza que filmes como "007 Contra o Satânico Dr. No" e "O Espião Que Saiu do Frio" refletiram não apenas a realidade das operações secretas, mas também serviram como meio de propaganda, reforçando estereótipos e narrativas construídas por ambos os lados do conflito. Essas representações cinematográficas contribuíram para moldar a percepção pública da espionagem e influenciaram a forma como as superpotências eram retratadas.

A espionagem não era apenas uma atividade cinematográfica; era uma realidade nos bastidores da Guerra Fria. Chapman (2007, p. 110) argumenta que as operações secretas desempenharam um papel crucial na coleta de informações estratégicas, no enfraquecimento do inimigo e na manutenção do equilíbrio de poder. O mundo tornou-se um tabuleiro onde agentes secretos conduziam missões complexas, impactando diretamente os eventos globais.

O resultado das atividades de espionagem durante a Guerra Fria ecoa nas representações contemporâneas. Filmes recentes, como "O Espião que Sabia de Mais"(2012)⁸ e "O Agente da U.N.C.L.E"(2015)⁹, por exemplo, continuam a explorar o legado da bipolaridade e as dinâmicas oriundas da Guerra Fria, mostrando como as consequências desse período ainda reverberam na cultura popular.

⁸ Fonte: O ESPIAO QUE SABIA DEMAIS. Direção: Tomas Alfredson, Reino Unido, França, Alemanha. Produtora: StudioCanal. Distribuidora: StudioCanal. Formato: Filme, 2011. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

⁹ Fonte: O AGENTE DA U.N.C.L.E. Direção: Guy Ritchie, Reino Unido, Estados Unidos. Produtora: Warner Bros Pictures. Distribuidora: Warner Bros Pictures. Formato: Filme, 2015. 116 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

A película “O Espião que Sabia Demais” (2011) é baseado no romance de John le Carré, a história segue um agente secreto aposentado que se envolve em um jogo de espionagem quando tenta descobrir a identidade de um espião dentro do serviço secreto britânico durante a Guerra Fria. A narrativa reflete como a espionagem da Guerra Fria moldou a cultura popular e continua a influenciar a forma como os eventos históricos são percebidos. O filme não apenas retrata a era, mas também comenta sobre a relevância contínua dessas representações na cultura contemporânea.

O filme "O Agente da U.N.C.L.E." (2015), é ambientado no período da Guerra Fria e reflete a tensão ideológica entre os blocos liderados pelos EUA e pela União Soviética. A trama segue um agente da CIA e um agente da KGB que, apesar de suas diferenças, devem trabalhar juntos para combater uma ameaça comum. Ao atualizar a série clássica para o contexto moderno, o filme explora como as rivalidades e as dinâmicas de espionagem da Guerra Fria continuam a fascinar e influenciar a cultura popular. A representação dos personagens e das técnicas de espionagem reforça os estereótipos da era, enquanto introduz elementos contemporâneos que ressoam com o público atual.

Conforme observamos, a Guerra Fria foi um período em que os EUA e a URSS desempenharam papéis centrais na geopolítica internacional. Sua rivalidade ideológica, expressa por meio da competição militar e da espionagem, deixou um legado duradouro que transcendeu os aspectos políticos e permeou a cultura popular, especialmente no cinema. As representações cinematográficas da espionagem durante a Guerra Fria continuam a ser uma lente valiosa para entender não apenas os eventos da época, mas também as complexas relações entre as superpotências e as implicações globais de suas atividades secretas.

1.1.3 A posição secundária do Reino Unido

Durante a Guerra Fria, a espionagem emergiu como um componente vital das estratégias geopolíticas globais, com superpotências como os Estados Unidos e a União Soviética protagonizando narrativas intrincadas de intriga e inteligência. Entretanto, em meio a esse cenário, a posição do Reino Unido que na história mundial já obteve papel central no imperialismo¹⁰, sendo uma das maiores potências imperialistas da história, com um vasto

¹⁰ O imperialismo, no sentido mais amplo, refere-se à política de expansão e dominação de uma nação sobre outras, seja por meio de controle territorial, econômico ou político. Historicamente, o termo está associado à expansão colonial das grandes potências europeias durante os séculos XIX e XX, mas também se aplica às práticas de controle indireto que vão além da ocupação física de territórios. No contexto contemporâneo, o imperialismo também pode ser entendido em termos de neocolonialismo ou imperialismo econômico. Aqui, o foco não está necessariamente na conquista territorial, mas no controle econômico e político por meio de corporações multinacionais, instituições financeiras internacionais e acordos comerciais que perpetuam a dependência

império que se estendia por todos os continentes, assumiu, no contexto da Guerra fria, uma perspectiva peculiar e, muitas vezes, secundária. Este tópico explora o papel desse país na teia complexa da espionagem durante esse período crucial, lançando luz sobre suas contribuições e, por vezes, seu status periférico. Neste aspecto, a tabela a seguir apresenta um breve panorama de algumas produções cinematográficas do Reino Unido.

Tabela 2 - Posição do Reino Unido

Ano	Filme	Descrição
1949	" <i>The Third Man</i> " ("O Terceiro Homem")	O filme se passa em uma Viena pós-guerra dividida em zonas de ocupação pelos Aliados (Estados Unidos, Reino Unido, França e União Soviética). A cidade em ruínas simboliza a divisão e a influência fragmentada das potências ocupantes, incluindo o Reino Unido. A película captura a sensação de um Reino Unido que, embora ainda relevante, está em uma posição secundária em um mundo onde as superpotências estão emergindo com uma influência crescente.
1965	" <i>The Ipcress File</i> " ("O Arquivo Confidencial")	Explora a contraparte britânica para a trama de espionagem, oferecendo uma visão mais realista e menos glamorosa do trabalho de agentes secretos. O filme se passa em um ambiente de espionagem internacional, onde o MI6 britânico está envolvido em uma corrida com outras potências, especialmente a União Soviética. O foco nas operações e nas ameaças que enfrentam sugere que o Reino Unido está tentando se afirmar e proteger seus interesses em um cenário global onde a influência está em disputa.
1979	" <i>Tinker Tailor Soldier Spy</i> " ("O Espião que Sabia Demais"- Minissérie que deu origem ao filme de 2011)	Baseado na obra de John le Carré, retrata a intriga e complexidade das operações de espionagem britânicas durante a Guerra Fria. A minissérie de 1979 é considerada uma das melhores adaptações do livro e é elogiada por sua fidelidade ao material original e pela atuação de seu elenco. A minissérie retrata o MI6 como uma organização com sérios problemas internos, incluindo corrupção, desconfiança e ineficiência. Essa representação sugere que o Reino Unido, apesar de seu prestígio histórico e sua influência, está enfrentando uma crise de identidade e competência em seu papel de espionagem.
1987	" <i>The Fourth Protocol</i> "	A trama central do filme gira em torno de um plano soviético para

Ano	Filme	Descrição
	("O Quarto Protocolo")	detonar uma bomba nuclear na Grã-Bretanha. O fato de o Reino Unido ser o alvo de uma conspiração tão significativa destaca sua vulnerabilidade e a percepção de que ele está em um estado de alerta constante diante de ameaças internacionais. Isso reflete a sensação de que o Reino Unido, apesar de seu papel histórico, está em uma posição defensiva no cenário global.
2001	" <i>Spy Game</i> " ("Jogo de Espiões")	A produção cinematográfica está centrada principalmente nos Estados Unidos e na CIA, com a maior parte da ação e do enredo girando em torno das operações de espionagem dos EUA. O Reino Unido não é o foco principal, e suas operações de espionagem são mencionadas de maneira periférica, refletindo sua posição secundária em relação à superpotência dos EUA.

Fonte: adaptado pelo autor da obra de Chapman (2007)

Ao discutir a posição do Reino Unido na espionagem durante a Guerra Fria, é imperativo contextualizar as dinâmicas internacionais que moldaram esse cenário. Historiadores como Hobsbawm (1995, p. 229) problematizam a bipolaridade entre os Estados Unidos e a União Soviética como o cerne do conflito, delineando a luta ideológica que permeou o globo. Nesse contexto, o papel do Reino Unido pode ser interpretado como uma resposta a essa bipolaridade, onde se via, muitas vezes, em uma posição secundária, mas não menos importante.

Jeffords (1993, p. 72) observa que a representação cinematográfica da espionagem durante a Guerra Fria frequentemente enfatiza as narrativas estadunidenses e soviéticas, relegando o papel do Reino Unido a um segundo plano. Essa representação não apenas espelha a realidade geopolítica da época, mas também contribui para a construção de uma narrativa na qual as contribuições britânicas são subestimadas.

Em filmes como "O Arquivo Confidencial." (*The Ipcress File*, 1965), citado na tabela acima, percebemos nuances da posição secundária britânica na espionagem, proporcionando uma visão única e crítica da participação do país nesse cenário.

Segundo Chapman (2007, p.152) respectiva produção cinematográfica, aborda as nuances da posição secundária britânica na espionagem ao contrastar a realidade dos serviços de inteligência britânicos com as representações mais glamorosas e poderosas das agências de espionagem americanas. A narrativa e o estilo visual do filme proporcionam uma visão única e crítica da participação do Reino Unido nesse cenário. O protagonista, Harry Palmer, interpretado por Michael Caine, é um agente relutante, mais pragmático e menos idealizado do que os espiões típicos da época, como James Bond. O filme enfatiza a burocracia, a falta de recursos e a constante vigilância que caracterizavam o trabalho dos espiões britânicos,

oferecendo uma perspectiva mais realista e menos romântica da espionagem. Essa abordagem reflete a posição de menor destaque do Reino Unido na arena geopolítica global durante a Guerra Fria, em comparação com os Estados Unidos e a União Soviética.

Assim, conforme o autor demonstra, a película também questiona o papel do Reino Unido no contexto da espionagem global, sugerindo que, embora os britânicos estivessem envolvidos, suas operações eram frequentemente ofuscadas pelas grandes potências. Dessa forma, o filme *O Arquivo Confidencial* se destaca por oferecer uma crítica sutil à política e à realidade da espionagem britânica, revelando as complexidades e contradições dessa posição secundária no cenário internacional da época (CHAPMAN, 2007, p.153).

Collins (2007, p. 61) explora a evolução da espionagem britânica ao longo da Guerra Fria, enfatizando as transformações nas estratégias e abordagens. O autor ressalta que, embora o Reino Unido tenha desempenhado um papel importante na inteligência global, sua contribuição muitas vezes foi obscurecida pelos eventos mais proeminentes envolvendo as superpotências. A análise de Collins lança luz sobre a complexidade das operações britânicas e a necessidade de uma compreensão mais holística do papel desempenhado por esse país na espionagem global.

Chapman (2007, p. 185) contribui para a discussão ao examinar as representações contemporâneas da espionagem no cinema. Suas análises revelam que, mesmo nas produções mais recentes, a posição secundária do Reino Unido continua a ser um tema recorrente. Essa persistência na representação cinematográfica sugere uma continuidade na percepção da contribuição britânica à espionagem como uma narrativa secundária, apesar das mudanças no cenário geopolítico global.

Em síntese, a posição do Reino Unido na espionagem durante a Guerra Fria é uma faceta intrigante e muitas vezes negligenciada dessa complexa era. Ao explorar suas contribuições, tanto reais quanto cinematográficas, podemos enriquecer nossa compreensão do papel desempenhado pelo país em um dos capítulos mais desafiadores da história global.

1.2 ESPIONAGEM: INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A narrativa da espionagem no cinema tem sido moldada por uma série de influências históricas ao longo dos anos, especialmente durante a Guerra Fria. Nesse contexto, o cinema desempenhou um papel significativo na representação da espionagem, refletindo não apenas os eventos históricos, mas também as ansiedades e percepções culturais da época. Para compreender essa dinâmica, é fundamental analisar as influências históricas que contribuíram

para a construção dessa narrativa.

Além disso, a espionagem durante a Guerra Fria também foi profundamente influenciada pelos avanços tecnológicos e pelas operações de inteligência da época. A corrida espacial e o desenvolvimento de tecnologias de vigilância foram temas recorrentes em filmes de espionagem, refletindo a fascinação e o temor em relação ao progresso científico e militar (ABUD, 2003, P. 134). As operações de inteligência realizadas pelos serviços secretos inspiraram tramas complexas e intrigantes, explorando a astúcia e a habilidade dos espões em um mundo de segredos e traições (FREGAPANI, 2017, P. 166).

Nesse aspecto, podemos elencar que a narrativa da espionagem no cinema durante a Guerra Fria foi influenciada pelas transformações sociais e culturais da época. O movimento feminista e a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, por exemplo, tiveram impacto na representação das mulheres nos filmes de espionagem. Personagens femininas fortes e independentes surgiram nas telas, desafiando estereótipos de gênero e redefinindo o papel das mulheres na narrativa da espionagem (CHAIA, 2009, P. 65).

A influência da Guerra Fria na narrativa da espionagem também pode ser observada na forma como os filmes abordaram questões éticas e morais relacionadas às atividades de espionagem. A justificação das ações dos espões, muitas vezes retratados como anti-heróis, foi questionada em filmes que exploraram dilemas morais e as consequências psicológicas do trabalho clandestino (FREGAPANI, 2017, P. 58).

No contexto da Guerra Fria, o cinema serviu como um veículo poderoso para expressar as ansiedades coletivas e os sentimentos conflitantes que permeavam a sociedade. Filmes de espionagem, refletiram o temor da guerra nuclear e a ameaça de destruição em massa. A representação dos agentes secretos nessas obras muitas vezes retratava heróis carismáticos que enfrentavam ameaças globais em nome de seus países, personificando os valores e ideais da época (HOBSBAWM, 1995, p. 62).

A cinematografia da Guerra Fria também foi influenciada por teóricos e acadêmicos que exploraram a relação entre cinema e sociedade. A obra de Jakobson (1970) questionou a decadência do cinema em meio às mudanças culturais, provocando uma reflexão sobre o papel do cinema na construção da identidade social. Essas ideias permearam a indústria cinematográfica, incentivando a criação de filmes que explorassem a complexidade dos personagens de espionagem, suas motivações e dilemas éticos.

A interseção entre história e cinema também foi fundamental para a narrativa da espionagem durante a Guerra Fria. Historiadores como Le Goff (2003, p. 51) exploraram a relação entre história e memória, questionando como os eventos do passado são lembrados e

reinterpretados ao longo do tempo. Essas reflexões históricas foram incorporadas nas produções cinematográficas, resultando em filmes que desafiaram as percepções convencionais de eventos históricos e ofereceram interpretações multifacetadas das atividades de espionagem.

Por fim, a influência da literatura e das obras de ficção também foi evidente na construção das narrativas de espionagem no cinema. Autores renomados como John le Carré¹¹ e Ian Fleming¹² criaram personagens emblemáticos como James Bond, cujas aventuras foram posteriormente adaptadas para o cinema. A riqueza das tramas e a complexidade psicológica dos personagens dessas obras literárias tiveram um impacto duradouro na representação da espionagem na tela grande.

Dessa forma, podemos mencionar que a narrativa da espionagem no cinema durante a Guerra Fria foi profundamente moldada por uma variedade de influências históricas, incluindo a rivalidade geopolítica entre os Estados Unidos e a União Soviética, os avanços tecnológicos, as transformações sociais e culturais, bem como as operações de inteligência da época. Esses elementos se entrelaçaram para criar um universo cinematográfico complexo e cativante, que continua a fascinar o público até os dias atuais.

1.2.1 Algumas obras literárias que abordam a espionagem no período pós-guerra

A espionagem é um tema recorrente na cultura popular, especialmente em filmes e literatura. Durante a Guerra Fria, esse tema tornou-se ainda mais relevante, refletindo as tensões políticas e ideológicas da época. Para analisar a construção das representações de espionagem é fundamental recorrer às suas origens nos primeiros filmes e literatura ingleses.

O cinema e a literatura têm desempenhado papéis significativos na construção das representações da espionagem. No contexto inglês, autores como Ian Fleming, criador do famoso espião James Bond, contribuíram para moldar a imagem do agente secreto como um

¹¹ John le Carré (1931-2020) foi um famoso autor britânico, conhecido principalmente por seus romances de espionagem e thrillers políticos. Seu trabalho é amplamente aclamado por sua profundidade psicológica e realismo em retratar o mundo das espionagens e das intrigas internacionais. Antes de se tornar um autor de sucesso, Cornwell trabalhou para o MI5 (Serviço de Segurança) e mais tarde para o MI6 (Serviço Secreto de Inteligência). Sua experiência no campo da espionagem influenciou profundamente seus escritos. Pesquisa realizada no site: "John le Carré - Official Website". Disponível em: <https://www.johnlecarre.com>. Acessos em 22 mar. 2024.

¹² Ian Lancaster Fleming (1908-1964) foi um escritor britânico, mais conhecido por criar o icônico personagem James Bond, um dos espiões mais famosos da literatura e do cinema. Antes de se tornar escritor, Fleming trabalhou como jornalista e foi um assistente de um corretor de bolsas de valores. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele trabalhou para o Serviço de Inteligência Naval Britânico, onde suas experiências influenciaram fortemente seus romances de espionagem. Os livros de James Bond foram adaptados em uma das franquias de filmes mais bem-sucedidas e duradouras da história do cinema. A série influenciou o gênero de espionagem e continua a ser popular em várias mídias. Pesquisa realizada no site: "Ian Fleming Biography". (n.d.). Ian Fleming Publications. Disponível em: <https://www.ianfleming.com>. Acessos em 25 mar. 2024.

indivíduo sofisticado e corajoso, capaz de enfrentar ameaças globais com habilidades excepcionais (FREGAPANI, 2017, p. 98). Essas narrativas, muitas vezes idealizadas, foram posteriormente adaptadas para o cinema, tornando-se um fenômeno cultural amplamente reconhecido.

Além disso, a análise da literatura e do cinema revela a influência das preocupações sociais e políticas da época na criação dessas representações. Durante a Guerra Fria, o medo da espionagem era generalizado, e os escritores e cineastas refletiam essas preocupações em suas obras. Os espiões tornaram-se personagens complexos, muitas vezes retratados como heróis ambíguos, navegando por um mundo de intrigas e traições (HOBSBAWM, 1995, p. 78).

No entanto, é importante notar que as representações de espionagem nem sempre foram glamorosas e emocionantes. O cinema e a literatura também exploraram os aspectos sombrios e moralmente complexos da espionagem. Personagens foram apresentados enfrentando dilemas éticos, questionando suas lealdades e lidando com as consequências psicológicas de suas atividades (JAKOBSON, 1970, p. 77). Essa abordagem mais realista trouxe uma dimensão humana aos espiões, desafiando as visões simplistas e estereotipadas que muitas vezes prevaleciam.

Nesse aspecto, um dos elementos fundamentais para compreender a representação da espionagem no cinema é a análise das obras literárias que serviram de base para essas produções cinematográficas. Escritores como John le Carré, Ian Fleming e Graham Greene produziram romances que exploram os meandros do mundo da espionagem durante o período pós-guerra. Essas obras, como os romances de James Bond escritos por Fleming, apresentam personagens complexos e situações intrincadas, proporcionando uma visão detalhada do universo dos agentes secretos.

A adaptação cinematográfica dessas obras literárias desempenhou um papel crucial na disseminação das representações da espionagem. Filmes como "007 Contra o Satânico Dr. No" (1962), baseado no romance de Fleming, apresentaram James Bond como o arquétipo do espião sofisticado e intrépido. Essas adaptações cinematográficas não apenas trouxeram vida às páginas dos romances, mas também moldaram a maneira como o público em geral percebia os agentes secretos e suas missões (PENTEADO, ARAÚJO, 2018, p. 271).

Além das representações glamorizadas da espionagem, algumas obras literárias e suas adaptações cinematográficas também exploraram as nuances éticas e morais inerentes ao trabalho dos espiões. O romance "O Espião que Saiu do Frio", de John le Carré, e seu filme homônimo (1965), dirigido por Martin Ritt, são exemplos eloquentes desse aspecto. A história segue Alec Leamas, um agente do MI6, em uma operação complexa durante a Guerra Fria. A

narrativa destaca as questões morais enfrentadas pelos espões e questiona a validade das missões secretas em nome da segurança nacional (LE CARRÉ, 1963; RITT, 1965, p. 116).

É importante notar que as representações da espionagem no cinema não apenas refletiram as preocupações da época, mas também ajudaram a perpetuar certos estereótipos e mitos relacionados aos agentes secretos. A imagem do espião como um indivíduo carismático, sedutor e altamente habilidoso tornou-se uma parte integrante do imaginário coletivo, moldando a forma como a sociedade entendia o mundo da inteligência durante a Guerra Fria (VALIM, 2006, p. 176).

Além das obras literárias mencionadas, outras fontes também desempenharam um papel significativo na construção das representações da espionagem no cinema. Documentários, reportagens e análises acadêmicas, como o trabalho de Fregapani (2017, p. 65), oferecem *insights* (termo inglês que sugere novas ideias, esclarecimentos) valiosos sobre as atividades dos serviços secretos e seu impacto nas decisões estratégicas durante o período pós-guerra. Essas fontes fornecem um contexto histórico essencial para entender as dinâmicas da espionagem e sua representação na mídia cinematográfica.

A análise das obras literárias que abordam a espionagem no período pós-guerra, juntamente com suas adaptações cinematográficas, oferece uma visão interessante das complexidades desse tema fascinante. A relação entre história, literatura e cinema proporciona uma visão mais ampla das representações da espionagem, revelando não apenas as fantasias e os mitos associados aos agentes secretos, mas também as questões éticas e morais que permeiam suas atividades. Ao explorar essas obras, é possível lançar luz sobre as interações entre política, cultura e entretenimento, proporcionando uma compreensão mais rica e matizada da espionagem durante a Guerra Fria.

1.3 CINEMA E ESPIONAGEM

Durante a guerra fria, o cinema emergiu como uma poderosa ferramenta para disseminar as percepções e representações da espionagem, desempenhando um papel crucial na construção da narrativa sobre o conflito global. Ao analisar filmes e outras formas de mídia durante a Guerra Fria, é possível observar como as representações de espionagem foram moldadas e manipuladas para refletir as tensões e ansiedades da época.

Um aspecto relevante a ser considerado ao observar as representações de espionagem nos produtos culturais durante a Guerra Fria é a influência dos serviços secretos nas decisões estratégicas. Fregapani (2017, p. 57) argumenta que os serviços secretos desempenharam um

papel fundamental na formulação de estratégias políticas e militares durante esse período. Essa influência se refletiu de maneira significativa nas representações de agentes secretos nos filmes da época, nos quais a astúcia e a inteligência dos espiões eram frequentemente destacadas como elementos essenciais para o sucesso das missões secretas.

Entre algumas teorias e abordagens acadêmicas fundamentais para verificar o cinema no contexto pós-guerra, podemos elencar os estudos de Marc Ferro (1976, p. 75), que argumenta que o cinema pode fornecer uma "contra-análise da sociedade", trazendo aspectos implícitos e explícitos presentes nas obras cinematográficas. Napolitano (2003, p. 48) propõe uma abordagem prática ao uso do cinema na sala de aula, defendendo que os professores devem orientar os alunos a analisar criticamente os filmes, considerando o contexto histórico e as mensagens subjacentes. Ao aplicar essa metodologia ao estudo das representações da espionagem, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais sofisticada das narrativas fílmicas, identificando os estereótipos, as ideologias e as estratégias discursivas presentes nos filmes de espionagem da Guerra Fria.

Em seu estudo sobre a utilização de filmes no ensino da História, Abud (2003, p. 125) assinala a importância do cinema como uma fonte didática, capaz de proporcionar aos estudantes uma compreensão mais profunda dos eventos históricos. Essa perspectiva é crucial ao contemplar filmes que retratam a espionagem durante a Guerra Fria, pois permite explorar as narrativas cinematográficas como reflexo das realidades políticas da época. Chaia (2009, p. 45) argumenta que o cinema é intrinsecamente político desde seu surgimento, enfatizando que as representações cinematográficas da espionagem podem ser interpretadas como manifestações políticas e ideológicas, revelando as tensões e conflitos da Guerra Fria.

Duarte (2002, p. 82) contribui para essa discussão ao explorar a relação entre cinema e educação. A análise crítica de filmes de espionagem pode servir como uma ferramenta educacional poderosa, permitindo aos alunos questionar as narrativas hegemônicas e desenvolver habilidades analíticas. Morettin (2007, p. 73) expande essa ideia ao examinar o cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro, destacando como os filmes de espionagem podem oferecer *insights* valiosos sobre a mentalidade da época, as percepções de inimigos e aliados, bem como as dinâmicas geopolíticas da Guerra Fria.

Karnal et al. (2007, p. 57) oferecem uma perspectiva histórica abrangente sobre a Guerra Fria, contextualizando os eventos políticos que moldaram o período. Ao pesquisar filmes de espionagem à luz desses eventos históricos, os estudiosos podem identificar como a espionagem foi utilizada como uma ferramenta de poder e como os cineastas representaram as agências de inteligência e seus agentes. Penteadó e Araújo (2018, p. 279) examinam a figura icônica de

James Bond, argumentando que sua representação cinematográfica naturalizou a ideia do consumismo e influenciou a percepção pública da espionagem durante a Guerra Fria.

Santomé (2012, p. 170) contribui para essa discussão ao explorar as culturas negadas e silenciadas no currículo, enfatizando a importância de incluir perspectivas diversas ao analisar filmes de espionagem. Ao considerar as representações de personagens não ocidentais e suas interações com agentes de inteligência, surge a possibilidade de questionar as narrativas eurocêntricas e explorar o impacto da Guerra Fria em diferentes partes do mundo.

Valim (2006, p. 142) oferece uma análise social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, enfocando o período de 1945 a 1954. Ao estudar filmes dessa época, podemos identificar as preocupações sociais e políticas que influenciaram as representações da espionagem. Através dessa análise, é possível compreender como os cineastas responderam às tensões da Guerra Fria e como essas representações cinematográficas refletiram e moldaram as percepções públicas da espionagem.

A linguagem cinematográfica também desempenhou um papel importante na construção das representações de espionagem durante a Guerra Fria. Jakobson (1970, p. 48) argumenta que o cinema é uma forma de linguagem que utiliza elementos visuais e sonoros para criar significados complexos. Nesse contexto, os filmes de espionagem frequentemente recorriam a técnicas cinematográficas inovadoras, como o uso de sombras e iluminação dramática, para criar uma atmosfera de suspense e intriga. Essas técnicas ajudaram a reforçar as representações estereotipadas dos espiões e a intensificar a tensão nas narrativas.

Ao examinar as manifestações de espionagem nos produtos culturais da Guerra Fria é importante considerar o conceito antropológico de cultura. Laraia (2007, p. 45) define cultura como um conjunto de conhecimentos, crenças, valores e práticas compartilhadas por uma sociedade. As representações de espionagem nos filmes da época refletiam não apenas as visões dos cineastas, mas também as percepções e valores da sociedade em que foram produzidos. Esses filmes não apenas moldaram a forma como a espionagem era percebida pelo público, mas também foram influenciados pelas atitudes e expectativas da sociedade em relação aos agentes secretos e à ameaça comunista.

Na análise das representações de espionagem nos produtos culturais da Guerra Fria é fundamental considerar o papel da memória histórica na construção dessas narrativas. Le Goff (2003, p. 114) argumenta que a memória histórica é um processo dinâmico, sujeito a revisões e reinterpretações ao longo do tempo. As manifestações de espionagem nos filmes da época foram influenciadas pelas memórias coletivas da Guerra Fria, moldando e sendo moldadas pelas experiências e percepções das pessoas que viveram nesse período conturbado.

O estudo das transformações no gênero de filmes de espionagem durante a Guerra Fria nos revela nuances complexas das relações internacionais e das dinâmicas de poder entre os Estados Unidos e a União Soviética. O crescente sentimento de instabilidade durante o período da Guerra Fria foi habilmente capturado em filmes como "Dr. Fantástico" (1964),¹³ dirigido por Stanley Kubrick, que satirizava as tensões nucleares entre os superpoderes. O uso de elementos surrealistas e humor nesse filme refletem a atmosfera de medo e incerteza que permeava o período.

Outro aspecto importante é a representação das agências de espionagem, como a CIA e o KGB, nos filmes. O cinema retratava essas organizações como entidades misteriosas e astutas, capazes de manipular eventos globais. Filmes como "007 contra Goldfinger" (1964)¹⁴, da franquia James Bond, personificaram o agente secreto como um herói carismático e sofisticado, moldando assim a percepção pública da espionagem.

A relação entre os filmes de espionagem e os eventos pós-Segunda Guerra Mundial também se manifestou na forma como esses filmes exploravam questões ideológicas. Por exemplo, em "Os Espiões" (1957),¹⁵ dirigido por Henri-Georges Clouzot, a trama gira em torno de agentes duplos e traições dentro de uma organização de espionagem, ilustrando a desconfiança e a instabilidade ideológica da época.

A análise dos filmes de espionagem durante a Guerra Fria também é enriquecida por contribuições teóricas relevantes. Segundo Abud (2003, p. 85), a utilização de filmes como recurso educacional permite uma compreensão mais profunda das questões históricas, ao passo que Ferro (1976, p. 82) argumenta que o cinema pode ser uma ferramenta para desafiar e reavaliar as normas sociais e políticas. Essas perspectivas teóricas oferecem um arcabouço sólido para a análise crítica dos filmes de espionagem, permitindo uma compreensão mais rica das representações cinematográficas durante a Guerra Fria.

Dessa forma, verificamos que o estudo das transformações no gênero de filmes de espionagem e sua relação com os eventos pós-Segunda Guerra Mundial revela a complexidade das dinâmicas sociais e políticas da Guerra Fria. Por meio das lentes cinematográficas, é

¹³ Fonte: DR. FANTÁSTICO. Direção: Stanley Kubrick, Reino Unido. Produção: Stanley Kubrick. Distribuidora: Columbia Pictures. Formato: Filme, 1964. 93 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

¹⁴ Fonte: 007 CONTRA GOLDFINGER. Direção: Guy Hamilton (I), Reino Unido. Produção: Albert R. Broccoli; Harry Saltzman. Distribuidora: United Artists. Formato: Filme, 1964. 110 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

¹⁵ Fonte: OS ESPIÕES. Direção: Henri-Georges Clouzot, França. Produção: Henri-Georges Clouzot. Distribuidora: Gaumont. Formato: Filme, 1957. 125 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

possível compreender não apenas as representações da espionagem, mas também as ansiedades, medos e aspirações da sociedade da época como enfatiza Ferro (1976, p.85). Tais reflexões são essenciais, pois proporcionam uma visão com mais profundidade das implicações históricas, culturais e sociais que essas obras cinematográficas possuem.

1.3.1 Cinema, espionagem e narrativa de confronto ideológico entre EUA e URSS

A linguagem cinematográfica desempenhou um papel fundamental na representação da espionagem. Jakobson (1970, p. 37) argumenta que o cinema é uma forma de linguagem que permite a expressão de ideias complexas por meio de imagens e sons. Na construção da narrativa de filmes de espionagem da Guerra Fria, elementos visuais como cenários sombrios, jogo de luz e sombras, além de trilhas sonoras enigmáticas, foram utilizados para criar uma atmosfera de suspense e mistério, reforçando as narrativas de intrigas internacionais.

A representação dos agentes secretos e suas interações com o ambiente ao seu redor foram influenciadas pelas percepções culturais da época. Laraia (2007, p. 41) defende que a cultura desempenha um papel fundamental na formação de identidades e comportamentos sociais. No contexto da Guerra Fria, os filmes de espionagem muitas vezes exploravam estereótipos culturais e políticos, retratando agentes de diferentes países de maneiras distintas, de acordo com as relações diplomáticas e ideológicas da época. Essas representações contribuíram para a construção de narrativas que refletiam as tensões políticas entre as nações e as preocupações sobre a lealdade dos personagens.

A espionagem no cinema da Guerra Fria também foi influenciada pelas mudanças nas políticas educacionais e culturais. Lopes (2018, p. 26) enfatiza a importância da contextualização do currículo, indicando que as representações culturais nos filmes são moldadas pelas políticas educacionais da época. As produções cinematográficas eram influenciadas pelas visões dominantes sobre a ideologia e cultura, refletindo as perspectivas e valores da sociedade em que foram produzidas.

Como analisamos, a espionagem desempenhou um papel central na construção da narrativa cinematográfica durante a Guerra Fria. Influenciada pelos eventos políticos, sociais e culturais da época, a representação da espionagem no cinema refletiu as complexidades das relações internacionais e as ansiedades da sociedade. O uso de técnicas cinematográficas sofisticadas e a exploração de estereótipos culturais contribuíram para a criação de uma rica e diversificada tapeçaria de filmes de espionagem que capturaram a imaginação do público e continuam a ser estudados e apreciados até os dias de hoje.

Durante a Guerra Fria, a espionagem foi frequentemente representada no cinema como um meio eficaz de obtenção de segredos e informações estratégicas. O filme "007 Contra o Satânico Dr. No" (1962), ¹⁶inspirado nas obras do autor Ian Fleming, foi emblemático nesse contexto e apresenta características fundamentais para a construção da imagem dos espião como herói nacional, destacando suas habilidades e coragem na proteção dos interesses de seu país. A influência do cinema na percepção pública da espionagem durante a Guerra Fria é evidenciada pelas análises de Valim (2006, p. 175), que examina como as imagens cinematográficas ajudaram a moldar a compreensão social desse fenômeno.

Além disso, a espionagem também desempenhou um papel central na disseminação de informações sobre tecnologia militar e estratégias dos adversários. Os esforços dos serviços de inteligência dos Estados Unidos, como a CIA, e da União Soviética, representada pela KGB, para obter informações cruciais um do outro eram constantes. Assim, a obra de Pentead e Araújo (2018, p. 282), pontuam como a figura de James Bond, o icônico agente secreto britânico, foi utilizada para naturalizar a ideia do consumismo e reforçar os valores ocidentais durante a Guerra Fria. O cinema, ao retratar Bond como um agente sofisticado e astuto, contribuiu para a perpetuação da narrativa de superioridade ideológica do bloco ocidental.

Conforme observamos, as representações de espionagem nos produtos culturais da Guerra Fria foram influenciadas por uma série de fatores, incluindo a influência dos serviços secretos, as transformações sociais e culturais da época, a linguagem cinematográfica e a memória histórica. Ao examinar essas representações, é possível obter *insights* valiosos sobre as percepções e ansiedades da sociedade durante esse importante período da história mundial.

Dessa forma, ao examinar as representações da espionagem no contexto pós-guerra, torna-se essencial adotar uma abordagem interdisciplinar, incorporando teorias do cinema, da educação e da história. Através dessa análise multifacetada, é possível verificar as complexidades da espionagem na Guerra Fria, examinando não apenas as estratégias geopolíticas, mas também as dinâmicas sociais, culturais e ideológicas que permearam esse fenômeno histórico.

¹⁶ Fonte: 007 CONTRA O SATÂNICO DR. NO. Direção: Terence Young, Reino Unido. Produção Albert R. Broccoli; Harry Saltzman. Distribuidora: United Artists. Formato: Filme, 1962. 110 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

2. GEOPOLÍTICA, ESPIONAGEM E O UNIVERSO DE JAMES BOND

No segundo capítulo investigaremos como a relação entre espionagem, geopolítica e o universo de James Bond no contexto da Guerra fria, possibilitaram a produção e disseminação do filme “007 Somente Para Seus Olhos” (1981) e como a respectiva película possui grande potencial no ensino de História no respectivo contexto histórico anteriormente citado.

Acreditamos que a espionagem dentro de contexto da inteligência governamental, é uma prática fundamental dentro dos sistemas de segurança e defesa de um país, sendo utilizada para a coleta de informações sensíveis e estratégicas que possam proteger os interesses nacionais contra ameaças externas e internas. Nesse sentido, a espionagem é uma atividade que se adapta constantemente às novas tecnologias e desafios contemporâneos, influenciando a política externa e a segurança de um país.

A espionagem, nesta perspectiva, não é apenas uma ferramenta de defesa, mas também um elemento essencial na formação de estratégias de governo e na resposta a crises em um cenário global de crescente complexidade e interdependência. Porém, as atividades de espionagem são complexas e ambíguas, como percebemos no estudo do passado e no contexto contemporâneo. Dessa forma, sua prática é uma ferramenta essencial de inteligência, que pode ser positiva ou negativa dependendo do contexto e da forma como é utilizada.

Nessa linha, as atividades de inteligência são consideradas positivas quando utilizadas para proteger os interesses nacionais, garantir a segurança do Estado e antecipar ameaças potenciais. No entanto, também pode ter conotações negativas, especialmente quando associada a violações de direitos individuais, abusos de poder, ou quando compromete a confiança entre nações e gera conflitos. Logo, a espionagem, neste contexto, é uma prática que possui implicações tanto éticas quanto práticas, sendo indispensável para a defesa e segurança de um país, mas exigindo também uma constante vigilância para evitar excessos e abusos.

Na obra *Espionagem e Democracia: Agilidade e Transparência como Dilema de Institucionalização* (2003), o cientista político Marco Aurélio Cepik, Professor Titular de Relações Internacionais e Política Comparada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) explora as complexas interações entre espionagem e regimes democráticos. A pesquisa aborda o desafio de equilibrar a necessidade de agilidade na coleta de informações para garantir a segurança nacional com a exigência de transparência e controle democrático (p.186).

Como enfatizado pelo mesmo autor, no livro: *Inteligência Governamental: Contextos Nacionais e Desafios Contemporâneos* (2011, p.15), o objetivo ideal da inteligência nacional é fornecer informações estratégicas que ajudem na formulação de políticas públicas, na proteção

da segurança nacional e no desenvolvimento de estratégias de defesa. A inteligência deve agir como um suporte essencial para a tomada de decisões governamentais, antecipando e mitigando ameaças, e identificando oportunidades para o país.

No entanto, o que frequentemente ocorre na prática pode ser bastante diferente. Cepik aponta que a inteligência nacional, muitas vezes, enfrenta desafios como a falta de coordenação entre diferentes agências, problemas de comunicação, e a influência de interesses políticos e burocráticos que podem desviar o foco de suas funções principais. Em alguns casos, a inteligência pode ser utilizada para fins políticos ou de controle social, desviando-se de seu papel principal de proteção e informação estratégica para o país (2011, p.40) Tais discrepâncias entre o objetivo ideal e a realidade prática refletem complexidades e tensões inerentes ao campo da inteligência, que pode ser impactado por diversos fatores, incluindo a dinâmica política interna e externa.

Com tais fatos em mente, observamos que a prática da espionagem é intrínseca à dinâmica geopolítica e por isso assumiu papel fundamental na construção de narrativas cinematográficas. Durante a Guerra Fria, esse fenômeno atingiu seu ápice, influenciando tanto a realidade quanto a ficção. James Bond, o icônico agente secreto britânico, tornou-se uma figura emblemática nesse contexto, personificando elementos da espionagem em uma era marcada pela tensão entre as superpotências. Neste estudo, exploraremos a intrincada relação entre espionagem, geopolítica e o universo de James Bond, à luz das perspectivas teóricas de Eric Hobsbawm (1995), Susan Jeffords (1993), Robert Collins (2007) e James Chapman (2007).

Hobsbawm (1995, p. 36), oferece uma perspectiva histórica crucial para compreender a interseção entre a espionagem e a geopolítica. Em um mundo dividido entre Estados Unidos e União Soviética, as atividades de espionagem ganharam relevância estratégica, desdobrando-se como um instrumento para coletar informações sensíveis e manipular eventos globais. A atuação de agentes secretos durante a Guerra Fria foi, portanto, um reflexo direto das tensões geopolíticas emergentes.

Jeffords (1993, p. 69), amplia nossa compreensão ao explorar a representação cinematográfica da espionagem como uma extensão da realidade geopolítica. No universo de James Bond, os filmes transcendem a mera narrativa de entretenimento, tornando-se um espelho distorcido da política mundial. A figura do agente secreto, habilidoso e carismático, personifica os ideais de sua nação, refletindo a busca pela manutenção do equilíbrio de poder durante a Guerra Fria.

Collins (2007, p. 68) aprofunda a análise ao destacar a construção do herói espião no cinema. James Bond, com suas características distintivas, incorpora não apenas o arquétipo do

agente secreto, mas também as aspirações e valores da sociedade britânica da época. A representação do herói espião, portanto, não é apenas uma narrativa isolada, mas um reflexo da identidade nacional e das ambições geopolíticas britânicas durante a Guerra Fria.

A perspectiva de Chapman (2007, p. 51), adiciona uma dimensão cultural à nossa análise. Os filmes de James Bond não são apenas produtos de entretenimento, mas também artefatos culturais que moldaram a percepção pública da espionagem. Elementos como moda, música e tecnologia, integrados nas tramas, tornaram-se ícones da cultura popular, influenciando a imaginação coletiva sobre a espionagem durante um período relevante da história mundial.

Mediante as abordagens dos teóricos acima, percebemos a influência mútua entre o contexto global e as narrativas fílmicas de espionagem. Os filmes de James Bond não apenas refletiram as tensões geopolíticas da Guerra Fria, mas também contribuíram para moldar a percepção pública desses eventos. A interação dinâmica entre realidade e ficção, neste contexto, enfatiza a importância do cinema como um meio de construção e interpretação da história.

A relação entre espionagem, geopolítica e o universo de James Bond durante a Guerra Fria é complexa e multidimensional. Ao explorar as perspectivas teóricas de Hobsbawm, Jeffords, Collins e Chapman, conseguimos lançar luz sobre a interconexão entre a realidade política e sua representação cinematográfica, proporcionando uma análise mais ampla do papel desempenhado pela espionagem no cenário global da época.

2.1 ESPIONAGEM NO CINEMA E CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS

Conforme analisado no capítulo anterior, o cinema, como uma forma de arte política, foi utilizado para transmitir mensagens ideológicas e moldar a percepção pública sobre questões globais. Neste cenário, filmes de espionagem desempenharam um papel importante na construção de narrativas que refletiam as dinâmicas internacionais da Guerra Fria.

A utilização de filmes como fonte histórica é amplamente reconhecida na literatura acadêmica (MORETTIN, 2007; ABUD, 2003, p. 49). O cinema, como ferramenta educacional, oferece uma janela para entender a sociedade e as representações culturais de uma época específica (NAPOLITANO, 2003, p. 92). No contexto da Guerra Fria, produções cinematográficas como os filmes da série James Bond se destacaram ao retratar a espionagem de forma glamorosa, influenciando as percepções do público sobre os agentes secretos e, por extensão, sobre o patriotismo (PENTEADO; ARAÚJO, 2018, p. 289). Ao mesmo tempo, filmes como "O Espião que Saiu do Frio" (1965), baseado na obra de John le Carré, ofereceram uma

visão mais sombria e realista do mundo da espionagem, questionando os ideais patrióticos e desafiando as noções tradicionais de identidade nacional (VALIM, 2006, p. 66).

O cinema político, desde seu nascimento, desempenhou um papel importante na construção das identidades nacionais (CHAIA, 2009, p. 28). Durante a Guerra Fria, filmes de espionagem não apenas refletiam as tensões políticas entre Estados Unidos e União Soviética, mas também contribuíam para a criação e consolidação das identidades nacionais em ambos os lados do conflito. As representações cinematográficas dos agentes secretos, muitas vezes retratados como heróis que defendem sua nação contra inimigos estrangeiros, reforçaram a ideia de patriotismo e fomentaram o orgulho nacional (DUARTE, 2002, p. 71). Ao mesmo tempo, essas representações também perpetuaram estereótipos culturais e étnicos, criando uma divisão entre "nós" e "eles", alimentando assim as rivalidades ideológicas da época (SANTOMÉ, 2012, p. 169).

A influência da espionagem cinematográfica na construção das identidades nacionais não se limitou apenas aos Estados Unidos e à União Soviética. Outros países, como o Brasil, também foram afetados por essa onda cultural. O cinema brasileiro da época, embora não tenha produzido uma quantidade significativa de filmes de espionagem, foi influenciado pelas representações estrangeiras. A percepção do patriotismo no Brasil, moldada em parte pelas produções hollywoodianas, refletia a polarização política e ideológica da Guerra Fria, mesmo que o país estivesse geograficamente distante do epicentro do conflito (KARNAL et al., 2007, p. 61).

A representação de países na espionagem cinematográfica muitas vezes refletia as percepções e estereótipos culturais da época. Abud (2003, p. 71) argumenta que os filmes podem servir como uma ferramenta poderosa para o ensino da História, permitindo uma compreensão mais profunda das complexidades culturais e políticas de diferentes nações. No contexto da Guerra Fria, os filmes de espionagem frequentemente retratavam os Estados Unidos e a União Soviética como potências hegemônicas, cada uma representada de maneira distinta.

Morettin (2007, p. 47) destaca a importância do cinema como fonte histórica, e no contexto da Guerra Fria, os filmes de espionagem são uma fonte valiosa para entender as percepções e representações de diferentes países. As narrativas cinematográficas muitas vezes refletiam as preocupações e ansiedades da sociedade em relação à ameaça nuclear, à corrida armamentista e às operações secretas. Esses filmes não apenas retratavam as tensões entre os Estados Unidos e a União Soviética, mas também exploravam questões mais amplas, como o medo do desconhecido e a vulnerabilidade humana diante do poder destrutivo das armas nucleares.

A representação de países na espionagem cinematográfica, também estava intrinsecamente ligada à percepção pública desses países como inimigos ou aliados. Karnal et al. (2007, p. 28) discutem a história dos Estados Unidos e como o país foi representado nas narrativas de espionagem durante a Guerra Fria. Os filmes de espionagem muitas vezes retratavam os Estados Unidos como o defensor da liberdade e da democracia, contrastando com a imagem da União Soviética como uma ameaça comunista totalitária.

Penteado e Araújo (2018, p. 287) analisam a representação de James Bond, um icônico personagem de espionagem, ao longo das décadas. Eles argumentam que a saga de James Bond naturalizou a ideia do "Homo-Consumericus", um indivíduo que vive em um mundo de consumo e luxo, enquanto continua a ser um agente secreto eficaz. Essa representação não apenas reflete as ideologias capitalistas ocidentais, mas também influencia a percepção pública sobre o estilo de vida americano durante a Guerra Fria.

A obra de Valim (2006, p. 172) sobre o cinema no alvorecer da Guerra Fria problematiza como as imagens cinematográficas eram cuidadosamente vigiadas e controladas pelos regimes políticos da época. A censura e a manipulação das representações de diferentes países na espionagem cinematográfica eram comuns, refletindo a natureza propagandística desses filmes. As imagens vigiadas no cinema eram uma extensão das estratégias de propaganda utilizadas pelos governos para influenciar e fortalecer a narrativa dominante sobre a Guerra Fria.

A representação de diferentes países na espionagem cinematográfica durante a Guerra Fria foi profundamente influenciada pelas ideologias políticas, culturais e sociais da época. Os filmes de espionagem desempenharam um papel crucial na construção das percepções públicas sobre os Estados Unidos, a União Soviética e outros países envolvidos no conflito. Essas representações não apenas refletiam as tensões políticas e militares da Guerra Fria, mas também moldaram a maneira como o mundo via esses países e as complexidades das relações internacionais da época. O cinema, como uma forma de arte política, desempenhou um papel significativo na criação e na perpetuação dessas narrativas, influenciando a maneira como as pessoas entendiam e interpretavam o mundo ao seu redor.

2.1.1 Representações de vigilância, criptografia e outras tecnologias de espionagem em produtos culturais

Ao analisar as representações de vigilância no cinema, é fundamental considerar o papel das tecnologias de criptografia, que desempenharam um papel central nos métodos de comunicação secreta durante esse período. A criptografia, como uma ferramenta de segurança, foi muitas vezes romantizada no cinema, representando heróis que quebravam códigos e

desvendavam segredos. Esse aspecto é perceptível em filmes como os clássicos da franquia James Bond, como observado por Penteadó e Araújo (2018, p. 274), onde o personagem principal frequentemente utiliza dispositivos criptográficos para se comunicar e decifrar mensagens secretas.

Além disso, a vigilância, especialmente por meio de tecnologias avançadas, foi retratada como uma ameaça à privacidade e à liberdade individual. Essas preocupações estão presentes em filmes como "1984"¹⁷ (baseado na obra de George Orwell), que aborda um estado totalitário onde a vigilância constante é usada para controlar a população. O filme retrata um estado totalitário e opressivo onde o Partido, liderado pelo Grande Irmão, exerce controle absoluto sobre a vida dos cidadãos, empregando vigilância constante e manipulação da verdade. O protagonista, Winston Smith, trabalha para o Partido, mas começa a questionar a realidade e a sua própria lealdade, ao descobrir os bastidores da opressão do Partido. Essas representações artísticas da vigilância, como destacado por Santomé (2012, p. 162), não apenas refletem as ansiedades da sociedade em relação à intrusão estatal, mas também desafiam as normas culturais, questionando a natureza da liberdade em uma era de crescente controle.

No contexto dessas manifestações cinematográficas, é importante verificar também o papel das tecnologias de espionagem, que vão além da criptografia e da vigilância para incluir dispositivos de escuta e *gadgets* (termo inglês relacionado a gíria tecnológica para designar dispositivos eletrônicos portáteis) inovadores. Filmes como "Moscou contra 007" (1963),¹⁸ parte da franquia de James Bond, incorporam esses dispositivos de espionagem de forma criativa, apresentando aos espectadores uma visão futurista da tecnologia de vigilância da época. Essas representações, como discutido por Valim (2006, p. 58), não apenas entretêm o público, mas também refletem a imaginação coletiva sobre o que era possível no campo da espionagem.

Ao examinar essas representações não podemos desconsiderar o contexto histórico e político em que foram produzidas. O cinema, como observado por Chaia (2009, p. 48), é intrinsecamente político e reflete as preocupações e ideologias da sociedade em que é criado. Durante a Guerra Fria, as representações de vigilância, criptografia e outras tecnologias de espionagem no cinema não apenas capturaram as tensões geopolíticas da época, mas também influenciaram a percepção pública dessas práticas.

¹⁷ Fonte: 1984. Direção: Michael Radford, Reino Unido. Produção: Simon Perry; Michael Radford. Distribuidora: Goldcrest Films International. Formato: Filme, 1984. 105 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

¹⁸ Fonte: MOSCOU CONTRA 007. Direção Terence Young, Reino Unido. Produtora: Eon Productions. Distribuidora: United Artists. Formato: Filme, 1963. 115 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

O cinema desempenhou um papel significativo na forma como as tecnologias de espionagem foram representadas e compreendidas durante a Guerra Fria. Através de filmes, o público foi exposto a uma ampla gama de narrativas, desde heróis românticos que quebravam códigos até distopias assustadoras de vigilância totalitária. Essas representações não apenas entretiveram o público, mas também provocaram reflexões sobre questões de privacidade, liberdade e controle. Portanto, ao examinar a interseção entre cinema e tecnologias de espionagem, é essencial considerar não apenas as narrativas em si, mas também o contexto histórico e cultural em que foram criadas.

2.2 REFLEXOS DAS REPRESENTAÇÕES DE ESPIONAGEM NA POLÍTICA EXTERNA

A sétima arte desempenha um papel significativo na construção da memória coletiva e na interpretação histórica. Abud (2003) e Napolitano (2003) ressaltam a importância do cinema como uma ferramenta pedagógica, capaz de transmitir valores, ideias e contextos históricos. Durante a Guerra Fria, os filmes de espionagem se tornaram veículos poderosos para disseminar a narrativa da luta entre o bem (representado pelo espião heróico) e o mal (personificado pelos inimigos ideológicos). Essas representações cinematográficas, muitas vezes, simplificavam as complexidades do conflito e reforçavam estereótipos culturais e políticos (PENTEADO; ARAÚJO, 2018, p. 281).

No universo cinematográfico da Guerra Fria, James Bond, o famoso agente secreto britânico, se sobressai como um ícone cultural. Os filmes de Bond, baseados nos romances de Ian Fleming, apresentavam um espião sofisticado, charmoso e eficaz, que combatia ameaças globais em nome da segurança do mundo ocidental (PENTEADO; ARAÚJO, 2018, p. 289). A representação de Bond como um herói carismático e invencível influenciou profundamente a percepção do público sobre a espionagem, glamourizando e romantizando essa atividade. Valim (2006, p. 51) salienta que as imagens cinematográficas eram cuidadosamente elaboradas para criar uma narrativa de heroísmo e valentia, reforçando a ideia de que a espionagem era essencial para a defesa dos valores democráticos.

As manifestações de espionagem no cinema também tiveram impacto direto nas políticas externas dos países envolvidos na Guerra Fria. Os filmes de espionagem muitas vezes retratavam os inimigos como ameaças existenciais, justificando assim ações agressivas e políticas de contenção. Karnal et al. (2007, p. 38) argumentam que a popularidade desses filmes contribuiu para a criação de uma mentalidade de confronto, incentivando políticas de segurança nacional, aumento dos gastos militares e intensificação da corrida armamentista. Segundo Valim (2006, p. 83), a influência dessas representações cinematográficas nas políticas externas

também se estendia aos países do bloco socialista, onde o cinema era utilizado como uma ferramenta de propaganda para promover a ideologia comunista e retratar o Ocidente como decadente e corrupto.

Alexandre Busko Valim (2006) ainda pontua que desde a Revolução de Outubro de 1917, o cinema soviético foi encarregado de criar e disseminar uma imagem idealizada da nova ordem social. Os primeiros cineastas soviéticos, como Sergei Eisenstein e Dziga Vertov, estavam profundamente comprometidos com a missão de usar o cinema para promover a Revolução e os ideais do socialismo. Seus filmes, como *O Encouraçado Potemkin* (1925) e *A Jornada do Trabalhador* (1929), apresentavam narrativas heroicas que exaltavam a luta de classes e a vitória do proletariado sobre a opressão (p.85).

Segundo Peter Kenez, historiador húngaro com nacionalidade americana, durante o regime de Josef Stalin, o cinema soviético se tornou um instrumento ainda mais central na propaganda estatal. Os filmes produzidos nesse período eram cuidadosamente moldados para refletir e reforçar a ideologia comunista, destacando a superioridade do sistema socialista e a eficiência do planejamento centralizado. O cinema era usado para glorificar o papel do Partido Comunista e dos líderes soviéticos, promovendo uma imagem de unidade e prosperidade sob o socialismo (2002, p.38)

Simultaneamente, o cinema soviético retratava o Ocidente de forma negativa e decadente. Os filmes frequentemente apresentavam o capitalismo ocidental como um sistema corrupto e opressor, com uma classe dominante exploradora e uma classe trabalhadora oprimida. As sociedades ocidentais eram frequentemente mostradas como moralmente decadentes, com imagens de desigualdade, crime e corrupção. Essas representações visavam reforçar a narrativa de que o socialismo soviético era a alternativa moral e prática superior ao capitalismo. Para alcançar esses objetivos, o governo soviético exerceu um controle rigoroso sobre o conteúdo cinematográfico. Os roteiros eram frequentemente revisados e censurados para garantir que alinhavam-se com as diretrizes ideológicas do Partido. Além disso, o cinema soviético muitas vezes utilizava técnicas estilísticas que enfatizavam a clareza e a simplicidade das mensagens propagandísticas, evitando ambiguidade e complexidade que poderiam desviar o foco da mensagem principal (KENEZ, 2002, p.72)

Conforme salientado pelos autores, os filmes eram projetados não apenas para entreter, mas para educar e mobilizar a população, reforçando a visão de um mundo dividido entre os heróis do socialismo e os vilões do capitalismo. Essa estratégia de propaganda ajudou a consolidar a imagem do regime soviético e a promover a lealdade ao Estado, moldando a percepção do público tanto dentro quanto fora da União Soviética

Sobre o papel das representações de espionagem na construção e perpetuação de estereótipos culturais e sociais, Santomé (2012, p. 158) ressalta que o cinema muitas vezes marginaliza e silencia culturas não hegemônicas, reforçando a visão de mundo dominante. Valim (2006, p. 48), reforça que durante a Guerra Fria, os filmes de espionagem frequentemente retratavam inimigos estrangeiros como vilões unidimensionais, contribuindo para a demonização de determinadas nacionalidades e grupos étnicos. Essa representação estereotipada não apenas afetava a percepção pública, mas também influenciava as decisões políticas, perpetuando preconceitos e hostilidades interculturais.

Através do poder da narrativa cinematográfica, as percepções sobre a espionagem foram construídas e manipuladas, influenciando a maneira como o público via o mundo e como os governos tomavam decisões estratégicas. No entanto, é fundamental reconhecer a complexidade dessas manifestações e questionar as narrativas simplificadas apresentadas pelo cinema, a fim de promover uma compreensão mais profunda e crítica da história da espionagem e suas implicações políticas e sociais.

2.2.1. Outros olhares sobre a espionagem no cinema

Conforme observamos, no cenário do cinema durante a Guerra Fria, a representação da espionagem frequentemente retratava os embates entre as superpotências do bloco oriental e ocidental, com um foco particular nas narrativas estadunidenses sobre o conflito. Contudo, é fundamental reconhecer que a produção cinematográfica estendia-se além dos limites geográficos do Estados Unidos e Reino Unido, oferecendo visões diversas e contextualizadas sobre a espionagem.

O cinema do bloco oriental, predominantemente representado pela União Soviética, oferecia uma perspectiva única e muitas vezes antagônica em relação às narrativas ocidentais. Silva (2004, p. 111) argumenta que, para entender plenamente as representações da Guerra Fria no cinema, é importante considerar as produções do bloco oriental, que muitas vezes eram utilizadas como ferramentas de propaganda política e ideológica.

O renomado jornalista e comentarista político estadunidense, David Sirota (2011, p. 127), argumenta que o cinema não ocidental desempenhou um papel relevante na formação da cultura popular global durante a Guerra Fria. Embora as produções cinematográficas estadunidenses e inglesas frequentemente dominassem os mercados internacionais, filmes de países como União Soviética, Índia, Alemanha Oriental e Coreia do Sul, Brasil, entre outros países, também ganharam popularidade, oferecendo uma perspectiva única sobre questões

globais, incluindo a espionagem.

Nesse contexto, Morettin (2007 p. 142) destaca que o cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro ressalta a importância de analisar não apenas as narrativas cinematográficas dominantes, mas também aquelas produzidas em contextos periféricos, como os países em desenvolvimento e do bloco comunista. Essas produções oferecem uma visão alternativa das dinâmicas geopolíticas da Guerra Fria, muitas vezes centradas em questões de descolonização, neocolonialismo e lutas de libertação nacional. Dessa forma, a tabela abaixo apresenta alguns contrastes nas produções cinematográficas direcionadas ao tema da espionagem ao redor do mundo.

Tabela 3 - Outros olhares sobre a espionagem no cinema

Filme	País de Origem	Ano de Lançamento	Breve Descrição
"Assalto ao Trem Pagador" ¹⁹	Brasil	1962	Embora não seja estritamente um filme de espionagem, este filme brasileiro retrata a história real de um grande assalto a um trem pagador. Ele ilustra as complexidades políticas e sociais do Brasil durante a Guerra Fria, mostrando como o contexto geopolítico influenciou eventos locais.
"Aankhen" ²⁰ (Olhos)	India	1968	O filme gira em torno de um homem comum, Ratan Kumar, que se vê envolvido em uma trama de espionagem depois de se deparar com segredos de inteligência. A história explora temas de patriotismo, lealdade e as complexidades das operações de espionagem. <i>Aankhen</i> é um exemplo de como o cinema indiano da época lidava com temas de espionagem e suspense, refletindo as tensões globais da Guerra Fria e a influência das narrativas internacionais na produção cinematográfica local.

¹⁹ Fonte: ASSALTO AO TREM PAGADOR. Direção: Roberto Farias, Brasil. Produtora Ramanand Pictures. Distribuidora: Ramanand Pictures. Formato: Filme, 1962. 102 min. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=filme+Assalto+ao+Trem+Pagador+\(1962\)&dq=filme+Assalto+ao+Trem+Pagador+\(1962\)&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIKCAEQABiABBiiBNIBCDI5NjVqMGo0qAIAsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:6d554467,vid:pR8FiEpCnR0 ,st:0](https://www.google.com/search?q=filme+Assalto+ao+Trem+Pagador+(1962)&dq=filme+Assalto+ao+Trem+Pagador+(1962)&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIKCAEQABiABBiiBNIBCDI5NjVqMGo0qAIAsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:6d554467,vid:pR8FiEpCnR0 ,st:0). Acesso em 02 mar. 2024.

²⁰ Fonte: AANKHEN. Direção: Ramanand Sagar, India. Produtora Ramanand Pictures. Distribuidora: Ramanand Pictures. Formato: Filme, 1968. 156 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_eXM8d5oGc. Acesso em 18 mar. 2024.

Filme	País de Origem	Ano de Lançamento	Breve Descrição
<p><i>“Na voyne, kak na voyne”</i>²¹ (Na Guerra, Como na Guerra)</p>	União Soviética	1969	A respectiva produção cinematográfica reflete a ênfase soviética em reforçar o heroísmo e a resistência das forças soviéticas durante a Segunda Guerra Mundial, que também servia como uma forma de propaganda para destacar o papel da União Soviética na luta contra o fascismo e justificar sua postura durante a Guerra Fria. A forma como o filme retrata os eventos da Segunda Guerra Mundial pode ser vista como um reflexo das tensões da Guerra Fria, projetando a União Soviética como um herói global e desafiando a narrativa ocidental sobre o papel da União Soviética na guerra.
<p><i>" Der Dritte"</i>²² (O Terceiro)</p>	Alemanha Oriental	1972	Der Dritte (ou O Terceiro) é um exemplo significativo do cinema da Alemanha Oriental, abordando temas relacionados à vigilância, desconfiança e a tensão da Guerra Fria. O filme é uma representação das complexidades e das questões ideológicas que marcaram o período da Guerra Fria, especialmente sob a perspectiva da Alemanha Oriental. A trama segue a vida de um homem que se vê em uma situação complexa e perigosa, lidando com questões de espionagem e conflito interno.
<p><i>" The Spy Gone North "</i>²³ (O Espião que foi para o Norte)</p>	Coreia do Sul	2018	The Spy Gone North (2018), dirigido por Yoon Jong-bin, aborda temas relacionados à espionagem e à política entre as Coreias, situando sua trama na década de 1990. Embora o enredo da película se passe em uma época posterior ao fim da Guerra Fria, a influência desse período é evidente na trama e na configuração do filme. A espionagem e

²¹ Fonte: *NA VOYNE, KAK NA VOYNE*. Direção Viktor Tregubovich, União Soviética. Produtora: Mosfilm. Distribuidora: Mosfilm. Formato: Filme, 1969. 137 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

²² Fonte: *DER DRITTE*. Direção: Egon Günther, Alemanha Oriental. Produtora DEFA (Deutsche Film-Aktiengesellschaft). Distribuidora: DEFA (Deutsche Film-Aktiengesellschaft). Formato: Filme, 1972. 95 min. Disponível em: Google Play.

²³ Fonte: *THE SPY GONE NORTH*. Direção: Jong-bin Yoon, Coreia do Sul. Produtora: Showbox. Distribuidora: Showbox. Formato: Filme, 2018. 137 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

Filme	País de Origem	Ano de Lançamento	Breve Descrição
			a segurança, temas centrais do filme, são diretamente derivados das práticas e tensões da Guerra Fria, e a divisão da Coreia e o conflito contínuo entre o Norte e o Sul têm profundas conexões com o legado desse período histórico.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2024) a partir da análise de algumas produções cinematográficas ao redor do mundo que problematizam a diversidade de visões quanto ao tema espionagem.

Portanto, para uma compreensão abrangente das representações da espionagem no cinema durante a Guerra Fria, é essencial olhar além das produções ocidentais dominantes e considerar as diversas visões oferecidas pelo cinema do bloco oriental e de outros países. Essas perspectivas alternativas enriquecem a compreensão da complexidade das dinâmicas geopolíticas e culturais desse período histórico.

2.2.2 Inovações Tecnológicas na Espionagem durante a Guerra Fria

Como a guerra fria também foi caracterizada por uma intensa corrida armamentista e tecnológica entre os Estados Unidos e a União Soviética, pode-se dizer que a espionagem desempenhou um papel fundamental, com ambas as superpotências buscando adquirir informações estratégicas sobre as atividades e avanços do inimigo. Este tópico abordará as inovações tecnológicas que impulsionaram a espionagem durante esse período tenso da história mundial.

Para compreender a evolução da representação da espionagem nos filmes de James Bond, é importante contextualizar as origens da franquia. Hobsbawm (1995, p. 85) argumenta que o período pós-Segunda Guerra Mundial marcou uma era de intensa rivalidade entre as superpotências, caracterizada por uma corrida armamentista e pela disseminação do medo nuclear. Nesse contexto, James Bond surge como um herói que personifica as fantasias e aspirações da sociedade ocidental. Jeffords (1993, p.73), por sua vez, pontua a masculinidade hiperbólica de Bond como uma resposta cultural à ameaça percebida do comunismo. Esses estudiosos proporcionam uma base conceitual para a análise das representações iniciais da espionagem na franquia.

Ao adentrar o universo da tecnologia de espionagem presente nos filmes de James Bond, a obra de Sirota (2011) torna-se central. A tecnologia desempenha um papel crucial na eficácia de Bond como agente secreto, representando a materialização das aspirações tecnológicas da

Guerra Fria. Desde *gadgets* modernos a veículos extraordinários, a tecnologia se torna não apenas uma aliada do agente secreto, mas também um reflexo do progresso tecnológico da época. Sirota continua sua análise, contextualizando como as representações cinematográficas de tecnologia de espionagem serviram para alimentar o imaginário público e reforçar a superioridade tecnológica do bloco ocidental (pp. 37-38).

No contexto da Guerra Fria, a construção da imagem do inimigo desempenhou um papel crucial na narrativa dos filmes de espionagem. O conhecido historiador e teórico do cinema francês Pierre Sorlin (1998, p. 376), argumenta que a representação dos vilões nos filmes de James Bond não é apenas uma questão de entretenimento, mas uma expressão simbólica das tensões geopolíticas da época. Os vilões muitas vezes personificam ameaças ideológicas, refletindo as ansiedades da sociedade em relação ao comunismo e outros sistemas considerados adversários. A tecnologia de espionagem, assim, torna-se uma ferramenta não apenas para derrotar o inimigo, mas também para reforçar a superioridade moral e tecnológica do mundo ocidental.

Uma das inovações mais significativas na espionagem durante a Guerra Fria foi o desenvolvimento e lançamento de satélites de reconhecimento. Hobsbawm (1995, p. 92) destaca que esses satélites permitiram uma vigilância constante e detalhada das atividades inimigas, fornecendo informações valiosas sobre locais estratégicos, instalações militares e movimentações de tropas. Os Estados Unidos, em particular, investiram pesadamente no programa de satélites de reconhecimento, como evidenciado pelos registros históricos .

A guerra tecnológica entre as superpotências também se estendeu ao campo das comunicações. Sirota (2011, p. 52) ressalta que ambos os lados buscaram desenvolver tecnologias avançadas para interceptar e decifrar as comunicações do inimigo. Os esforços nesse sentido resultaram no surgimento de equipamentos sofisticados de espionagem eletrônica, capazes de penetrar em sistemas de comunicação codificados. Essa capacidade de monitoramento constante teve um impacto substancial nas estratégias militares e políticas de ambas as nações durante a Guerra Fria.

Além dos avanços no monitoramento à distância, a Guerra Fria viu o desenvolvimento e utilização generalizada de dispositivos de vigilância. Sorlin (1998, p. 378) ressalta que agentes de espionagem de ambas as superpotências foram equipados com dispositivos miniaturizados e camuflados para coletar informações em ambientes hostis. Isso inclui microfones ocultos, câmeras de filmagem discretas e outros dispositivos inovadores que permitiram a coleta de informações cruciais em situações desafiadoras.

Durante a Guerra Fria, as inovações tecnológicas desempenharam um papel

fundamental na evolução da espionagem. Satélites de reconhecimento, avanços na interceptação de comunicações e o uso de dispositivos de vigilância foram elementos-chave nesse cenário de rivalidade intensa entre os Estados Unidos e a União Soviética. Essas inovações não apenas redefiniram as estratégias de espionagem, mas também influenciaram a representação da espionagem no cinema, tornando-se temas recorrentes em produções cinematográficas que exploram esse intrigante período da história mundial.

A interseção entre ficção e realidade é um fenômeno intrigante, especialmente quando se trata das inovações tecnológicas no contexto da espionagem durante a Guerra Fria. Autores como Hobsbawm (1995) e Jeffords (1993) têm explorado essa conexão, enfatizando como a imaginação cinematográfica frequentemente antecipou e influenciou o desenvolvimento de tecnologias utilizadas por agências de inteligência.

No âmbito cinematográfico, obras da época, como os clássicos de espionagem, refletiam as ansiedades e ameaças percebidas na sociedade da Guerra Fria. Hobsbawm (1995) discute como o cinema tornou-se um espelho da paranoia e do medo que permeavam a atmosfera da época, enfatizando o papel das representações visuais na construção de narrativas que moldaram a compreensão pública da espionagem. Jeffords (1993) complementa essa análise ao examinar como as produções cinematográficas não apenas refletiam, mas também contribuíam para a cultura de inovação tecnológica na área de inteligência.

Tal relação entre ficção e realidade nas inovações tecnológicas é evidente quando se observa o papel preditivo de algumas obras cinematográficas. Sirota (2011, p. 45) destaca como filmes do período Guerra Fria apresentaram dispositivos tecnológicos que, anos mais tarde, tornaram-se ferramentas reais de espionagem. A imaginação dos cineastas, muitas vezes guiada por consultores técnicos com conhecimentos privilegiados, antecipou o surgimento de dispositivos de vigilância, comunicação e criptografia que, eventualmente, se tornaram parte do arsenal das agências de inteligência.

O impacto dessas produções cinematográficas na realidade vai além da mera antecipação tecnológica, influenciando a percepção pública e as estratégias de agências governamentais. Sorlin (1998, p. 380) argumenta que as representações cinematográficas da espionagem moldaram as expectativas do público em relação às capacidades das agências de inteligência. O público, por meio do cinema, foi exposto a narrativas que glorificavam a habilidade de superespões e suas tecnologias avançadas, criando uma expectativa social de que tais recursos eram não apenas possíveis, mas também necessários para a segurança nacional.

A simbiose entre ficção e realidade na inovação tecnológica na espionagem durante a Guerra Fria é um fenômeno complexo e multifacetado. As representações cinematográficas não

apenas refletiram as ansiedades da época, mas também desempenharam um papel ativo na moldagem da pesquisa e desenvolvimento tecnológico em agências de inteligência. A influência dessas narrativas perdura até os dias atuais, continuando a inspirar e moldar a percepção pública das inovações tecnológicas no campo da espionagem.

2.3 GUERRA FRIA E A FRANQUIA JAMES BOND 007

A representação da Guerra Fria no cinema foi um fenômeno marcante, especialmente no gênero de espionagem. A saga de James Bond, o famoso 007, icônico agente secreto britânico, não apenas reflete os acontecimentos políticos da época, mas também desempenha um papel relevante na construção da imagem da Guerra Fria. Para compreender essa dinâmica, é essencial explorar as contribuições de diversos estudiosos que analisaram a interseção entre a espionagem cinematográfica e o contexto geopolítico da Guerra Fria.

Hobsbawm (1995, p. 57) enfatiza que o cinema desempenha um papel vital na representação e construção da história cultural. Nesse sentido, a saga de James Bond torna-se um campo de estudo fascinante para entender como os valores, tensões e a dinâmica geopolítica da Guerra Fria foram incorporados nas narrativas cinematográficas. As obras de Ian Fleming, que deram origem aos filmes, refletem a paranoia e a rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética, servindo como um espelho da atmosfera tensa da Guerra Fria.

Jeffords (1993, p. 78) complementa essa perspectiva ao explorar a figura do herói de ação na cinematografia durante a Guerra Fria. Bond, como representante dessa figura, personifica não apenas a força física, mas também a astúcia e a habilidade em lidar com intrigas políticas e ameaças globais. Os filmes de James Bond tornam-se, assim, um terreno fértil para a análise das representações de masculinidade e poder durante esse período de tensão geopolítica. A natureza complexa e ambígua do personagem reflete a necessidade de uma abordagem multifacetada na análise da representação do conflito global.

Collins (2007, p. 61) pontua a importância das narrativas de espionagem na criação de estereótipos e mitos culturais. No contexto da Guerra Fria, os filmes de James Bond contribuíram significativamente para a construção de estereótipos tanto do herói quanto do vilão, perpetuando ideias sobre o inimigo comunista e os valores ocidentais. A dualidade entre Bond e seus antagonistas reflete não apenas a luta entre superpotências, mas também as tensões ideológicas que permeavam o cenário global da época.

O agente secreto britânico James Bond, criado por Ian Fleming, tornou-se uma figura icônica do cinema, personificando o charme, a sagacidade e a eficácia na luta contra as ameaças

globais. Acerca do autor, Ian Lancaster Fleming, nascido em 28 de maio de 1908, em Londres, foi um escritor britânico, jornalista e oficial da inteligência naval, mais conhecido como o criador do icônico personagem James Bond. Filho de uma família abastada, Fleming foi educado em instituições prestigiosas como Eton College e a Universidade de Genebra. Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu como oficial de inteligência naval, uma experiência que mais tarde inspiraria seus romances de espionagem. Após a guerra, Fleming trabalhou como jornalista e corretor de valores antes de se dedicar integralmente à escrita.

A série de James Bond começou com "Casino Royale", publicado em 1953. Fleming escreveu um total de doze romances e duas coleções de contos sobre o agente secreto britânico, incluindo títulos famosos como "Goldfinger", "From Russia with Love", e "Dr. No". As histórias de Bond são conhecidas por suas tramas de espionagem elaboradas, vilões extravagantes e *gadgets* sofisticados. A série ganhou enorme popularidade e foi adaptada para o cinema, transformando Bond em um ícone cultural global. Além dos romances de Bond, Fleming também escreveu "Chitty-Chitty-Bang-Bang", uma história infantil que também foi adaptada para o cinema.

Ian Fleming faleceu em 12 de agosto de 1964, mas seu legado perdura através das continuações de suas obras por outros autores e das adaptações cinematográficas de James Bond, que continuam a ser produzidas. O impacto de Fleming na literatura de espionagem é indiscutível, tendo estabelecido muitos dos tropos e padrões do gênero. A influência de suas histórias vai além dos livros e filmes, permeando a cultura popular e influenciando a percepção pública de espiões e espionagem. Fleming não só criou um personagem duradouro, mas também um universo que continua a cativar novas gerações de leitores e espectadores ao redor do mundo.

A estrutura narrativa dos filmes de Bond frequentemente reflete as tensões geopolíticas da Guerra Fria. Hobsbawm (1995, p. 62), destaca que, ao longo da série, os vilões muitas vezes representam uma encarnação da paranoia ocidental em relação ao bloco oriental. O antagonista, muitas vezes vinculado à União Soviética ou a organizações criminosas associadas a ela, personifica os medos e as desconfianças da época.

Um exemplo claro dessa representação pode ser encontrado em "007 contra Octopussy"²⁴(1983), onde o vilão General Orlov é um oficial soviético que busca desencadear uma guerra nuclear para fortalecer a posição da União Soviética no mundo. Jeffords (1993, p.85), argumenta que essas narrativas não apenas refletem a mentalidade da Guerra Fria, mas também

²⁴ Fonte: 007 CONTRA OCTOPUSSY. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1983. 131 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

a reforçam, contribuindo para a construção de estereótipos e preconceitos em relação aos adversários geopolíticos.

Além disso, a análise de Collins (2007, p. 112) amplia a compreensão dessa dinâmica ao destacar como a representação de superpotências nos filmes de Bond não se limita apenas aos vilões. O próprio James Bond, como agente britânico, age como um símbolo da supremacia ocidental, personificando valores e ideais que eram associados à Guerra Fria. A imagem do agente secreto britânico enfrentando ameaças globais reforça a narrativa da superioridade democrática sobre o comunismo, promovendo uma visão particular do mundo.

Chapman (2007, p. 38), por sua vez, argumenta que essas representações não são apenas reflexos passivos das realidades políticas, mas também influenciam a percepção pública e as atitudes em relação aos conflitos globais. Ao retratar as superpotências de maneira simplificada e muitas vezes caricatural, os filmes de Bond moldam a compreensão popular das relações internacionais e contribuem para a manutenção de estereótipos que perduram até hoje.

Nesse contexto é possível observar a influência da Guerra Fria na construção da identidade nacional no cinema. Os filmes de James Bond, ao situar o personagem em diferentes partes do mundo, proporcionam uma visão global da geopolítica. A representação de Bond como agente internacional revela a complexidade das relações entre os países durante a Guerra Fria, indo além da dicotomia simplista entre o bem e o mal. O agente secreto britânico atua como um mediador ambíguo, refletindo as alianças e rivalidades que moldaram a política mundial da época.

A saga de James Bond emerge como um artefato cultural rico para a compreensão das representações cinematográficas durante a Guerra Fria. Ao considerar as análises de Hobsbawm (1995), Jeffords (1993), Collins (2007) e Chapman (2007), é possível destrinchar as camadas simbólicas e ideológicas presentes nos filmes, proporcionando uma visão diversificada da interação entre o cinema, a espionagem e o contexto geopolítico do período. Essa abordagem multidisciplinar revela a complexidade e a relevância duradoura da saga de James Bond como um espelho cultural da Guerra Fria.

2.3.1 Produção e disseminação do filme “007 Somente Para Seus Olhos” (1981).

De acordo com os estudos apresentados nesta pesquisa, a guerra fria foi um período de intensa rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética, caracterizado por uma corrida armamentista e uma competição ideológica que se estendeu por décadas. Neste caso, a espionagem desempenhou um papel crucial, influenciando não apenas a geopolítica, mas

também a cultura popular, como evidenciado na produção cinematográfica da época. Este tópico examinará a relação entre a espionagem e o filme "007 Somente Para Seus Olhos" (1981), explorando como elementos da Guerra Fria se manifestam na narrativa, na estética e na recepção do filme.

Para compreender a influência da espionagem no cinema durante a Guerra Fria, é importante contextualizar o período em questão. A bipolaridade entre Estados Unidos e União Soviética estimulou a produção de filmes que refletiam as tensões geopolíticas da época. Segundo Collins (2007, p.55), a indústria cinematográfica desempenhou um papel propagandístico, moldando as percepções do público sobre os eventos e personagens desse cenário de confronto ideológico.

O agente secreto James Bond tornou-se um ícone da cultura popular durante a Guerra Fria, personificando a figura do espião glamoroso e eficiente. Chapman (2007, p. 71) ressalta que, ao longo das décadas, Bond se adaptou às mudanças no cenário geopolítico, representando as preocupações e inimigos predominantes em cada época. "007 Somente Para Seus Olhos" (1981) não é exceção, sendo lançado em um momento crucial das relações entre as potências.

James Chapman continua sua análise, enfatizando como a narrativa de "007 Somente Para Seus Olhos" incorpora elementos da espionagem, explorando intrincadas tramas de intriga e mistério. O enredo do filme, centrado em uma missão de Bond para recuperar um dispositivo de comunicação vital, reflete as preocupações da época sobre o roubo de tecnologia e segredos militares. A interconexão entre a trama e o contexto histórico é evidente, proporcionando ao público uma representação cinematográfica do clima de desconfiança da Guerra Fria (2007, p.82).

É relevante considerar o contexto histórico e político no qual o filme foi produzido e lançado. Como salientado por Collins (2007, p. 84), os anos 1980 foram marcados por transformações significativas na sociedade americana, refletindo-se também na cultura popular e, conseqüentemente, no cinema. O filme "007 Somente Para Seus Olhos", lançado em 1981, não está imune a essas influências, e sua análise deve levar em conta as características políticas e culturais da época.

Como enfatiza Jeremy Black, renomado historiador britânico que analisa os filmes de James Bond e seu contexto histórico, político e cultural. A ambientação do filme em diferentes locais ao redor do mundo, como Grécia e Itália, proporciona uma visão panorâmica das relações internacionais e geopolíticas da época. Além disso, as tramas envolvendo espionagem, intriga e conspiração oferecem *insights* sobre os temores e tensões da Guerra Fria, que influenciaram significativamente a política mundial e as relações entre os blocos ocidental e oriental (2017, p.

34).

No contexto do ensino de História, o filme pode ser utilizado como uma ferramenta para discutir não apenas eventos históricos específicos, mas também conceitos como propaganda, diplomacia e espionagem. Os educadores podem incentivar os alunos a analisar criticamente as representações de diferentes países e culturas no filme, questionando estereótipos e examinando como essas representações refletem as relações de poder da época (DUARTE, 2002, p. 362).

O estudo do filme no contexto do ensino de Cinema permite aos alunos explorarem técnicas cinematográficas, como fotografia, direção de arte e edição, que contribuem para a construção da narrativa e atmosfera do filme. Conforme Paulo Henrique de Oliveira Lopes, Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Paulista (UNIP) pontua, a importância da trilha sonora e dos efeitos sonoros na criação da identidade audiovisual da franquia James Bond, que se tornaram elementos icônicos da cultura popular (2019, p 98).

Aspectos técnicos e estéticos do filme também são fundamentais para uma análise abrangente. A obra cinematográfica de James Bond sempre foi conhecida por seu estilo visual único e suas cenas de ação espetaculares. Nesse sentido, a contribuição de autores como Duarte (2002), ao discutir a relação entre cinema e educação, é relevante para compreender como os elementos visuais e narrativos do filme podem influenciar a percepção do espectador e transmitir mensagens simbólicas.

A narrativa do filme muitas vezes reflete as tensões e os dilemas enfrentados durante a Guerra Fria. Os personagens, como o próprio James Bond, representam os agentes secretos que operavam nos bastidores para proteger os interesses de seus países e frustrar os planos dos inimigos. A estética visual do filme, incluindo cenários exóticos, *gadgets* de alta tecnologia e cenas de ação espetaculares para a época de sua produção, também refletem o glamour e a sofisticação associados à espionagem durante esse período.

A película "007 Somente Para Seus Olhos" também pode ser vista como uma reflexão das mudanças geopolíticas e ideológicas que estavam ocorrendo na época. O filme foi lançado no início da década de 1980, um período de intensificação da Guerra Fria, marcado pelo aumento das tensões entre os Estados Unidos e a União Soviética, especialmente após a invasão soviética do Afeganistão em 1979.

O filme que pode ser analisado sob a perspectiva do neoliberalismo²⁵, especialmente

²⁵ O conceito de neoliberalismo, refere-se a um conjunto de ideias e políticas econômicas que emergiram a partir da década de 1970 como uma resposta ao intervencionismo estatal keynesiano e às crises econômicas que abalaram o capitalismo na época. O neoliberalismo busca revitalizar o liberalismo clássico, promovendo o mercado livre e a redução da intervenção do Estado na

considerando o contexto histórico e político da época em que foi produzido. A relação entre o filme e o neoliberalismo se reflete em diversos aspectos, desde a representação de vilões até as mensagens subjacentes sobre economia e poder.

O enredo da película envolve uma disputa pelo controle de um dispositivo de espionagem valioso, que pode ser utilizado para manipular o mercado de armas e tecnologia. O foco no controle de tecnologia e na manipulação do mercado ilustra como os interesses econômicos estão entrelaçados com a segurança e o poder, um tema central no neoliberalismo.

A respectiva produção cinematográfica retrata o governo e os serviços de inteligência como os principais atores no combate ao crime e à corrupção, mas também mostra como o mercado e as atividades econômicas desempenham papéis críticos no cenário global. Embora Bond e a agência britânica sejam apresentados como os heróis, o filme reconhece o impacto do mercado e das forças econômicas na segurança global. O estilo de vida de Bond, com seu luxo e consumismo, é um reflexo dos valores neoliberais que promovem a riqueza pessoal e o sucesso individual. A representação de Bond como um herói sofisticado e consumista pode ser vista como uma celebração dos ideais neoliberais de prosperidade e status.

Outra característica importante a ser considerada na análise de “007 Somente Para Seus Olhos” é o uso de *product placement* (produtos ou marcas são inseridos de forma sutil em filmes) como estratégia de comunicação. Conforme discutido pela pesquisadora Marília Pretto (2015, p. 52), a inserção de marcas e produtos dentro do filme não é apenas uma forma de financiamento da produção, mas também uma maneira de construir significados e associações na mente do público. Portanto, ao analisar o filme de James Bond, é essencial examinar como essas estratégias de marketing são utilizadas e como influenciam a narrativa e a recepção do público.

Assim, a película analisada não apenas proporcionou entretenimento ao público da época, mas também serviu como um reflexo das complexidades geopolíticas e ideológicas do período da Guerra Fria, explorando temas como rivalidade entre superpotências, espionagem internacional e luta pelo poder global. Examinar sua obra permite aprofundar o conhecimento sobre a linguagem cinematográfica específica da franquia e suas transformações ao longo dos anos.

economia. O neoliberalismo ganhou força nas décadas de 1980 e 1990, impulsionado por líderes políticos como Margaret Thatcher no Reino Unido e Ronald Reagan nos Estados Unidos. Suas políticas foram influenciadas por economistas como Friedrich Hayek e Milton Friedman, que criticaram as políticas keynesianas e defenderam a primazia do mercado na organização econômica. Fonte bibliográfica: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. Dicionário de Política. 12ª ed. Trad. Carmen C. Varriale. Brasília: Editora UnB, 2000.

Por fim, "007 Somente Para Seus Olhos" foi um sucesso de crítica e público, arrecadando mais de 200 milhões de dólares em bilheteria e recebendo diversas premiações. Essa recepção positiva o torna um filme relevante para compreender as expectativas e o gosto do público em relação à franquia 007 na década de 1980.

A obra de James Bond também pode ser abordada sob uma perspectiva estatística, como demonstrado pelo professor e pesquisador Derek S. Young (2014, p. 72), que oferece uma análise quantitativa dos elementos recorrentes nos filmes da franquia. Essa abordagem complementa as análises mais tradicionais, fornecendo *insights* sobre padrões e tendências presentes na série de filmes.

Quando pesquisamos a estética visual de "007 Somente Para Seus Olhos," é possível contemplar o uso simbólico da cinematografia para acentuar os temas da espionagem. O jogo de sombras, a iluminação meticulosa e os cenários exóticos contribuem para a construção de uma atmosfera de mistério e perigo, características fundamentais dos filmes de espionagem da época. Esses elementos visuais não apenas aumentam a tensão narrativa, mas também refletem a polarização ideológica do contexto histórico.

Em síntese, a produção e disseminação do filme "007 Somente Para Seus Olhos" foram profundamente influenciadas pelo cenário da Guerra Fria e pela crescente cultura de espionagem. A narrativa, os personagens e a estética visual convergem para criar uma obra que não apenas entreteve o público da época, mas também serviu como reflexo das complexidades geopolíticas e ideológicas do período. Nesse sentido, entre as 25 películas da franquia 007, optamos pelo décimo segundo filme, sendo ele: 007 Somente Para Seus Olhos (1981) pois acreditamos que a referida película, em relação aos outros filmes da franquia 007, apresenta maior número de características relevantes a serem contemplados no ensino de História no contexto da Guerra Fria, além de ser um recurso pedagógico enriquecedor que oferece uma ampla gama de referências, conexões e tópicos de discussão que os estudantes podem explorar em relação à História conforme pretendemos apresentar no próximo capítulo.

3. GUIA DIDÁTICO DO FILME 007 – SOMENTE PARA SEUS OLHOS (1981)

Neste último capítulo, apresentaremos a relevância do ensino de história e cinema, abordaremos o processo de elaboração e construção da respectiva análise fílmica e por fim, apresentaremos o produto desta dissertação que estará inserido no referido capítulo: o guia didático propriamente dito do filme “007 Somente Para Seus Olhos” (1981) como recurso pedagógico nas aulas de História. Este guia conterá sugestões metodológicas para professores utilizarem o filme em sala de aula, a fim de enriquecer seus recursos metodológicos e ampliar as possibilidades de aprendizagem dos estudantes no ensino de História.

3.1. ENSINO DE HISTÓRIA E CINEMA

O cinema é uma das invenções mais significativas da era contemporânea. Sua origem está ligada à criação do cinematógrafo pelos irmãos franceses Louis e Auguste Lumière. A primeira exibição pública de um filme aconteceu no Grand Café, localizado no Bulevar des Capucines, em Paris, no final de 1895 (DUFRESNE, 2005, p.72). Embora o cinema tenha surgido no final do século XIX, foi somente após 1960 que a produção cinematográfica começou a ser valorizada pela historiografia. Conforme o professor, Jairo Carvalho do Nascimento, Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) aponta, isso ocorreu quando historiadores, particularmente Marc Ferro e Pierre Sorlin, associados à Escola dos Annales, passaram a investigar sistematicamente as relações teórico-metodológicas entre cinema e história (2008, p.2). Nesse período, a historiografia expandia seus horizontes por introduzir novos métodos, objetos de análise e novas abordagens, em seu campo de pesquisa.

No Brasil, o cinema vem sendo proposto como uma ferramenta metodológica/didática no ensino desde o início do século XX. Vários intelectuais associados à corrente educacional da Escola Nova sugeriram o uso de recursos audiovisuais, especialmente o cinema (que teve um desenvolvimento espetacular nas décadas de 1910 e 1920), como uma maneira de estimular e tornar o processo de aprendizagem mais interessante para os alunos (ABUD, 2003, p.186). Entretanto, a utilização das películas no ambiente escolar passou a ganhar destaque somente a partir das últimas décadas do século XX, pois como o historiador Guimarães Fonseca, pontua que:

Nas últimas décadas do século XX e início do XXI, uma das principais discussões na área da metodologia do ensino de História no Brasil tem sido a incorporação de diferentes linguagens e fontes no estudo dessa disciplina.

Como exemplos, imagens, obras de ficção, jornais, canções, TV, internet, mídias em geral e o cinema. Esse debate se acentuou no contexto de **revisão dos currículos, de crítica aos livros didáticos tradicionais**, pós ditadura militar; do avanço tecnológico da indústria cultural brasileira, do **desenvolvimento das chamadas mídias educacionais** e do movimento de ampliação documental e temática das pesquisas nas áreas da história e da educação. **Entre essas fontes mais utilizadas no processo de ensino e aprendizagem de História, estão os filmes** (2009, p.152, grifo nosso).

Nesse contexto, podemos elencar o cinema como um dos principais meios de transmissão da nossa cultura nos séculos XX e XXI, com tanta potencialidade, os filmes podem, na sala de aula, ser um canal de construção da consciência histórica no processo de ensino-aprendizagem, pois possui um importante mecanismo de produção de realidade e representação do mundo sendo então, significativo na sala de aula por fomentar o debate de temáticas históricas gerando a reflexão e construção de significados na atualidade.

Para que tal realidade seja possível, é crucial legitimar o uso das fontes audiovisuais como fontes de conhecimento histórico que podem promover a conscientização histórica dos alunos. O historiador brasileiro, Rodrigo de Almeida Ferreira (2014), analisa que a percepção do filme histórico como algo entre um testemunho imparcial e uma recriação ficcional do passado é um dos motivos pelos quais historiadores hesitam em incorporar a produção cinematográfica em suas análises. Muitas críticas dirigidas aos filmes históricos focam na argumentação de que eles apresentam imprecisões, erros e inverdades históricas. No entanto, tais críticas frequentemente ignoram as especificidades da linguagem cinematográfica e o fato de que as liberdades ficcionais não são arbitrárias. O autor também sugere que considerar filmes que tratam de temas históricos vai além da simples questão de correção ou erro em relação às pesquisas históricas (pp. 277-280).

Nesse viés, é essencial abandonar a ideia de que apenas a escrita pode reconstruir um passado legítimo e verdadeiro, e que novas maneiras de criá-lo eliminariam as formas tradicionais de história. As mídias audiovisuais não têm a intenção de substituir a escrita, mas sim de complementar as formas de se discutir o passado. No entanto, essas fontes devem ser contextualizadas em relação ao discurso histórico e à maneira como transmitem o passado para serem bem aproveitadas em sala de aula. Afinal, se a produção acadêmica histórica estabelece preceitos para todos os outros campos do conhecimento, sua conexão com o ensino de História está, portanto, intrinsecamente ligada à sala de aula e ao cinema.

O filme, enquanto fonte histórica, necessita ser analisado criticamente. No contexto do ensino de História, o professor deve interpretar o filme como uma representação do passado criada por sociedades e em períodos que nem sempre estão diretamente conectados aos eventos

históricos retratados, nem são herdeiros diretos da história encenada (NAPOLITANO, 2003, p. 173).

Como lembra a professora Katia Abud (2003):

Expressões que se tornaram já lugares comuns, como “uma imagem vale mais que mil palavras” dão segurança a professores, que são auxiliados pela existência, nas escolas, de retroprojetores, aparelhos de televisão, projetores de vídeo e outros instrumentos. A expressão não é vazia e nem carece de fundamento, pois estudos sobre o tema asseguram que os dados provenientes da visão e audição correspondem a 50% do que é retido pelos alunos. Audição e visão são também responsáveis pela retenção mais duradoura daquilo que os alunos aprendem (p. 188).

Devido sua relevância na sociedade contemporânea, bem como no espaço escolar o cinema apresenta elementos relevantes como fonte de investigação histórica pois permite examinar processos, interpretar determinadas “verdades”, alteridades, que revelam o contexto histórico em que tais produções foram realizadas e a intencionalidade de quem as produziu, construindo, como enfatiza os historiadores e Pesquisadores Maria da Conceição Pires e Sérgio Luiz Pereira da Silva (2014, p. 618), os significados sociais na contemporaneidade.

É interessante notar que geralmente durante a exibição de um filme nas aulas de História, o professor ouve as seguintes indagações: “Isso acontecia mesmo naquela época professor?”, “Antigamente era assim mesmo?” questionamentos como esses são evidências do interesse por parte dos estudantes nos conteúdos de História quando utilizamos os recursos audiovisuais e ao mesmo tempo refletem, que no senso comum, como Robert Rosenstone²⁶ (2015, p. 57-60) problematiza, o valor histórico do filme é sempre interligado à veracidade dos fatos e sua fidelidade com os registros históricos, sendo o filme uma fiel transposição da história para as telas.

Dessa forma, um dos principais desafios do professor de História é ampliar a visão dos educandos de que história não está enraizada somente ao passado, ela é uma ciência viva totalmente associada ao tempo presente. Para que tal objetivo seja alcançado é importante que a análise fílmica numa aula de história não tenha o foco em como o passado é reconstruído de maneira fiel, mas sim, instigarem os estudantes a analisarem os seguintes questionamentos:

²⁶ Robert Rosenstone é um historiador e teórico do cinema americano, amplamente reconhecido por seu trabalho na interseção entre história e cinema. Ele é uma figura influente no campo dos estudos de filmes históricos e na análise de como o cinema representa e interpreta eventos históricos. Rosenstone argumenta que os filmes não devem ser julgados apenas por sua precisão factual, mas também por sua capacidade de capturar a essência de uma época ou evento. Ele sugere que o cinema oferece uma forma de "história visual" que é distinta, mas complementar à narrativa textual tradicional. O historiador é uma figura central na defesa da legitimidade do cinema como uma forma de história, argumentando que filmes históricos têm o poder de influenciar e moldar a memória coletiva. Perfil do historiador Robert Rosenstone. Disponível em: < <https://rosenstone.com/bio.html>.>. Acesso em 13 abr. 2024.

Qual é a intencionalidade do produtor/diretor na película a ser analisada? De que forma conseguem transmitir tais ideais por meio de personagens, enquadramento de câmeras, trilha sonora, cenários, entre outros aspectos? Como ocorrem os desdobramentos dos acontecimentos, seu desfecho e impacto?

Nesse processo, ocorre o que Rogério de Almeida, Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) elenca, (2017, p. 7) como pedagogização do cinema, quando a película perde sua condição de resistência, de desnaturalização, desveste-se de seu imaginário e de sua condição de obra de arte para servir a propósitos didático-pedagógicos oportunistas outros olhares além do próprio filme.

Por isso:

Filmes, minisséries, documentários e docudramas históricos de grande bilheteria são gêneros cada vez mais importantes em nossa relação com o passado e para o nosso entendimento da história. **Deixá-los fora da equação quando pensamos o sentido do passado significa nos condenar a ignorar a maneira como um segmento enorme da população passou a entender os acontecimentos e as pessoas que constituem a história** (ROSENSTONE 2015 p. 17, grifo nosso).

Conforme o historiador francês internacionalmente conhecido, Michel de Certeau (1982, p. 66), assinala, o campo da história não pode ser tão rigidamente sistematizado, em blocos cronológicos e geográficos, pois possui amplas articulações políticas, econômicas, culturais e sociais. Como Ferreira (2014, p. 276) analisa, os filmes históricos não apenas abordam um tema do passado, mas também podem funcionar como mediadores, divulgadores e produtores do conhecimento histórico. Seguindo essa linha, as abordagens sobre o cinema em sala de aula nesta pesquisa, tem por objetivo a reflexão e produção de novos olhares para os alunos sobre o entendimento da história da Guerra Fria realizando a vinculação de como a representação de um determinado passado faz sentido no presente.

Entretanto, é essencial a seleção criteriosa do docente em relação a película a ser apresentada, pois como enfatiza a renomada doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), Circe Maria Fernandes Bittencourt²⁷:

²⁷ Circe Maria Fernandes Bittencourt é uma educadora e historiadora brasileira, conhecida por suas contribuições no campo da educação e ensino de história. Seu trabalho se concentra na formação de professores, currículo e ensino de história, com ênfase nas metodologias de ensino e na construção do conhecimento histórico em sala de aula. A historiadora é uma figura central no debate sobre educação histórica no Brasil, e sua obra é referência para educadores e pesquisadores que buscam compreender e melhorar o ensino de história no contexto escolar. Disponível em: < <https://www4.fe.usp.br/memoria-do-corpo-docente-circe-maria-fernandes-bittencourt>.>. Acesso em 10 mar. 2024.

As fontes históricas em sala de aula são utilizadas diferentemente. Os jovens e as crianças estão aprendendo História e não dominam o contexto histórico em que o documento foi produzido, **o que exige sempre a atenção ao momento propício de introduzi-lo como material didático e a escolha dos tipos adequados ao nível e às condições de escolarização dos alunos** (2004, p. 329, grifo nosso).

Com todos esses fatores em mente, é possível refletir que o cinema é uma forma de arte que reflete e molda as percepções sociais, culturais e políticas. Cada filme é uma construção cultural que reflete as visões, valores e ideologias de seus criadores e da sociedade em que foi produzido. Desde a escolha do enredo, dos personagens e do cenário até a forma como a história é contada e os temas são abordados, o cinema tem o poder de influenciar a forma como percebemos o mundo ao nosso redor.

Como o historiador brasileiro José Barros (2011, p. 192) problematiza, a sinopse, que resume o filme de forma abreviada com base no roteiro, é um dos principais instrumentos para os produtores cinematográficos e também uma fonte válida para análise. A biografia do diretor e suas entrevistas sobre a obra são importantes elementos para entender sua posição como cineasta na sociedade, suas práticas e pensamentos. Além disso, a recepção do filme pelos espectadores, especialmente pelos alunos, oferece *insights* sobre como a obra foi percebida e discutida, revelando diferentes discursos sobre a narrativa apresentada na tela.

Um longa-metragem é construído a partir de múltiplos discursos que se entrelaçam e interagem, o que exige uma análise que vá além dos componentes discursivos tradicionais, como roteiro e diálogos. É crucial também examinar outros elementos da linguagem cinematográfica, como locações, música, fotografia, cultura material implícita e visualidade. No entanto, as imagens não devem ser vistas apenas como ilustrações dos conhecimentos da história escrita; é importante considerá-las por suas próprias especificidades.

Nesse sentido:

Quando se concebe que a educação é um processo mais amplo que a escolarização, que ocorre em todas as sociedades, mesmo nas ditas primitivas ou arcaicas, e independentemente da existência de instituições educativas como a escola, **é possível avançar na compreensão de um cinema que educa não porque ensina determinado conteúdo, mas porque condiciona operações cognitivas próprias da narrativa, além de fornecer material concreto e singular para abstrações mais universalizantes** (dimensão do pensamento), porque atua na economia da libido, das paixões e das sensações (dimensão estética), porque fornece modelos de identificação/projeção com os personagens e seus desejos, sonhos, pensamentos (dimensão do imaginário), porque tensiona a relação do homem com o mundo numa dimensão social, psicológica, existencial e mítica. (ALMEIDA, 2017, p. 8, grifo nosso)

Os filmes podem criar realidades alternativas, recriar eventos históricos, explorar questões sociais e políticas e transmitir mensagens ideológicas de várias maneiras. Assim, o filme é um produto ideológico, não neutro, mesmo quando um filme não pretende ser político, suas escolhas de produção, como elenco, direção, roteiro e edição, inevitavelmente carregam perspectivas e visões de mundo que moldam a experiência do espectador.

Portanto, o cinema é uma forma de expressão cultural poderosa que pode tanto desafiar quanto reforçar as estruturas existentes de poder e as narrativas dominantes. Ao assistir filmes de forma crítica, podemos entender melhor como as representações culturais são criadas e como elas influenciam nossa compreensão do mundo.

O docente deve utilizar o filme não apenas como um elemento ilustrativo, mas como uma ferramenta didática para facilitar e aprofundar o aprendizado histórico. Nesse viés, o professor e historiador Darcy Viglus, enfatiza que:

O contato com o mundo do cinema é uma experiência única e marcante. A utilização de filmes na aula de história estimula desde cedo os adolescentes e jovens ao hábito de assistir a um filme e, ainda, aprender história de forma contextualizada através das novas tecnologias. **Educar pelo cinema é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético** (2008, p. 5, grifo nosso)

A exposição a uma linguagem cinematográfica diferente daquela com a qual se está familiarizado pode estimular o desenvolvimento de uma análise visual crítica. Isso inclui entender os significados gerados pelo filme, as relações de poder que ele reflete e as práticas sociais que ele promove e produz. Dessa forma, O ensino de história por meio do cinema pode ser extremamente relevante por várias razões conforme a tabela abaixo:

Tabela 4 - Cinema e possibilidades no ensino de História

Acessibilidade e Engajamento:	O cinema é uma forma de arte amplamente acessível e popular. Incorporar filmes no ensino de história pode atrair o interesse dos alunos e aumentar seu engajamento com o conteúdo.
Visualização e Imersão:	O cinema oferece uma representação visual e imersiva de eventos históricos, permitindo que os alunos visualizem contextos históricos, ambientes e personagens de uma maneira que os textos tradicionais podem não conseguir.
Perspectivas Diversificadas:	Os filmes podem oferecer perspectivas diversas e multifacetadas sobre eventos históricos, permitindo que os alunos vejam diferentes interpretações e pontos de vista sobre os mesmos eventos.
Análise Crítica:	Os filmes podem ser analisados criticamente em relação à sua precisão histórica, representações culturais e ideológicas, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades de pensamento crítico e avaliem a mídia de maneira mais ampla.

Estímulo à Criatividade:	Além de assistir a filmes, os alunos também podem ser incentivados a criar seus próprios filmes ou projetos de mídia baseados em eventos históricos, o que pode estimular a criatividade e o pensamento crítico.
--------------------------	--

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir da análise de algumas possibilidades no ensino de História e Cinema.

Ao examinarmos um filme e seu impacto em nosso entendimento histórico, é crucial lembrar que os filmes são produtos de seu tempo; são criações que refletem a época em que foram feitos e, assim, carregam consigo uma intencionalidade específica. Essa é uma das questões essenciais que deve ser explorada com os alunos. Devemos buscar nas obras cinematográficas um entendimento do pensamento histórico que está representado na tela. Este é um exercício fundamental a ser realizado em sala de aula.

Rosenstone (2012, pp. 160-165), elenca que o uso de figuras de linguagem, comumente encontrado na produção audiovisual e também utilizado de maneira frequente nas aulas de história, serve como um meio mais direto para transmitir certas ideias. Na produção audiovisual, é interessante destacar que não se deve enfatizar a precisão factual, pois essa não é a principal preocupação. Em vez disso, devemos focar no que essas figuras de linguagem comunicam, seja para ilustrar temas mais abrangentes, criar conceitos de passado ou construir interpretações específicas da história que moldam nossa compreensão dos eventos históricos.

As intenções de um filme, como a moral ou a lição de história transmitida na tela, nem sempre estarão alinhadas com os objetivos de reflexão desejados em sala de aula. A intencionalidade por trás da produção cinematográfica podem e devem ser questionadas, assim como a maneira como a narrativa foi construída pelo diretor e por todas as outras partes envolvidas. Isso permite não apenas uma observação do mundo, mas também uma experiência de alteridade e aprendizado.

Pontuamos, com base nos diversos autores que problematizam a relação entre cinema e história que os filmes, muito além expressões artísticas e culturais, também são uma representação e produção ativa da história. Através de uma película, cria-se e representa-se uma realidade percebida, interpretada ou até mesmo um mundo imaginário concebido pelo cineasta, tornando possível o ensino e a compreensão da história em si. Na análise cinematográfica, a própria obra fílmica é considerada a primeira fonte primária a ser explorada. O método começa com o entendimento de que o filme, como mencionado anteriormente, é uma construção histórica. Independentemente do gênero, ele sempre é produzido dentro de um contexto histórico e moldado por suas dimensões socioculturais. Portanto, sempre será possível identificar no filme reflexos da sociedade que o criou, amplificados pelas características únicas

da linguagem audiovisual.

No entanto, é importante reconhecer que o uso de filmes no ensino de história deve ser complementar a outras formas de aprendizado, como a leitura de textos acadêmicos e a análise de fontes primárias. Os filmes devem ser selecionados com cuidado, levando em consideração sua classificação indicativa, potencialidade de análise, relevância para os objetivos de aprendizado e adequação ao público-alvo.. Dessa forma, é importante que os educadores forneçam orientação e estrutura para a análise crítica dos filmes, incentivando os alunos a questionar e contextualizar o que estão vendo.

Nesse aspecto, apresentaremos no próximo tópico como ocorreu o processo de seleção e construção do guia didático da película 007 – Somente para seus olhos (1981).

3.2. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E ELABORAÇÃO DO GUIA DIDÁTICO

O processo de construção e elaboração da análise fílmica do filme “007 Somente Para Seus Olhos” (1981) envolve uma abordagem multidisciplinar que considera diversos aspectos, desde a história e a política até elementos técnicos e estéticos presentes na obra cinematográfica. Nesse sentido, a análise do filme de James Bond dirigido por John Glen é enriquecida por diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, conforme discutido por diversos estudiosos.

Nesse contexto, é importante ressaltar a importância das contribuições acadêmicas específicas sobre James Bond, como as obras do historiador de cinema norte-americano e cineasta John Cork e do escritor e editor estadunidense Collin Stutz (2009, p. 77), que oferecem uma visão abrangente do universo do agente secreto, e de Lopes (2019, p. 41), que explora a criação musical e as paisagens sonoras na saga de 007. Esses estudos oferecem uma base sólida para a análise fílmica de “007 Somente Para Seus Olhos”, enriquecendo a compreensão do filme e sua relevância dentro do contexto da cultura popular e do cinema contemporâneo.

O ensino de História por meio do cinema tem sido uma prática cada vez mais comum em instituições educacionais ao redor do mundo. Filmes como "007 Somente Para Seus Olhos" oferecem uma oportunidade única para os educadores explorarem aspectos históricos, culturais e políticos de determinada época, neste caso, a década de 1980. Jeremy Black (2005, p. 27) argumenta que os filmes de James Bond refletem não apenas a imaginação de Ian Fleming, mas também as preocupações e aspirações da sociedade britânica e mundial durante o período da Guerra Fria.

Conforme observamos nesta pesquisa, a película 007 Somente Para Seus Olhos (1981)

oferece ricas possibilidades de análise tanto no ensino de história quanto no estudo do cinema, especialmente ao se considerar o contexto histórico em que foi produzido e os temas que aborda. Como uma obra ambientada no auge da Guerra Fria, o filme reflete as tensões políticas e ideológicas entre os Estados Unidos e a União Soviética, capturando o clima de desconfiança mútua que permeava as relações internacionais durante a década de 1980.

A Guerra Fria, marcada pela rivalidade entre os blocos ocidental e oriental, é um pano de fundo essencial para entender a trama de *007 Somente Para Seus Olhos*. O filme explora a espionagem como uma ferramenta de poder, onde a intriga internacional e os conflitos ideológicos são elementos centrais. Esse cenário permite discussões sobre como o cinema popular refletia e, ao mesmo tempo, moldava as percepções do público sobre a política internacional da época, apresentando a espionagem como uma arena de confronto indireto entre superpotências.

No campo dos temas principais, observamos que a obra enfatiza a clássica luta entre o bem e o mal, com James Bond representando os ideais ocidentais de heroísmo. A trama desenvolve-se em torno de conflitos ideológicos e geopolíticos, onde Bond se vê envolvido em missões que, embora fictícias, ressoam com as preocupações reais da época sobre segurança nacional e avanços tecnológicos. A espionagem, assim, é não apenas um tema de entretenimento, mas um reflexo das complexidades da política global, permitindo que os estudantes discutam as implicações da tecnologia e da inteligência na diplomacia e na guerra.

Os elementos cinematográficos do filme também oferecem uma rica área de estudo. A direção de fotografia e a estética visual características dos filmes de James Bond, junto com o uso cuidadoso da música e da trilha sonora, são fundamentais para criar uma atmosfera de suspense e ação. As cenas de luta coreografadas e as sequências de ação são mais do que meros espetáculos visuais; elas são construções narrativas que revelam a habilidade do cinema em manipular emoções e manter o público envolvido. A construção de personagens e arcos narrativos no filme, especialmente em relação a Bond, proporciona uma análise sobre o desenvolvimento dos heróis no cinema de ação e como eles refletem e reforçam ideais culturais.

A análise de personagens é outro aspecto crucial, particularmente no contexto das mudanças sociais e históricas que ocorreram desde o início da franquia James Bond. O protagonista Bond, continua a ser um agente secreto britânico que personifica os valores ocidentais, mas os vilões do filme são frequentemente complexos, representando ameaças globais que vão além de caricaturas unidimensionais. O papel das personagens femininas no filme pode ser explorado para entender as transformações no modo como as mulheres eram

representadas no cinema de ação, refletindo as mudanças nas normas sociais e nas expectativas de gênero da época.

A película 007 Somente Para Seus Olhos oferece mensagens e interpretações que vão além do entretenimento, oferecendo reflexões sobre o papel do indivíduo na geopolítica mundial. O filme explora a representação do heroísmo e da bravura ocidental, contrastando com a constante ameaça de perigo e traição associada ao Oriente. A cultura popular e a mídia, como mostrado no filme, desempenham um papel significativo na formação das percepções sobre a espionagem e o heroísmo, e a obra pode ser usada para discutir como essas representações influenciam a percepção do público sobre eventos históricos e figuras políticas.

Desta forma, buscaremos analisar no guia didático os seguintes aspectos da película: estrutura narrativa do filme, incluindo os elementos que compõem o enredo, como personagens, conflitos, clímax e resolução, bem como, a construção dos personagens do filme, com foco em James Bond e sua relação com os demais personagens e os demais elementos da narrativa. Outro aspecto fundamental no guia será a análise dos elementos cinematográficos utilizados no filme, como *mise-en-scène* (termo francês que significa literalmente "colocação em cena" e se refere à disposição de elementos visuais dentro de um quadro cinematográfico), fotografia, montagem e trilha sonora que buscará compreender como esses elementos são fundamentais para a construção da atmosfera do filme, para o desenvolvimento da narrativa e para a caracterização dos personagens. Examinaremos também a relação dos temas abordados no filme com o contexto histórico e social da época em que a película foi produzida.

Como lembra a professora Circe Bittencourt:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática (Bittencourt, 2004, p. 57).

Considerando sua abordagem pedagógica, "007 Somente Para Seus Olhos" emerge como uma ferramenta valiosa para o ensino de História e Cinema. Através de uma análise crítica do filme, os alunos podem aprofundar seu entendimento sobre a Guerra Fria, o papel da mulher na sociedade e o legado do colonialismo. Temas como ética, espionagem e geopolítica também podem ser discutidos, enriquecendo ainda mais a experiência educativa conforme pretendemos demonstrar com a sugestão do guia didático da respectiva película.

3.3 PRODUTO: GUIA DIDÁTICO DO FILME 007 – SOMENTE PARA SEUS OLHOS (1981)

COMPONENTE CURRICULAR: **HISTÓRIA**

SUGESTÃO DE TRABALHO: **TURMAS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Imagem 1 – Divulgação do filme: 007 –Somente para seus olhos.



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions
Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

Tanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio (2018), como o Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Médio e Novo Ensino Médio (2021) são documentos que definem os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes brasileiros, abordam que o ensino da Guerra Fria como importante período histórico deve estar contextualizado dentro da disciplina de História. Neste sentido, estes importantes instrumentos de direcionamento na educação brasileira e sul-mato-grossense enfatizam a importância de compreender as dinâmicas políticas, econômicas, sociais e culturais que marcaram a segunda metade do século XX e as consequências da Guerra Fria para o mundo contemporâneo como podemos observar nos quadros abaixo.

Quadro 1 - Competências Específicas de Aprendizagem BNCC e Currículo de Referência de MS

Pensamento crítico.	Incentivar a análise crítica dos acontecimentos históricos, promovendo a capacidade de argumentação e reflexão sobre as consequências da Guerra Fria.
Interpretação de fontes históricas.	Os alunos devem aprender a utilizar diferentes tipos de fontes (documentos, filmes, músicas, depoimentos) para construir uma visão abrangente do período.
Contextualização histórica.	A Guerra Fria deve ser situada dentro do contexto das transformações do século XX, incluindo a descolonização, a globalização e os avanços tecnológicos.

Fonte: adaptado pelo autor da BNCC (2018) e Currículo de Referência de MS (2021).

Quadro 2 - Objetivos de Aprendizagem BNCC e Currículo de Referência de MS

Analisar as causas e consequências da Guerra Fria.	Os estudantes devem ser capazes de identificar os fatores que levaram ao início da Guerra Fria, suas principais fases, eventos significativos e como esse conflito influenciou a ordem mundial.
---	---

Compreender a bipolarização do mundo.	a do É essencial que os alunos entendam a divisão do mundo em blocos ideológicos e econômicos liderados pelos Estados Unidos (capitalista) e pela União Soviética (socialista).
Explorar conflitos periféricos.	os Verificar que a Guerra Fria foi marcada por diversos conflitos em diferentes partes do mundo (Coreia, Vietnã, Afeganistão, entre outros) que refletiam a luta entre as duas superpotências.
Entender o impacto cultural e social:	A importância de estudar como a Guerra Fria afetou a cultura, a ciência, a tecnologia e o cotidiano das pessoas nos países envolvidos.
Avaliar o fim da Guerra Fria:	Os estudantes devem ser capazes de compreender os fatores que levaram ao colapso da União Soviética e ao fim da Guerra Fria, bem como suas repercussões globais.

Fonte: adaptado pelo autor da BNCC (2018) e Currículo de Referência de MS (2021).

Com base nos pressupostos assinalados pelos quadros acima, como educador e pesquisador, a busca por metodologias, bem como, materiais didáticos que oportunizem novos olhares sobre a Guerra Fria e a hegemonia ocidental em relação as demais nações e que envolvessem, bem como, incentivassem os estudantes a conhecer e refletir acerca dos caminhos da construção dos processos de dominação e reconstrução desses saberes se consolidou como força motriz para este guia didático do filme "007 Somente Para Seus Olhos". A escolha do filme "007 Somente Para Seus Olhos" (1981) como objeto de análise se deu por diversos motivos conforme podemos analisar na tabela a seguir:

Quadro 3 -Possibilidades do filme "007 Somente Para Seus Olhos" no ensino de história e cinema.

Aspecto	Descrição
Contexto histórico	- A Guerra Fria e a rivalidade entre os EUA e a União Soviética
	- A política internacional e as tensões entre os blocos ocidental e oriental

Aspecto	Descrição
	- Avanços tecnológicos e espionagem durante a década de 1980
Temas principais	- Espionagem e intriga internacional
	- Conflitos ideológicos e geopolíticos
	- A luta entre o bem e o mal, representada pela figura do agente secreto James Bond
Elementos cinematográficos	- Direção de fotografia e estética visual característica dos filmes de James Bond
	- Uso de música e trilha sonora para criar atmosfera e suspense
	- Coreografias de ação e cenas de luta coreografadas
	- Desenvolvimento de personagens e construção de arcos narrativos
Análise de personagens	- James Bond: O protagonista, um agente secreto britânico representando os ideais ocidentais de heroísmo.
	- Vilões: A presença de antagonistas complexos representando ameaças globais
	- Aliados: Outros personagens que auxiliam Bond em sua missão, fornecendo suporte técnico ou estratégico
	- Personagens femininas: O papel das mulheres na trama e o reflexo dessa mudança conforme as transformações históricas e sociais da época em comparação com o início da franquia 007.
Mensagens e interpretações	- Reflexões sobre o papel do indivíduo na geopolítica mundial
	- A representação de heroísmo e bravura pelo Ocidente, contrastando com a ameaça constante de perigo e traição Oriente.
	- A influência da cultura popular e da mídia na percepção do heroísmo e da espionagem.

Fonte: adaptado pelo autor da obra de Chapman (2007)

Conforme expresso na tabela acima, diversos motivos nos levaram a escolha da referida película e incentivamos você a ler, na íntegra, a dissertação que este guia se encontra, porém, em síntese, e para nortear seu trabalho em sala de aula, selecionamos o filme "007 Somente Para Seus Olhos" pois sua produção e disseminação foram profundamente influenciadas pelo cenário da Guerra Fria e pela crescente cultura de espionagem.

A narrativa, os personagens e a estética visual convergem para criar uma obra que não apenas entreteve o público da época, mas também serviu como reflexo das complexidades geopolíticas e ideológicas do período. Nesse sentido, entre as 25 películas da franquia 007, optamos pelo décimo segundo filme, sendo ele: 007 Somente Para Seus Olhos (1981) pois acreditamos que a referida película, em relação aos outros filmes da franquia 007, apresenta maior número de características relevantes a serem contemplados no ensino de História no contexto da Guerra Fria.

Portanto, consideramos que a análise da respectiva película é um recurso pedagógico enriquecedor que oferece uma ampla gama de referências, conexões e tópicos de discussão que os estudantes podem explorar em relação à História. Assim sendo, apresentaremos neste guia didático, sugestões metodológicas para serem trabalhadas no terceiro ano do Ensino Médio devido a classificação indicativa do filme e o conteúdo que a película contempla em uma sequência de 6 aulas:

AULA 1

Antes de analisar o filme 007 Somente Para Seus Olhos (1981) nas aulas de História é de suma importância realizar uma breve introdução com os estudantes acerca do que se lembram do período histórico conhecido como Guerra fria, destacando que tal época de nossa história foi caracterizada por uma intensa rivalidade política e militar entre os Estados Unidos e a União Soviética, que durou de meados da década de 1940 até o início dos anos 1990. Este conflito indireto influenciou profundamente a política global, as estratégias militares e a vida cotidiana de milhões de pessoas ao redor do mundo (Como sugestão, consulte o capítulo 1, da respectiva dissertação).

Por meio de perguntas e diálogo sobre as experiências em examinar filmes que os estudantes já tiveram, enfatizar que os filmes têm a capacidade de criar realidades alternativas, recriar eventos históricos, explorar questões sociais e políticas, e transmitir mensagens ideológicas de várias formas. Dessa maneira, o filme é um produto ideológico, nunca neutro. Mesmo quando um filme não pretende ser político, suas escolhas de produção, como elenco, direção, roteiro e edição, inevitavelmente refletem perspectivas e visões de mundo que moldam a experiência do espectador.

Portanto, é crucial reconhecer que o cinema é uma forma de expressão cultural poderosa, capaz de tanto desafiar quanto reforçar as estruturas de poder e as narrativas dominantes existentes. Ao assistir a filmes de maneira crítica, podemos compreender melhor como as representações culturais são criadas e como elas influenciam nossa percepção do mundo.

Nesse contexto, apresente aos alunos, os aspectos de produção do filme que foi lançado em 1981, e destaque que o longa-metragem não está imune as influências da Guerra Fria, bem como, sua análise deve levar em conta as características políticas e culturais da época. Como sugestão, utilize um projetor, por exemplo, para apresentar a seguinte ficha técnica de produção do filme:

Quadro 4- Ficha Técnica e Contextualização do Filme "007 - Somente Para Seus Olhos"

Categoria	Informações
Título Original	For Your Eyes Only
Título em Português	007 - Somente Para Seus Olhos
Ano de Lançamento	1981
Duração	127 minutos
Gênero	Ação, Aventura, Espionagem
Classificação	PG (Classificação Indicativa)
Direção	John Glen (estreia na direção de filmes de James Bond, dirigiu mais quatro filmes da franquia)
Produção	Albert R. Broccoli
Roteiro	Richard Maibaum e Michael G. Wilson, baseado em dois contos de Ian Fleming: "For Your Eyes Only" e "Risico", ambos da coletânea de contos "For Your Eyes Only"
Trilha Sonora	Bill Conti
Direção de Fotografia	Alan Hume
Edição	John Grover
Elenco Principal	Roger Moore (James Bond), Carole Bouquet (Melina Havelock), Topol (Milos Columbo), Lynn-Holly Johnson (Bibi Dahl), Julian Glover (Aristoteles Kristatos), Michael Gothard (Emile Leopold Locque), Cassandra Harris (Countess Lisl von Schlaf), Desmond Llewelyn (Q), Lois Maxwell (Miss Money Penny)
Enredo	Após o naufrágio de um navio britânico contendo um dispositivo de controle de mísseis, o A.T.A.C., James Bond é enviado para recuperar o dispositivo antes que ele caia nas mãos dos soviéticos. No caminho, ele se alia à Melina Havelock, cujo pai foi assassinado em busca do dispositivo.
Personagens Principais	- James Bond (Roger Moore): O carismático agente secreto MI6. - Melina Havelock (Carole Bouquet): Uma arqueóloga grega determinada a vingar o assassinato de seus pais. - Milos Columbo (Topol): Um contrabandista que ajuda Bond. - Aris Kristatos (Julian Glover): O principal antagonista, que se revela um traidor trabalhando para os soviéticos.
Contexto Histórico e de Produção	- Produção e Direção: Após o sucesso de "Moonraker" (1979), que levou James Bond ao espaço, a produção decidiu voltar a um estilo mais realista e menos extravagante.
Estilo e Temas	- Volta ao Realismo: Enredo mais plausível e com menos uso de <i>gadgets</i> exagerados. - Ação e Suspense: Perseguições intensas, cenas de luta e sequências de suspense. - Localizações Exóticas: Grécia, Itália e as Bahamas, proporcionando um cenário visualmente deslumbrante.
Recepção e Impacto	- Crítica: Bem recebido, elogiado pela volta ao estilo mais sério e realista. Roger Moore foi elogiado por uma interpretação mais séria de Bond. -

Categoria	Informações
	Bilheteria: Sucesso comercial, arrecadando cerca de \$195 milhões mundialmente.
Legado	Lembrado como um dos melhores filmes de Roger Moore como James Bond, elogiado por sua abordagem mais fundamentada e pelo equilíbrio entre ação e enredo. A direção de John Glen deu início a uma nova fase na franquia, explorando uma narrativa mais sóbria e realista.
Trilha Sonora	Tema Principal: "For Your Eyes Only", interpretado por Sheena Easton, tornou-se um grande sucesso, e foi indicada ao Oscar de Melhor Canção Original.
Conclusão	"007: Somente Para Seus Olhos" representa um ponto de transição na série de James Bond, movendo-se de volta para histórias mais sérias e menos dependentes de truques tecnológicos. A atuação de Roger Moore e a direção de John Glen foram fundamentais para o sucesso do filme, que ainda é considerado um dos clássicos da franquia.

Fonte: adaptado pelo autor do site FILMOW. Disponível em <<http://filmow.com/007-somente-para-seus-olhos-t32/ficha-tecnica/>>. acesso em 20 mar. 2024.

AULA 2

Com base nas sugestões metodológicas da aula anterior, apresente aos estudantes o quadro abaixo e destaque aos discentes a importância de observarem os seguintes elementos que serão fundamentais quando analisarem o filme em sala.

Quadro 5- Elementos para realizar uma análise fílmica.

Aspectos Técnicos	Descrição
Direção	Estilo do diretor, escolhas de enquadramento, movimentos de câmera, e a maneira como a narrativa é conduzida.
Roteiro	Estrutura narrativa, diálogos, desenvolvimento dos personagens, e a progressão da trama.
Cinematografia	Uso de iluminação, cor, ângulos de câmera, e composição das cenas.
Edição	Ritmo do filme, transições entre cenas, e como a edição contribui para a narrativa.
Som	Trilha sonora, efeitos sonoros, uso do silêncio, e como o som é usado para criar atmosfera e emoção.
Design de Produção	Cenários, figurinos, maquiagem, e adereços. Como esses elementos ajudam a construir o mundo do filme.
Aspectos Narrativos	Descrição
Temática	Temas centrais do filme, mensagens subjacentes, e questões abordadas.
Personagens	Desenvolvimento dos personagens, motivações, relações entre eles, e como eles evoluem ao longo da trama.
Enredo	Estrutura da história, pontos de virada, conflitos, e resolução.
Diálogos	Qualidade dos diálogos, como eles revelam informações sobre os personagens e

Aspectos Narrativos	Descrição
	avançam a trama.
Aspectos Culturais e Ideológicos	Descrição
Contexto Histórico	Como o filme se relaciona com o período histórico em que foi feito ou ambientado.
Representação	Representação de gênero, raça, classe, e outras identidades sociais. Quais estereótipos são reforçados ou desafiados?
Mensagem Ideológica	Quais valores e ideologias o filme promove ou questiona? Como ele reflete ou desafia a cultura dominante?

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Após esse momento, a sugestão é que o filme seja passado na íntegra em sala para os alunos nas aulas 3 e 4 para que nas últimas 2 aulas de encerramento da análise fílmica, o professor possa analisar com a turma algumas cenas que podem ser consideradas fundamentais para contemplar os elementos descritos no quadro acima.

AULAS 3 E 4

Com o auxílio de um notebook e projetor ou TV, entre outras ferramentas que sua escola possua, sugerimos que passe na íntegra a película 007 Somente Para Seus Olhos (1981) para que os estudantes tenham a possibilidade de colocar em prática as orientações do processo de análise fílmica que foram direcionadas nas aulas anteriores.

Onde encontrar o filme para utilizar em sala?

Para realizar esta proposta metodológica utilizamos a plataforma digital Amazon Prime Vídeo, porém, vários sites e plataformas digitais de séries e filmes ofertam a película.

FONTE

007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Disponível em: Amazon Prime Vídeo.

AULAS 5 E 6

Após os estudantes terem assistido o filme 007 Somente Para Seus Olhos (1981), sugerimos uma roda de conversa com a turma e elencamos algumas cenas que incentivam os discentes a expressarem quais foram seus olhares em relação a película.

CENA 1

Imagem 2 – 007 refém de um “lunático” que controla um helicópeto por controle remoto



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions
Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

Nessa cena de início do filme (04:34 min) onde Bond se refém de um “lunático” que controla um helicópeto por controle remoto, já temos alguns elementos interessantes para análise em como a tecnologia se torna fundamental para a espionagem e as tramas de conspiração e como sempre aqueles que se opõe ao espião britânico são retratados na película representando o desequilíbrio, interesses egoístas e inescrupulosos representados pela URSS que contrastam com o interesse pelo bem comum nas ações do agente ocidental que vira o jogo e consegue eliminar o inimigo. Observe com os estudantes, como a trilha sonora e os enquadramentos de câmera ampliam tal visão de destaque do agente secreto e dos ideais de superação ocidental.

CENA 2

Imagem 3 – dispositivo de comunicação militar britânico chamado ATAC



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

A trama principal da película gira em torno da recuperação de um dispositivo de comunicação militar britânico chamado ATAC tinha acesso a localização das frotas americanas e soviéticas, conforme observamos nessa cena (11:27 min). A sequência do filme nos mostra, o aparelho se perdeu no mar após o naufrágio de um navio espião. Esse dispositivo é vital para a segurança nacional, e tanto a OTAN quanto o Pacto de Varsóvia estão interessados em obtê-lo. Nesse aspecto esta cena pode ser usada para discutir com os alunos a importância da tecnologia e da inteligência militar durante a Guerra Fria, bem como a espionagem e a competição tecnológica entre as superpotências e como em nossos dias ocorre essa busca por controle técnico e por informações privilegiadas.

CENA 3

Imagem 4 – Divulgação do automóvel Lotus Esprit Turbo



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

A imagem (19:14 min) retrata a divulgação comercial do Lotus Esprit Turbo, carro dirigido por James Bond no início do filme. É um modelo icônico da série de filmes de Bond. Na sequência do enredo James Bond usa relógios Seiko, que são exibidos em várias cenas da película, as câmeras Olympus também são utilizadas por personagens em algumas cenas e outros produtos/marcas são amplamente destacados no filme como a joalheria de luxo italiana Gioielleria Bulgari que aparece durante as gravações. Esses momentos são interessantes para que os discentes percebam como esses produtos foram estrategicamente posicionados no filme para aumentar a visibilidade das marcas e associá-las ao glamour e à sofisticação do universo de James Bond nesse contexto e na atualidade.

CENA 4

Imagem 5 – Bond girl Melina Havelock



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

Nesta cena (22:55 min) somos apresentados a bond girl Melina Havelock, interpretada por Carole Bouquet. A personagem é retratada de maneira distinta em comparação com algumas das Bond girls anteriores, destacando-se por sua força, determinação e habilidade. Melina é apresentada como uma personagem movida pela vingança após o assassinato de seus pais. Ela está determinada a encontrar e punir os responsáveis, o que a torna uma figura forte e resoluta, não é apenas um interesse amoroso para Bond; ela é uma arqueóloga competente e habilidosa. Sua habilidade com arco e flecha é enfatizada várias vezes no filme, mostrando que ela é capaz de se defender e tomar a iniciativa em situações de perigo.

Diferente de algumas Bond girls que dependem fortemente de James Bond, Melina é bastante independente. Ela tem suas próprias motivações e é capaz de agir por conta própria, colaborando com Bond como uma parceira igual. Dessa forma, é interessante analisar em sala de aula como a representação de Melina Havelock em "007: Somente Para Seus Olhos" reflete mudanças significativas no papel das mulheres tanto no cinema quanto na sociedade contemporânea da época e como essa representação ressoa na atualidade onde observamos um

movimento contínuo para aumentar a representação feminina em todas as formas de mídia, promovendo narrativas que exploram a diversidade e a complexidade das experiências das mulheres.

CENA 5

Imagem 6 – O MI6, a agência de inteligência britânica



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

O MI6, a agência de inteligência britânica para a qual James Bond trabalha, é mostrada com acesso a tecnologias avançadas e recursos que outras nações no filme não possuem (30:53). Isso inclui sistemas de monitoramento, dispositivos de comunicação e outros *gadgets* tecnológicos. A utilização de tecnologia de ponta pelo MI6 sugere uma superioridade tecnológica britânica, que é frequentemente alinhada com os avanços tecnológicos norte-americanos devido à colaboração próxima entre os dois países.

A habilidade de James Bond de executar operações secretas com precisão e eficácia demonstra a superioridade estratégica do MI6. Bond é frequentemente retratado como tendo acesso a informações e recursos que permitem a ele operar em qualquer lugar do mundo com sucesso. Essa capacidade é indicativa de uma percepção de supremacia britânica e, por extensão, norte-americana, em operações de inteligência e militares globais. Neste sentido, é fundamental, indagar e ouvir como os discentes percebem a presença de símbolos da cultura e

da supremacia britânica na película e de que forma a narrativa frequentemente posiciona Bond e o MI6 como os protetores da ordem global, reforçando a ideia de que a supremacia tecnológica e estratégica britânica é benéfica e necessária para a segurança mundial.

CENA 6

Imagem 7 – Perseguição em Cortina d'Ampezzo



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

A perseguição ao espião 007 ocorre em Cortina d'Ampezzo (51:34 min), uma cidade italiana famosa por seus resorts de esqui. Esta localização não é apenas um cenário emocionante para uma sequência de ação, mas também um local estratégico e simbólico, representando a proximidade geográfica e política entre as esferas de influência ocidentais e orientais. Como observado na cena, durante a perseguição, Bond é atacado por assassinos enviados pelo principal antagonista, Aris Kristatos, que está trabalhando secretamente para os soviéticos. Esses agentes representam a ameaça oriental e a presença constante do KGB e de outras entidades de inteligência do bloco oriental. Bond, por outro lado, simboliza as forças ocidentais, particularmente o MI6 britânico, mas também, por extensão, a aliança ocidental que inclui os Estados Unidos e seus aliados na OTAN.

A busca para eliminar 007 apresenta uma série de tecnologias que são características dos

filmes do famoso espião britânico, simbolizando a supremacia tecnológica e estratégica do Ocidente. Bond utiliza suas habilidades e recursos para evadir e combater os atacantes. A ação inclui cenas de esqui e perseguição em veículos, demonstrando a adaptação de Bond a ambientes adversos e sua capacidade de superar obstáculos, um reflexo da engenhosidade ocidental. Luigi Ferrara, um agente do Serviço Secreto Italiano, é um exemplo de como os aliados ocidentais colaboram com Bond. Sua presença e apoio logístico durante a perseguição reforçam a cooperação entre diferentes nações ocidentais contra uma ameaça comum.

Como sugestão, nesta sequência de cenas é interessante que os alunos percebam todo o contexto das mudanças de cenas, posicionamento das cameras, trilha sonora que embasam a própria perseguição como uma forma de propaganda, onde o herói ocidental (Bond) enfrenta e supera os desafios impostos por inimigos do bloco oriental. As vitórias de Bond servem para reafirmar a competência e a moralidade do Ocidente em comparação com a ameaça representada pelos antagonistas orientais. Bond consegue escapar dos assassinos, subvertendo os planos dos inimigos orientais. Este sucesso não só avança a trama, mas também simboliza a resiliência e a superioridade das forças ocidentais.

CENA 7

Imagem 8 – Cenas na Grécia



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

A sequência narrativa gravada na Grécia (1h e 20:45 min) em "007: Somente Para Seus Olhos" refletem diversos aspectos do contexto da Guerra Fria, utilizando a geografia, a política e a cultura do país como pano de fundo para a narrativa de espionagem e tensão entre os blocos Ocidental e Oriental. Por estar situada estrategicamente entre a Europa Ocidental e o Oriente Médio, a Grécia simboliza um ponto de encontro e confronto entre as influências ocidentais e orientais. Durante a Guerra Fria, a Grécia estava firmemente alinhada com o Ocidente, mas sua proximidade com os países do bloco oriental e seu histórico de instabilidade política a tornavam um terreno fértil para a espionagem e a influência estrangeira.

Neste aspecto é interessante enfatizar com os discentes todos os aspectos inerentes a produção de uma película, nesse caso, possivelmente a escolha da Grécia como um dos cenários do enredo esteja relacionada a sua representação como um território neutro onde agentes de ambos os blocos operam e se confrontam. A Grécia, embora alinhada com o Ocidente, tinha que lidar com as pressões e operações de ambos os lados, refletindo a natureza complexa da neutralidade durante a Guerra Fria. Assim, as operações de Bond na Grécia, simbolizam a luta pelo controle de recursos estratégicos e informações críticas que poderiam alterar o equilíbrio de poder entre as superpotências.

CENA 8

Imagem 9 – A busca pelo A.T.A.C (dispositivo de controle de mísseis)



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

Esta tomada de filme (1h e 27:11 min) permite a reflexão com os alunos que a busca pelo A.T.A.C. envolve operações de espionagem complexas, com agentes de ambos os blocos tentando recuperar ou roubar o dispositivo. Isso reflete a realidade da Guerra Fria, onde a espionagem era uma ferramenta vital para obter vantagens estratégicas e informações críticas sobre o inimigo. O controle desse dispositivo de controle de mísseis, representa um risco potencial de escalada militar e destruição mútua, um tema central da Guerra Fria.

A posse de tal dispositivo poderia permitir a um dos lados a capacidade de direcionar ataques nucleares com maior precisão, aumentando a tensão e a possibilidade de um confronto direto. Recuperar o A.T.A.C. antes que ele caia nas mãos dos soviéticos é crucial para impedir que a União Soviética obtenha uma vantagem estratégica. Isso reflete a política de contenção adotada pelo Ocidente, visando limitar a expansão e a influência soviética.

CENA 9

Imagem 10– Confronto Final no Mosteiro de Meteora



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Amazon Prime Video.

O confronto final no Mosteiro de Meteora (1h e 45: 27 min) oferece várias oportunidades para ensinar sobre a Guerra Fria e a análise fílmica. Este cenário icônico e a narrativa envolvida podem ser utilizados para explorar diversos aspectos históricos, culturais e cinematográficos. A escolha de um local remoto e difícil de acessar como o Mosteiro de

Meteora pode simbolizar os locais estratégicos e secretos usados por ambos os blocos durante a Guerra Fria. Esses locais eram escolhidos por suas vantagens táticas e pela dificuldade de acesso, o que aumentava a segurança contra espionagem e ataques.

Assim como o mosteiro serve como um esconderijo seguro no filme, na vida real, muitos locais estratégicos durante a Guerra Fria eram isolados para evitar a detecção e garantir a segurança das operações. O Mosteiro de Meteora, com suas paisagens impressionantes e inacessibilidade, cria um cenário dramático que aumenta a tensão do confronto final. Estudar como o diretor usa o ambiente para realçar a narrativa pode ensinar sobre a importância da escolha de locações no cinema. Observar como as cenas são compostas, a escolha dos ângulos de câmera e a iluminação pode ajudar os alunos a entender como essas técnicas contribuem para a atmosfera e a emoção da cena.

O mosteiro isolado pode ser visto como uma metáfora para os segredos bem guardados das superpotências e a luta pela supremacia tecnológica e estratégica. O confronto final em um local tão singular pode ser usado para discutir como os roteiristas constroem a tensão e levam a história a um clímax emocionante. A interação entre Bond e os antagonistas durante o confronto final pode ser observada para entender a dinâmica de poder, motivação e conflito que é central para o enredo. O desenvolvimento de 007 ao longo do filme e seu papel no confronto final podem ser estudados para entender melhor como os personagens evoluem e como suas ações são justificadas dentro da narrativa.

CENA 10

Imagem 11– Interação entre Bond e General Gogol (KGB)



Fonte: 007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS. Direção: John Glen, Reino Unido. Produtora: Eon

Productions Distribuidora: United Artists Formato: Filme, 1981. 127 min. Disponível em: Disponível em: Amazon Prime Video.

Este trecho cinematográfico (2h e 02:14 min) pode ser explorada para entender as nuances das relações internacionais durante a Guerra Fria, bem como as técnicas cinematográficas usadas para transmitir essas complexidades. A interação entre Bond e Gogol destaca a relação complexa entre as superpotências. Apesar da intensa rivalidade, havia momentos de cooperação tácita e entendimento mútuo. Esta cena pode ilustrar como, mesmo durante a Guerra Fria, os agentes de ambos os lados reconheciam a necessidade de evitar a escalada de conflitos.

A decisão de Bond de não entregar o dispositivo ATAC a Gogol, mas destruí-lo em vez disso, simboliza o reconhecimento de que certas armas e tecnologias eram perigosas demais para estarem nas mãos de qualquer uma das superpotências. Isso reflete a mentalidade de contenção e equilíbrio de poder que prevaleceu durante a Guerra Fria. A interação cordial e até respeitosa entre Bond e Gogol sugere que havia um certo nível de respeito profissional entre agentes de espionagem de ambos os lados, desafiando a percepção de inimizade total e irreconciliável.

A cena final ajuda a concluir os arcos dos personagens, mostrando Bond como um agente que entende o equilíbrio de poder e a necessidade de decisões pragmáticas. Gogol, por outro lado, é retratado como um antagonista que pode reconhecer um ato inteligente e necessário, mesmo que não favoreça diretamente sua causa. A decisão de Bond de destruir o dispositivo em vez de permitir que ele caia em mãos soviéticas ou britânicas enfatiza temas de moralidade e responsabilidade, sugerindo que algumas tecnologias são perigosas demais para serem usadas por qualquer nação, entretanto, sempre a busca pelo bem comum é retratada como foco do Ocidente.

A troca de palavras entre Bond e Gogol é cheia de subtexto, onde cada linha de diálogo carrega significados ocultos e simbolismos. Estudar o diálogo pode ajudar os alunos a entender como os roteiristas transmitem informações e emoções de maneira econômica e eficaz. A escolha do ambiente, os enquadramentos da câmera e a iluminação contribuem para a atmosfera da cena. A presença de Gogol em um cenário britânico seguro pode simbolizar a penetração das influências soviéticas em território ocidental e vice-versa. A música sutil e a pontuação na cena ajudam a definir o tom, indicando tensão e alívio simultaneamente. Enfatizar como a trilha sonora contribui para a cena pode ensinar os alunos sobre o uso do som no cinema.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE AVALIATIVA

Sugerimos, que após esse rico momento de troca de conhecimentos acerca da Guerra Fria por meio da análise fílmica da película "007: Somente Para Seus Olhos" os estudantes sejam incentivados a desenvolverem a respectiva atividade avaliativa:

Elabore um relatório com suas impressões de como o filme "007: Somente Para Seus Olhos" (1981), observado durante as aulas, refletiu as tensões geopolíticas do período histórico conhecido como Guerra Fria. No trabalho, procure comparar o filme analisado com outra produção cinematográfica de sua escolha que trabalhe esse tema de forma diferente, a fim de, observar outras perspectivas sobre a Guerra Fria e investigue eventos reais de espionagem e tecnologia militar que ocorreram durante a Guerra Fria e sua relação com os elementos fictícios apresentados no filme.

ORIENTAÇÕES (DICAS) ADICIONAIS:

- Seja bem claro nos critérios avaliativos do relatório: elementos do texto, formatação, prazo de entrega razoável para que os estudantes tenham tempo suficiente de desenvolverem um bom trabalho.
- Avalie não somente o relatório, mas todo o processo de participação dos alunos durante as aulas, como os comentários e envolvimento com as propostas metodológicas;
- Torne esse momento o mais prazeroso possível, deixando bem claro para os discentes que após as orientações durante as aulas todos terão condições de realizar os relatórios com as análises fílmicas.
- Transpareça que estará a disposição caso algum estudante tenha dúvidas no processo de elaboração da atividade avaliativa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O TRABALHO COM O GUIA DIDÁTICO EM SALA DE AULA

O filme pode ser analisado como uma forma de propaganda cultural ocidental, mostrando como os filmes de Hollywood e britânicos retratavam a superioridade moral e tecnológica do Ocidente em contraste com os antagonistas do Leste. O enredo gira em torno da recuperação de um dispositivo de comunicação de mísseis britânico (ATAC) que caiu no Mar Jônico. Isso pode ilustrar a corrida armamentista e a importância da tecnologia militar durante a Guerra Fria.

A representação dos inimigos e aliados em filmes de espionagem pode ser usada para discutir como os estereótipos foram construídos e mantidos durante a Guerra Fria. Ao assistir ao filme, os estudantes podem ser incentivados a comparar os eventos e tecnologias retratados com os acontecimentos reais da época, como a crise dos mísseis de Cuba ou as operações de espionagem reais documentadas.

A película pode ser um ponto de partida para debates sobre a moralidade da espionagem, a eficácia das operações secretas e o impacto da Guerra Fria na política global. Utilizar a respectiva produção cinematográfica para orientar os estudantes a analisar criticamente a mídia e compreender como a ficção pode ser tanto um reflexo quanto um formador das percepções públicas sobre eventos históricos.

É importante lembrar aos alunos que, apesar de alguns elementos históricos precisos, o filme é uma obra de ficção e entretenimento. As representações podem ser exageradas ou simplificadas. O filme observado durante as aulas, apresenta principalmente a perspectiva ocidental, e os estudantes devem ser encorajados a explorar outras fontes para obter uma visão mais equilibrada do período.

Nesse sentido, utilizar "007 - Somente Para Seus Olhos" (1981) nas aulas de história pode ser uma ferramenta eficaz para envolver os alunos e ilustrar aspectos culturais e tecnológicos da Guerra Fria. Com uma abordagem crítica e contextualizada, o filme pode enriquecer o entendimento dos estudantes sobre esse período complexo da história mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, é evidente que a Guerra Fria forneceu um terreno fértil para o florescimento de histórias de espionagem. O medo constante de uma guerra nuclear iminente, os segredos guardados a sete chaves pelas superpotências e a atmosfera de desconfiança permearam a sociedade da época. O cinema, sempre sensível às correntes sociais e políticas, aproveitou esses elementos para criar narrativas cativantes que capturavam a imaginação do público.

Ao longo desta pesquisa, mergulhamos nas representações da espionagem no cinema durante a Guerra Fria, explorando as nuances desse grande jogo de poderes entre as potências globais. Como podemos perceber, o cinema não foi apenas um espelho refletindo a realidade política da época, mas também uma ferramenta poderosa na construção de narrativas que moldaram as percepções públicas e privadas sobre os agentes secretos e os jogos de inteligência.

Durante as décadas de 1950 a 1980, testemunhamos uma evolução na representação dos agentes secretos nas telonas. Inicialmente, figuras como James Bond personificaram a visão glamourosa da espionagem, onde o charme, a elegância e os *gadgets* sofisticados eram tão importantes quanto as missões secretas. No entanto, à medida que a década de 1960 progredia, o cinema começou a explorar nuances mais sombrias da espionagem, desafiando as noções simplificadas de bem e mal.

Outro aspecto a ser considerado é a influência da tecnologia na representação da espionagem. À medida que as décadas avançavam, os filmes de espionagem começaram a incorporar avanços tecnológicos, refletindo a crescente importância da inteligência eletrônica e cibernética. Essa mudança não apenas atualizou a estética das produções, mas também refletiu a evolução da própria espionagem no mundo real.

A narrativa da espionagem no cinema foi profundamente moldada por uma série de influências históricas e culturais. O período da Guerra Fria influenciou diretamente a produção cinematográfica, refletindo as tensões políticas, os avanços tecnológicos e as transformações sociais da época. As representações da espionagem nos filmes capturaram as ansiedades coletivas e os sentimentos conflitantes da sociedade, oferecendo uma visão multifacetada e rica do universo dos agentes secretos.

Nesse sentido, a interseção entre história, literatura e cinema é crucial para entender as representações da espionagem. Autores como Ian Fleming e John le Carré criaram personagens e narrativas que foram adaptados para o cinema, moldando a percepção pública sobre a

espionagem. Essas obras literárias e suas adaptações cinematográficas não apenas refletem os eventos históricos, mas também influenciam a cultura popular, perpetuando estereótipos e mitos associados aos agentes secretos.

Durante o curso da Guerra Fria, o cinema emergiu como um veículo poderoso para a disseminação de narrativas ideológicas, refletindo e moldando as percepções sobre a espionagem e o confronto entre as superpotências. Através da análise dos filmes de espionagem do período, podemos compreender como o cinema se tornou um campo de batalha simbólico, onde as tensões e ansiedades da época eram expressas e amplificadas. A influência dos serviços secretos na formulação de estratégias políticas e militares, conforme argumentado por Fregapani (2017), é evidente nas representações cinematográficas de agentes secretos. Filmes como "007 Contra o Satânico Dr. No" e "Os Espiões" destacaram a astúcia e a inteligência dos espiões, refletindo a importância da espionagem nas dinâmicas de poder da Guerra Fria.

A teoria de Marc Ferro (1976) sobre o cinema como uma "contra-análise da sociedade" e a abordagem educacional de Napolitano (2003) sobre o uso crítico do cinema em sala de aula fornecem uma base sólida para entender como os filmes de espionagem podem revelar aspectos implícitos e explícitos das tensões ideológicas da época. Além disso, a perspectiva de Abud (2003) sobre o cinema como uma fonte didática reforça a importância de analisar esses filmes para uma compreensão mais profunda dos eventos históricos.

As técnicas cinematográficas inovadoras, discutidas por Jakobson (1970), ajudaram a criar uma atmosfera de suspense e mistério nos filmes de espionagem. Essas representações não apenas refletiram as percepções sociais da época, mas também influenciaram as atitudes do público em relação à espionagem e às tensões globais.

No transcorrer deste estudo, exploramos a relação entre espionagem, geopolítica e o universo de James Bond, com foco no filme "007 - Somente Para Seus Olhos" (1981). Esse filme serve como um exemplo significativo de como a cultura popular pode ser usada como uma ferramenta poderosa para o ensino da história, especialmente no contexto da Guerra Fria.

A análise revelou que a espionagem, como manifestação intrínseca da dinâmica geopolítica, foi fundamental na construção de narrativas cinematográficas durante a Guerra Fria. A figura do espião, especialmente a do agente secreto britânico James Bond, tornou-se emblemática dessa era, personificando elementos da espionagem em um período marcado pela tensão entre as superpotências.

Além disso, discutimos a representação de tecnologias de espionagem, como vigilância e criptografia, no cinema. Essas representações não apenas refletiram as ansiedades da sociedade em relação à intrusão estatal, mas também influenciaram a percepção pública sobre a espionagem. Filmes como "From Russia with Love" (1963) apresentaram dispositivos de espionagem de forma criativa, refletindo a imaginação coletiva sobre as possibilidades tecnológicas da época.

Exploramos como as representações de espionagem no cinema influenciaram a sociedade e as políticas externas durante a Guerra Fria. Filmes de espionagem contribuíram para a criação de uma mentalidade de confronto, incentivando políticas de segurança nacional e aumento dos gastos militares. Tais representações perpetuaram estereótipos culturais e políticos, influenciando as percepções públicas e as decisões políticas.

O estudo de filmes como "007 - Somente Para Seus Olhos" oferece uma valiosa oportunidade para o ensino da história, permitindo uma compreensão mais rica e contextualizada do período da Guerra Fria. O cinema, como uma forma de arte política, desempenhou um papel crucial na construção das narrativas históricas, influenciando tanto a percepção pública quanto as políticas governamentais. Ao integrar essas análises no ensino de História, podemos proporcionar aos alunos uma visão mais abrangente e crítica do passado, capacitando-os a entender melhor o presente e a imaginar futuros possíveis.

A análise dos filmes de James Bond, à luz das contribuições de estudiosos como Hobsbawm, Jeffords, Collins e Chapman, revela que esses filmes não apenas capturam o espírito da Guerra Fria, mas também moldam e influenciam a percepção pública sobre esse período. A construção de estereótipos, a representação de heróis e vilões, e a estética visual das produções contribuem para uma narrativa simbólica que ecoa os medos e aspirações das sociedades ocidentais durante a Guerra Fria.

No caso específico de "007 Somente Para Seus Olhos" (1981), é evidente como o filme incorpora elementos da espionagem, refletindo as preocupações com o roubo de tecnologia e segredos militares. A narrativa e a estética do filme, através do uso de cenários exóticos, iluminação meticulosa e construção de suspense, não apenas entretêm, mas também servem como uma lente pela qual os espectadores podem examinar a complexidade das relações internacionais da época.

A saga de James Bond, portanto, emerge como um recurso pedagógico enriquecedor para o ensino da História, especialmente no contexto da Guerra Fria. Através da análise crítica dos filmes, os estudantes podem explorar uma ampla gama de referências, conexões e tópicos

de discussão que vão além da mera diversão, oferecendo *insights* profundos sobre a dinâmica geopolítica e ideológica do período.

Esta pesquisa reafirma a relevância do cinema como um meio poderoso de representação e construção histórica. A figura icônica de James Bond e sua saga oferecem uma rica tapeçaria de simbolismo e narrativa que refletem as complexidades da Guerra Fria, tornando-se uma ferramenta valiosa para educadores e estudiosos interessados em desvelar as camadas de significado e influência cultural deste relevante período histórico.

Ao longo deste trabalho, verificamos como os filmes históricos podem enriquecer o aprendizado dos estudantes, proporcionando novas perspectivas sobre eventos passados e incentivando uma reflexão crítica sobre as representações culturais. A análise fílmica não deve ser vista apenas como uma maneira de ilustrar o passado, mas sim como uma ferramenta poderosa para entender como a história é construída e interpretada. Os filmes não são simples transposições de fatos históricos, mas interpretações que refletem as visões e ideologias de seus criadores e da época em que foram produzidos.

Ao usar filmes como "007 Somente Para Seus Olhos" (1981) em sala de aula, os professores podem não apenas contextualizar eventos históricos, mas também estimular debates sobre temas como a Guerra Fria, geopolítica, espionagem e cultura popular. É fundamental que os educadores orientem os alunos a não apenas absorverem o conteúdo visualmente, mas a questionarem as intenções por trás das escolhas cinematográficas, como direção, roteiro, trilha sonora e cenários.

Além disso, a crítica dos filmes históricos não deve se concentrar apenas na precisão histórica, mas também na compreensão das representações culturais e nas mensagens ideológicas que transmitem. Essa abordagem não apenas enriquece a compreensão dos estudantes sobre o passado, mas também promove habilidades críticas e analíticas essenciais para a cidadania consciente e participativa.

Nesse sentido, ao integrar o cinema ao ensino de História, os professores não estão apenas introduzindo uma ferramenta didática eficaz, mas também estimulando os alunos a explorarem novas formas de pensar e interpretar o mundo ao seu redor. A educação pelo cinema é uma forma de educar o olhar e de desafiar as percepções convencionais, tornando o aprendizado da história uma experiência dinâmica e significativa para os estudantes.

Esta dissertação não apenas explorou a importância do cinema no ensino de História, mas também oferece um guia didático para professores que desejam utilizar o filme "007

"Somente Para Seus Olhos" como uma ferramenta educacional. Esse guia fornece sugestões metodológicas que podem enriquecer o ambiente de aprendizado e ampliar as possibilidades de engajamento dos alunos com o conteúdo histórico.

A construção do guia didático para esta película não se limita à apreciação estética ou narrativa; ele visa proporcionar aos alunos ferramentas para uma análise crítica e contextualizada. Ao explorar temas como espionagem, geopolítica e identidade cultural, os estudantes são desafiados a questionar estereótipos, entender diferentes perspectivas históricas e refletir sobre as complexidades do passado e suas influências no presente.

Durante a análise fílmica, observamos que a película "007 Somente Para Seus Olhos" oferece uma rica oportunidade de explorar não apenas a narrativa e os elementos técnicos do cinema, mas também aspectos históricos, políticos e culturais da década de 1980. Através de uma abordagem interdisciplinar, podemos compreender como o filme reflete e interpreta os dilemas e as dinâmicas da Guerra Fria, além de examinar seu impacto na cultura popular e nas representações sociais da época.

Portanto, "007 Somente Para Seus Olhos" não é apenas um filme de entretenimento, mas uma janela para compreendermos as dinâmicas globais e culturais de uma era específica. Utilizar esta obra cinematográfica como recurso pedagógico permite aos educadores enriquecerem o ensino de História e Cinema, proporcionando uma aprendizagem mais profunda e envolvente para os alunos, conectando o passado com as realidades contemporâneas de forma crítica e reflexiva.

REFERÊNCIAS

- ABUD, K. M. **A construção da didática da História: algumas ideias sobre o uso do cinema no ensino de História.** Revista História. São Paulo: Unesp, v. 22, n. 1, 2003.
- ALMEIDA, R. **CINEMA E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS.** Educ. rev., Belo Horizonte, v. 33, e153836, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982017000100107&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 mar. 2024. Epub 03-Abr-2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698153836>.
- BARROS, J. D. **Cinema e história: considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas.** Comunicação & Sociedade, São Paulo, v. 32, n. 55, 2011, p. 175-202. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2324/2504>>. Acesso em: 25 mai. de 2024.
- BITTENCOURT, C. **Ensino de História: Fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, C. **O Saber Histórico na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2004.
- BLACK, J. **The Politics of James Bond: From Fleming's Novel to the Big Screen.** Lincoln: University of Nebraska Press, 2005.
- BLACK, J. **The world of James Bond: the lives and times of 007.** Nova York: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- CEPIK, M. **Espionagem e Democracia: Agilidade e Transparência como Dilema de Institucionalização.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- CEPIK, M. **Inteligência Governamental: Contextos Nacionais e Desafios Contemporâneos.** Rio de Janeiro: Impetus, 2011.
- CERTEAU, M. **A escrita da História.** tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHAIA, M. **Cinema: político desde o seu nascimento.** São Paulo: Revista Aurora, volume 5, 2009.

CHAPMAN, J. **Licence to Thrill: a cultural history of James Bond films**. London: I. B. Tauris, 2007.

COLLINS, R. **Transforming America: politics and culture during the Reagan years**. New York: Columbia University Press, 2007.

CORK, J, STUTZ, C. **James Bond Encyclopedia**. New York: DK Publishing, 2009. DUARTE, R. **Cinema & Educação**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUFRESNE, C. **A magia da imagem em movimento**. In: *História Viva*. São Paulo: Duetto Editorial, Ano II, Nº 15, Janeiro/2005. p. 72-80.

FERREIRA, R. **História pública e cinema: o filme Chico Rei e o conhecimento histórico**. *Estud. hist. (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 275-294, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321862014000200275&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 fev. 2024. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862014000200004>.

FERRO, M. **“O filme: uma contra-análise da sociedade?”** In: LE GOFF, J.; NORA, P. (org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

FONSECA, S. G. **Cinema e Ensino de História**. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Minas Gerais, p.151-158, 2009.

FREGAPANI, G. **Segredos da espionagem: a influências dos serviços secretos nas decisões estratégicas**. Brasília, DF: Tagore, 2017.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JEFFORDS, S. **Hard Bodies: Hollywood Masculinity in the Reagan era**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1993.

JAKOBSON, R.. **Decadência do cinema? In: _____**. *Linguística, Poética, Cinema*. Tradução de Francisco Achcar. São Paulo: Perspectiva, 1970.

KARNAL, L. et al. **História dos Estados Unidos : das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KENEZ, P. **Cinema e Revolução: O Cinema Soviético na Era de Stalin**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2007.

LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, A. C. **Apostando na produção contextual do currículo**. AGUIAR, Â. S.; DOURADO, L. F. (Orgs.). A BNCC na contramão do PNE 2014-2014: avaliação e perspectivas. Recife: ANPAE, 2018. p. 23-27.

LOPES, P. H. O. **Meu nome é Bond. James Bond**. Criação musical, paisagens sonoras e midiáticas da cinquentenária saga do agente secreto 007. 117p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, 2019.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. **Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Médio e Novo Ensino Médio** / Organizadores Helio Queiroz Daher; Davi de Oliveira Santos; Marcia Proescholdt Wilhelms. Campo Grande - MS : SED, 2021. (Série Currículo de Referência; 2). 375p.

MORETTIN, E. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro** IN: CAPELATO, M. H. e outros (orgs.). História e cinema: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2007.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula** . São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, J. C. **Cinema e ensino de história: realidade Escolar, propostas e práticas na sala de Aula**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, vol. 5, n. 2, abril/ maio/ junho, 2008.

PENTEADO, C. L. C, ARAÚJO, B. N.. **Da Guerra Fria aos dias atuais: James Bond e a naturalização do Homo-Consumericus**. C&S – São Bernardo do Campo, v. 40, n. 3, p. 269-293, set.-dez. 2018

PIRES, M; SILVA, S. **O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo**. Educ. Soc., Campinas , v. 35, n. 127, p. 607-616, jun. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302014000200015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 mar. 2024. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302014000200015>.

PRETTO, M. (2015). **O uso de product placement como estratégia de comunicação – um estudo de caso do filme 007 - Cassino Royale**. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social

– Publicidade e Propaganda. Santa Maria, RS, Brasil.

ROSENSTONE, R. A. **A história nos filmes, os filmes na história**. 2ª edição – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SANTOMÉ, J. T. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In.: SILVA, T. T. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. pg. 155-172.

SILVA, F. **Guerras e Cinema: um encontro no tempo presente**. *Tempo*, n.º 16, 2004, p. 93-114.

SIROTA, D. **Back to Our Future: how the 1980s explain the world we live in now – our culture, our politics, our everything**. New York: Ballantine Books, 2011.

SORLIN, P. **The cinema: American weapon for the Cold War**. *Film History*, v. 10, 1998, p. 375-381.

VALIM, A. B. **Imagens vigiadas: uma História Social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945 1954** / Alexandre Busko Valim. – 2006. 302 f.; il.

VIGLUS, D. **O filme na sala de aula: um aprendizado prazeroso**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1532-8.pdf>>. Acesso em: em 25 mai. 2024.

YOUNG, D. **Bond. James Bond**. *A Statistical Look at Cinema's Most Famous Spy*. 2014